

CIBELE CARVALHO

**AS HAGIOGRAFIAS FRANCISCANAS (século XIII): uma reconstrução do  
conceito de pobreza.**

CURITIBA

2011

CIBELE CARVALHO

**AS HAGIOGRAFIAS FRANCISCANAS (século XIII): uma reconstrução do conceito de pobreza.**

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutora em História, Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fátima Regina Fernandes.

CURITIBA

2011

Catálogo na publicação  
Sirlei do Rocio Gdulla – CRB 9ª/985  
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação – UFPR

Carvalho, Cibebe  
As Hagiografias Franciscanas (século XIII): uma reconstrução  
do conceito de pobreza / Cibebe Carvalho. – Curitiba, 2011.  
167 f.

Orientadora: Profª. Drª. Fátima Regina Fernandes  
Tese (Doutorado em História) - Setor de Ciências  
Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

1. Hagiografia – Século XII-XIII. 2. Franciscanos – Pobreza.  
3. Pobreza – Conceitos – Século XIII. I. Título.

CDD 270.5



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,  
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.  
E-mail: cpghis@ufpr.br Website: www.poshistoria.ufpr.br

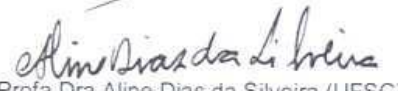
#### PARECER DA BANCA EXAMINADORA


Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PGHIS/UFPR) para realizar a arguição da Tese de Doutorado de Cíbele Carvalho, intitulada: **As hagiografias franciscanas (século XIII) uma busca incessante para definir a pobreza ideal**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO, completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Doutor em História**.

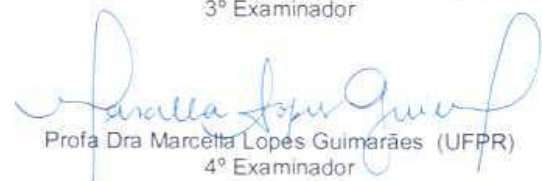
Curitiba, dezoito de outubro de dois mil e onze.

  
Prof. Dra Fátima Regina Fernandes Frighetto  
Presidente da Banca Examinadora

  
Prof. Dr. José Carlos Simenez (UEM)  
1º Examinador

  
Prof. Dra Aline Dias da Silveira (UFSC)  
2º Examinador

  
Prof. Dra Márcia Dalledone Siqueira (UFPR-aposentada)  
3º Examinador

  
Prof. Dra Marcela Lopes Guimarães (UFPR)  
4º Examinador

Dedico este trabalho aos meus filhos Emili e Davi pela paciência em esperar minha atenção, ao meu marido Otavio pelo companheirismo, aos meus pais pelo amor, a minha avó pelo amor e carinho. E a todos que me auxiliaram ao longo do caminho.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fátima Regina Fernandes pela atenção dispensada ao longo destes quatro anos, pela sua paciência e compreensão que foram meu esteio nos momentos de angústia. Sem sua dedicação e ajuda provavelmente este trabalho não teria obtido êxito.

A minha amiga Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Siqueira por mais uma vez estar presente em minha caminhada me auxiliando e orientando para o sucesso da minha tese.

A Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marcella Lopes Guimarães pelas sugestões e indicações bibliográficas para o êxito da pesquisa.

Aos frades franciscanos que me auxiliaram com material e acesso as bibliotecas dos conventuais.

Ao Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Nachman Falbel pelas orientações e sugestões ao longo do caminho, sua brilhante carreira acadêmica foram uma inspiração para minha pesquisa.

Ao Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> José Antonio C. R. de Souza que gentilmente aceitou participar da minha defesa pública de doutorado, mas que por razões adversas não pode comparecer.

Ao Prof.<sup>o</sup> Dr. José Carlos Gimenez que gentilmente aceitou compor a banca de defesa pública de doutorado.

A Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aline Dias da Silveira que amavelmente atendeu ao pedido da minha orientadora para participar da minha defesa pública de doutorado.

A todos que contribuíram com o trabalho e deram palpites, sugestões ou críticas que só fortaleceram o trabalho.

“A verdadeira pobreza se testa na obediência, pois aí se trata da renúncia ao dom mais precioso que Deus entregou a cada um, a vontade e a liberdade.”  
(BOFF, 1981, p. 89-90)

## SUMÁRIO

|  |             |
|--|-------------|
| <b>DEDICATÓRIA .....</b>   | <b>ii</b>   |
| <b>AGRADECIMENTOS .....</b>                                      | <b>v</b>    |
| <b>EPÍGRAFE .....</b>  | <b>vi</b>   |
| <b>LISTA DE ABREVIATURAS .....</b>                               | <b>ix</b>   |
| <b>LISTA DE IMAGENS .....</b>                                    | <b>x</b>    |
| <b>RESUMO .....</b>  | <b>xi</b>   |
| <b>ABSTRACT .....</b>  | <b>xii</b>  |
| <b>RÉSUMÉ .....</b>  | <b>xiii</b> |
| <b>1. INTRODUÇÃO .....</b>                                       | <b>14</b>   |
| <b>2. HAGIOGRAFIA, FONTES FRANCISCANAS E FRANCISCO .....</b>     | <b>29</b>   |
| 2.1 Conceito de Hagiografia.....                                 | 29          |
| 2.2 As Fontes Franciscanas.....                                  | 37          |
| 2.2.1 As Legendas .....  | 45          |
| 2.2.2 A outra Legenda.....                                       | 46          |
| 2.2.3 Biografias Incompletas.....                                | 47          |
| 2.2.4 Admoestações .....   | 48          |
| 2.2.5 Cartas.....  | 49          |
| 2.3 O Contexto de fundação da Ordem, Francisco e seu tempo ..... | 51          |
| 2.3.1 Contexto.....  | 54          |
| 2.3.2 A conversão .....  | 56          |
| 2.3.3 Inícios da Ordem.....                                      | 58          |
| 2.3.4 A Ordem cresce a cada dia.....                             | 60          |
| 2.3.5 A questão da Regra e suas consequências.....               | 70          |
| 2.3.6 Os estigmas e sua morte .....                              | 72          |
| 2.4 Os autores e seu tempo .....                                 | 80          |



|  |     |
|--|-----|
| 2.4.1. <i>Vita Prima</i> .....   | 80  |
| 2.4.2. <i>Legenda dos Três Companheiros</i> .....  | 85  |
| 2.4.3. <i>Legenda Maior</i> .....  | 89  |
| <b>3. O CONCEITO DE POBREZA EM CADA UMA DAS HAGIOGRAFIAS E SUA APROPRIAÇÃO PELOS AUTORES</b> ..... | 95  |
| 3.1 <i>Vita Prima</i> de Tomás de Celano .....   | 95  |
| 3.2 <i>Legenda Trium Sociorum</i> de Ângelo, Leão e Rufino.....                                    | 115 |
| 3.3 <i>Legenda Maior</i> de Boaventura de Bagnoregio.....  | 130 |
| <b>4. CONCLUSÃO</b> .....  | 146 |
| <b>5. CRONOLOGIA FRANCISCANA (século XII e XIII)</b> .....   | 151 |
| <b>6. REFERÊNCIAS</b> .....  | 155 |
| 6.1 FONTES.....  | 155 |
| 6.2 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....   | 156 |
| <b>7. ANEXOS</b> .....   | 163 |
| Anexo 1- Estrutura <i>Vita Prima</i> :.....  | 163 |
| Anexo 2 – Estrutura <i>Legenda dos Três Companheiros</i> :.....                                    | 166 |
| Anexo 3 – Estrutura da <i>Legenda Maior</i> :.....   | 168 |

## LISTA DE ABREVIATURAS

**AP** - Anônimo de Perusa (autor desconhecido)

**1C** - Primeira Vida (Tomás de Celano)

**2C** - Vita Secunda (Tomás de Celano)

**CJJ** - Crônica de Jordão de Jano

**FF** - Fontes Franciscanas (SILVEIRA, Ildefonso; REIS, Orlando dos (Org.). **São Francisco de Assis**: escritos e biografias de São Francisco de Assis; crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscanos. Petrópolis: Vozes, 2000.)

**LM** - Legenda Maior (Boaventura)

**LTC** - Legenda dos Três Companheiros (Frei Ângelo, Rufino e Leão)

**RB** – Regra Bulada (1223)

**RNB** – Regra não Bulada (1221)

## LISTA DE IMAGENS

FIGURA 1 – **Boaventura se torna mestre**. Disponível em:  
<<http://www.promotoresdavidia.org.br/vida-de-santos/201-sao-boaventura-3-catequeses-do-papa-bento-xvi>> Acesso em 24/07/2011.

FIGURA 2 – **Imagem de Tomás de Celano** (pintor desconhecido – século XIV)  
Disponível em: <<http://es.catholic.net/santoral/articulo.php?id=33236>> Acesso em 31/08/2011.

FIGURA 3 – **Os três companheiros apresentam a Legenda**. Disponível em:  
<<http://brasilfranciscano.blogspot.com/2008/11/legenda-dos-trs-companheiros-1.html>> Acesso em 01/08/2011.

FIGURA 4 – **Legenda Maior**. Esta é a mais recente edição de facsimile da *Legenda Maior*, o códice conservado na Biblioteca Central Nacional “Vittorio Emanuele II” de Roma. Disponível em:  
<<http://www.miniaturaitaliana.com/blog/?p=1558>> Acesso em 29/07/2011.

## RESUMO

A presente pesquisa visa estabelecer a mudança no conceito de pobreza empregado em três hagiografias franciscanas. Primeira *Vita prima* de Tomás de Celano datada do ano de 1229, a primeira biografia de Francisco e oficial. Segunda *Legenda dos Três Companheiros* atribuída a três discípulos de Francisco, Ângelo, Leão e Rufino, cada qual com importância determinante na vida do “santo”. Terceira *Legenda Maior* de Boaventura de Bagnoregio, considerado o grande reformulador da Ordem dos Frades Menores e considerado pela historiografia um dos maiores mestres franciscanos. A partir da análise destas três obras verificamos a pobreza e sua mudança, como cada um destes autores via a pobreza franciscana e qual a idealizada por cada uma destas figuras? Temos uma rica coletânea de fontes hagiográficas referentes a Francisco, mas optamos pelas que a nosso ver apresentavam mais subsídios para a análise. O gênero hagiográfico segue um modelo previamente determinado ainda na antiguidade (modelo de edificação do leitor), mas as vidas de Francisco acabam por fugir do senso comum trazendo inovações na forma de escrevê-las. Esta é uma das razões pela escolha destas hagiografias franciscanas para nossa análise, os biógrafos franciscanos queriam muito mais do que apenas narrar os fatos da vida do “santo”, suas obras determinam dentro da Ordem uma concepção pobreza a ser buscada na figura de seu fundador.

**Palavras-chave:** Franciscanismo, hagiografia, pobreza.

## ABSTRACT

This present research aims to the change in the definition of poverty used in the three franciscan hagiography. First Vita Prima of Thomas of Celano dated the year 1229, the first biography of Francis and official. Second Legend of the Three Companions attributed to three followers of Francis, Angelo, Leon and Rufino, each with crucial importance in the life of "Saint". Third Greater Legend of Bonaventure of Bagnoregio, considered the great reformer of the Order of Friars Minor and is considered one of greatest masters franciscan of historiography. From the analysis of these three works we see poverty and it's change, how each of these authors saw the franciscan poverty and what is the idealized by each of these figures? We have a rich collection of hagiographic sources referring to Francis, but we choose for our view that presented more support for the analysis. The hagiographic genre follows a predetermined model seniority (model building of the reader), but the lives of Francis eventually escape the common sense bringing innovations in the way of writing them. This is one of the reasons for the choice these franciscan hagiography to our analysis, the franciscan biographers wanted much more than just to narrate the facts of life "saint", his works, determine inside the Order a conception of poverty to be sought in the figure of it's founder.

**Keywords:** Franciscan, hagiography, poverty.

## RÉSUMÉ

Présente recherche vise à établir le changement dans la définition de la pauvreté utilisée dans trois hagiographie franciscaines. Premièrement Vita cousin de Thomas de Celano des dates de l'année 1229, la première biographie de François et officiels. Légende deuxième des Trois Compagnons affectés à trois disciples de François, Ange, Léon et Rufin, dont chacune a une importance vitale dans la vie de «saint». Troisième légende du Grand Bonaventure de Bagnoregio, considéré comme le grand réformateur de l'Ordre des Frères Mineurs et considéré par les plus grands maîtres de l'historiographie comme un franciscain. De l'analyse de ces trois œuvres que nous voyons la pauvreté et son évolution, comme chacun de ces auteurs a vu la pauvreté franciscaine et ce qui est imaginé par chacun de ces chiffres? Nous avons une riche collection de sources hagiographiques allusion à Francis, mais nous avons choisi pour notre point de vue qui ont montré un plus grand soutien pour l'analyse. Le genre hagiographique suit une prédéterminé, même dans l'antiquité (construction du modèle du lecteur), mais la vie de François finit par échapper au sens commun apportant des innovations dans leur écriture. C'est une des raisons du choix de ces hagiographie franciscaine pour notre analyse, les biographes franciscains voulaient beaucoup plus que simplement raconter les faits de la vie «sainte», ses œuvres au sein de l'Ordre de déterminer un concept de pauvreté à poursuivre dans la figure de son fondateur.

**Mots-clés:** franciscains, l'hagiographie, de la pauvreté.

## 1. INTRODUÇÃO

O trabalho visa à análise dos textos hagiográficos do século XIII para realizar a verificação da reconstrução do conceito de pobreza nas hagiografias escolhidas para pesquisa partindo do pressuposto de que se trata de textos literários. A pobreza sempre foi uma questão conflitante dentro da Ordem dos Frades Menores, devido ao fato da opção de Francisco pela pobreza absoluta, que com o crescimento desordenado da Ordem levou ao ingresso de frades que não viam essa escolha como sendo a mais acertada. Isso acabou gerando várias dúvidas sobre que pobreza um frade deveria praticar e consequentemente se a Ordem deveria ou não ter bens, isso gerou uma acusação do “*usus pauper*” que irá dar origem a uma profusão de obras para defender os frades. A questão sobre a pobreza vivida e pensada leva a minha indagação sobre os textos hagiográficos, como cada autor construiu sua pobreza e por quê?

Para fazer essa análise escolhi três textos hagiográficos do século XIII, a escolha parte do pressuposto histórico de cada obra que pertencem a momentos distintos da Ordem e realizados por personalidades de relevância na história franciscana. A seguir uma descrição de cada fonte selecionada para elaboração da tese:

1ª *Vita Prima* 1229 – Tomás de Celano (1185-1260) - Está dividida em capítulos e parágrafos. Sendo um total de 30 capítulos e 87 parágrafos. Obra que inaugura uma série de hagiografias referentes a Francisco de Assis. Tomás de Celano escreve seu texto para ser o que iria inaugurar o culto ao novo “santo”. Francisco foi canonizado em 1228 e no ano seguinte é apresentada a obra de Celano para os franciscanos. O Papa Gregório IX terá uma importância decisiva na construção desta hagiografia, a escolha de Celano até os dias de hoje não está bem explicada, pois no mesmo período encontramos outros frades com capacidade e habilidades que os capacitaria para a construção de tal obra.

*Vita Prima* apresenta um “novo Cristo” sua construção parte do pressuposto de que Francisco cumpria um caminho determinado desde seu

nascimento até sua morte. A pobreza nesta hagiografia é uma construção desse “novo homem de Cristo”, Celano faz um jogo com as palavras para associar Francisco com a pobreza, como se ambos fossem a mesma coisa. Provavelmente, Celano era do grupo dos dedicados a memória do fundador, apesar de ser uma obra por encomenda é a que mais se aproxima do que seria o verdadeiro Francisco.

Para ele, Francisco, “tomado pelo novo e especial espírito” (6), era “o novo soldado de Cristo” (9), que dirigia os “novos discípulos de Cristo” (34, 38), os “primeiros e melhores frutos” da “vinha escolhida”, “que a mão do Senhor tinha plantado havia pouco neste mundo” (74). Esse “homem do outro mundo” (82), dizia até o fim: “Vamos começar a servir a Deus, meus irmãos, porque até agora fizemos pouco ou nada” (103). Celano a todo o momento estará se referindo a *novita* de Francisco.

Todos os seus sucessores o utilizam como base na reconstrução de novas versões. A construção de hagiografias entre os franciscanos nos séculos XIII e XIV não cessou. Temos um total de dezessete hagiografias neste espaço de tempo.

A busca por uma representação ideal de Francisco se prolongou por vários séculos. Tomás de Celano pelo fato de ser o primeiro acabou representando um Francisco ideal para aquele contexto, mas que não dava conta dos vários questionamentos que rondavam a Ordem.

As principais características da obra de Celano são:

- Conceito de predestinação em relação ao biografado;
- Pobreza vivida e praticada pelos seus irmãos;
- Reforça a ideia de confiabilidade do que está sendo relatado;
- Edificação do leitor com exemplos de extrema renúncia material;
- Não cita períodos conturbados entre os frades, escrita da Regra de 1221 e abandono da Ordem em 1220;
- Não menciona detalhes de sua vida antes da conversão;



- Francisco é relatado como atemporal.

2ª *Legenda dos Três Companheiros* – 1246 (Ângelo, Leão e Rufino) - Estrutura – 18 capítulos, 73 parágrafos. Um dos documentos biográficos mais importantes sobre Francisco chama-se *Legenda dos Três Companheiros*. Recebeu este nome porque os manuscritos conhecidos iniciam-se com uma Carta escrita em Grécio, em 11 de agosto de 1246, realizada para o Ministro Geral apresentando alguns dados biográficos de Francisco narrados por três de seus primeiros companheiros: Frei Leão, Frei Rufino e Frei Ângelo. Claramente veremos que os "três companheiros" apresentaram um *florilégio*, isto é, um conjunto de casos mais ou menos organizados em temas.

Leão é considerado um dos grandes nomes dos espirituais no século XIII, a ele é atribuído os acréscimos realizados na *Legenda*. Durante a vida de Francisco era o seu secretário particular responsável pela escrita de vários documentos atribuídos a Francisco.

Rufino era o enfermeiro de Francisco, pois o mesmo encontrava-se extremamente debilitado nos últimos anos de vida. Várias fontes lhe atribuem participação em vários momentos cruciais para Ordem, como a destruição da Regra de 1221 por Elias e outros confrades.

Ângelo era o “guardião de Francisco” o seguia a todos os lugares, protegendo-o. Entre os três companheiros foi o único que esteve com Francisco em Roma, quando a primeira Regra foi aprovada oralmente. Encontramos vários relatos em outras fontes sobre o quanto Ângelo era tentado pelo demônio e de quantas vezes Francisco o salvou. Isso gerou entre eles um laço de companheirismo muito forte, que é determinante para a escolha de Ângelo para ser um dos três companheiros.

A pobreza nesta hagiografia não aparece tantas vezes como em outras fontes, porque para esses frades a pobreza era o próprio fundador, ele era o espelho das “virtudes naturais” (3), “vaidoso em dissipar os bens terrenos” (3), “a verdadeira pobreza que ele almejava *acima* de tudo neste mundo” (10), “perseverou até o fim na santíssima pobreza” (39), “o homem de Deus” (33). Essa era a pobreza que Francisco representava para estes frades, essência e

amor. Tudo relatado na hagiografia reflete para uma renúncia a favor de um bem maior a Ordem. Narra a trajetória de vários personagens marcantes na história franciscana e Francisco fica como coadjuvante.

3ª *Legenda Maior* - 1263 – Boaventura de Bagnoregio (1221-1274). Estrutura – um prólogo, 15 capítulos e um apêndice de milagres. No prólogo encontra-se a justificativa para realização de uma nova hagiografia sobre Francisco, bem como uma legitimação de sua obra.

- Obra de cunho pacifista;
- Afirmção de Francisco como “anjo do sexto selo”;
- Construção mística da representação de um Francisco que se caracteriza como “perfeição evangélica”;
- Utiliza a representação das três vias, que havia abordado em obra anterior “As Três Vias” para mostrar o caminho que Francisco faz para chegar a Deus:
  1. Purificação (período da conversão até a aprovação da Regra de 1209);
  2. Iluminação (aproximação gradual com a pobreza e as coisas que nela residem);
  3. União (recepção dos estigmas).

A pobreza na obra de Boaventura representa a constante busca de Francisco para alcançar a “perfeição evangélica”. Apesar de escrever num período de extremo radicalismo no interior da Ordem e fora a desconfiança rondavam as outras Ordens.

Boaventura concentra sua produção literária em obras de defesa da Ordem e da memória franciscana. Sua visão de mundo influenciou decisivamente a escrita da nova hagiografia, como por exemplo, seu radicalismo em mandar queimar todas as outras hagiografias existentes para que apenas a sua fosse considerada genuína e oficial.

Até o século XVIII só conhecia-se o Francisco apresentado por Boaventura. As outras hagiografias ficaram perdidas ou esquecidas, quando em meados do século XVIII, foram encontrados os primeiros códices da *Legenda dos Três Companheiros*, na sequência códices da *Vita Prima* e muitas outras hagiografias começaram a aparecer em vários lugares da Europa, com o surgimento destas fontes tem se início à “questão franciscana”, ou seja, a busca pela datação e veracidade das obras encontradas.

Essa foi uma breve apresentação das três fontes escolhidas para o trabalho. O texto hagiográfico se torna cada vez mais um espelho para homens e mulheres que buscam sua salvação e perdão dos pecados (renúncia, abstinência, humildade, caridade). Deixar seus bens materiais e viver segundo o *Evangelho* atraía muitas pessoas. “A partir daí, o elogio da pobreza passa a só poder aplicar-se a um grupo restrito de eleitos que aspiram atingir, através das privações, a perfeição na sua vida de cristãos, renunciando ao mesmo tempo, voluntariamente, ao desempenho do seu papel social”.<sup>1</sup>

Nesta busca desenfreada para alcançar a perfeição evangélica surge Francisco. Nascido no ano de 1182, na pequena cidade de Assis, Úmbria, Itália<sup>2</sup>. Foi o fundador ou idealizador de três ordens: Ordem dos Frades Menores ou Primeira Ordem (1209), Ordem das Damas Pobres (Clarissas) ou Segunda Ordem (1212) e a Ordem dos Penitentes ou Terceira Ordem (1221).

Depois da fundação da Ordem Franciscana, vários conceitos foram reformulados. Por se tratar de uma Ordem Mendicante, basicamente urbana voltada para a pregação em grandes centros colocando um novo modelo de salvação individual (cada indivíduo é responsável por sua própria salvação) e trazendo novos conceitos como pobreza voluntária, humildade, penitência (com um teor mais duro, sem penitência não se obtém a salvação). A respeito da penitência pode-se citar o caso da Ordem Terceira ou Ordem dos Penitentes que chegaram a pedir para o Papa Honório III, para que fossem amenizados os longos períodos de jejum e penitência cobrados por Francisco. Francisco poderia ser facilmente colocado como o primeiro grande reformador medieval.

---

<sup>1</sup> GEREMEK, B. **A piedade e a força**: história da miséria e da caridade na Europa. Lisboa: Terramar, 1986. p. 29.

<sup>2</sup> STICCO, M. **São Francisco de Assis**. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 45.

A partir de seus conceitos e modelos, outros surgiram com os mesmos ideais. Pode-se colocar como exemplo: Pedro João Olivi, líder dos espirituais e Boaventura, que seria o grande doutor franciscano, ambos do século XIII. Estes e muitos outros franciscanos seguiram o exemplo de seu fundador, tornando-se grandes reformadores do pensamento medieval.

Também traz diferenças em relação ao próprio modo de vida praticado pelos religiosos que viviam em conventos, mosteiros, abadias e agora a proposta franciscana era o auxílio ao próximo e não isolamento do século, os grandes centros urbanos eram a preferência dos frades. Sobre esse novo modo de viver segundo o *Evangelho* foram escritas diversas obras de cunho científico que contribuíram para a compreensão deste homem e de seu movimento (ver organograma na p. 35).

Ser frade no século XIII significava realizar a própria vida do Cristo, pobre e humilde apresentando uma renúncia total dos bens materiais, um sonho de vários homens e mulheres no período medieval. “Não podemos, entretanto, imaginar a vida do Frade Menor sem o carisma de São Francisco”<sup>3</sup>.

Outra característica o carisma de Francisco, que para Constantino Koser consistia no “amor fraterno, fidelidade à pobreza, eclesialidade”<sup>4</sup>, essas como as principais características de Francisco. Os frades tentam viver de acordo com os pressupostos contidos no *Evangelho* e seguir os passos de seu fundador (renúncia total aos bens materiais, prática diária da penitência, comunhão entre irmãos, auxílio ao próximo incondicional, viver de acordo com a vida Evangélica de Cristo nesse ponto reside à pobreza). Um frade franciscano despojava-se de tudo para poder viver plenamente seu ideal, esta busca por uma pobreza absoluta é que irá gerar conflitos dentro e fora da Ordem. A pobreza sempre será o ponto de união e desunião entre os frades, viver sem bens ou ter bens, pobreza ou austeridade, letrados ou iletrados! Esses conceitos permeiam a vida de um frade no século XIII, principalmente após a morte do símbolo de tudo isto, Francisco e justamente com essas dúvidas internas é que surgiram as obras hagiográficas referentes a Francisco

---

<sup>3</sup> DIRETÓRIO DA REGRA DE SÃO FRANCISCO: editado, como manuscrito, pelos Franciscanos da Alemanha. Petrópolis: Vozes, 1958. p. 17.

<sup>4</sup> KOSER, C. **O pensamento franciscano**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 25-34.

e que compõem as chamadas “Fontes Franciscanas” (FF), coletânea preciosa sobre os primeiros séculos franciscanos.

Para entender contexto de escrita das referidas hagiografias franciscanas, recorre-se a alguns referenciais teóricos como Raoul Manselli, especialista em franciscanismo, professor da Universidade de Roma, que em sua obra intitulada *São Francisco*<sup>5</sup>, além de analisar a vida de Francisco, do nascimento até a morte, também analisa as hagiografias de maior relevância no franciscanismo. Contextualizando-as em seu tempo e espaço, o que dará suporte para a pesquisa. Segundo Manselli “*Vita Prima* de Tomás de Celano que, escrita por solicitação do Papa Gregório IX, tinha todo o interesse em sublinhar a importância exercida pelo papa na aprovação da regra de Francisco.”<sup>6</sup> A influência da Igreja sobre *Vita Prima* é clara, declara Manselli, mas isso não desmerece a importância da fonte hagiográfica, que retirando o teor profético<sup>7</sup> nos revela muito da vida e cotidiano, dos princípios da Ordem Frades Menores. Os textos hagiográficos são ricos em detalhes que muitas vezes passam despercebidas em uma primeira leitura.

Outro autor utilizado é Jacques Le Goff, que no livro *São Francisco de Assis*<sup>8</sup> realiza uma coletânea de artigos realizados ao longo dos seus estudos sobre franciscanismo das origens. Le Goff discute sobre as primeiras fontes referentes a Francisco tangendo a questão da veracidade do que é narrado nas hagiografias ou o que é apenas uma construção. Porém, não chega a concluir nenhuma ideia, apenas levanta algumas questões para serem pensadas e quem sabe pesquisadas pelos interessados no assunto.

Já Carlo Paolazzi, realiza um levantamento histórico das obras, frei da Ordem dos Frades Menores em Trento, estudioso e professor da Universidade Católica de Milão em seu livro *Lettura degli “Scritti” di Francesco d’Assisi*<sup>9</sup>, analisa o contexto biográfico das fontes. O interesse em entender as ações que ocorriam no período de escrita das fontes norteará a pesquisa. Será a razão

---

<sup>5</sup> MANSELLI, R. **São Francisco**. Petrópolis: Vozes, 1997.

<sup>6</sup> MANSELLI, op. cit., p. 107.

<sup>7</sup> MANSELLI, op. cit., p. 108.

<sup>8</sup> LE GOFF, J. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

<sup>9</sup> PAOLAZZI, C. **Lettura degli “Scritti” di Francesco d’Assisi**. Milano: Edizioni O. R., 1992.

pela qual se recorre a esses autores que não só analisem as obras, mas as contextualizem em seu tempo. Por essa razão Paolazzi se torna de grande relevância em sua interpretação dos escritos de Francisco, textos estes que nos revelam um pouco mais sobre Francisco e sua visão de mundo que querendo ou não são a base para a construção dos textos hagiográficos do século XIII que recorriam aos escritos do “santo” para obter uma compreensão mais apurada do ideário de Francisco.

Martino Conti em *Estudos e Pesquisas sobre o Franciscanismo das Origens*<sup>10</sup> ressalta que “os hagiógrafos de Francisco ao apresentarem a sua vida, mais do que à hermenêutica medieval, se reportam aos cânones hagiográficos amplamente aprovados na hagiografia cristã do primeiro milênio.”<sup>11</sup> Havia sim uma regra comum a todos os hagiógrafos medievais, que na maioria das vezes era seguida. Vidas se repetiam em atos e fatos, mas há aquelas que possuíam algo que as diferenciava das demais, seja pela forma, seja pelo gênero empregado. Conti, diz ser “a analogia bíblico-franciscana, a qual recorrem os primeiros biógrafos para interpretar a vida de São Francisco”<sup>12</sup>. Muito presente nas primeiras biografias de Francisco e comum também a outros santos, ou seja, a transformação do homem em divino usando como exemplo Cristo e sua renúncia.

A alternância de conceitos de uma hagiografia para outra, também irá diferenciar as obras sobre Francisco. Ildefonso Silveira, especialista em franciscanismo das origens e por muito tempo professor de metodologia do trabalho com fontes no IFAN (Instituto franciscano antropológico) escreve sobre as hagiografias medievais e sua importância como fonte literária a respeito do sagrado. “Mesmo que o gênero literário hagiográfico tenha grande força, com seus moldes e o modo de refletir do tempo, pode haver enormes diferenças de um para outro autor.”<sup>13</sup> As diferenças vão surgindo ao longo da análise, principalmente na conotação do conceito de pobreza em cada obra. Apesar de

---

<sup>10</sup> CONTI, M. **Estudos e pesquisas sobre o franciscanismo das origens**. Petrópolis: Vozes, 2004.

<sup>11</sup> CONTI, op. cit., p. 162-163.

<sup>12</sup> CONTI, op. cit., p. 163.

<sup>13</sup> SILVEIRA, I. **Retrato de Santa Clara de Assis: na literatura hagiográfica**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 17.

tratarem da vida da mesma pessoa, referem-se a pobreza de diferentes maneiras.

A regra é a mesma para qualquer hagiografia (edificação, desapego das coisas materiais, bondade sem fim, humildade extrema, vestir-se pobremente etc.), mas o autor e suas influências pesam no texto final.

A Idade Média foi um período conturbado da história ocidental, devemos lembrar que as fontes escolhidas foram realizadas na Europa, mais precisamente na Península Itálica, influências não faltaram sobre nossos autores. Portanto, esses autores citados como referências teóricas (Paolazzi, Manselli, Conti, Uribe, Messa) são o apoio ao longo desta pesquisa histórica, juntamente com outros que por ventura nos auxiliem (Manselli, Le Goff, Silveira, Pedroso).

Podemos citar ainda outros dois autores que também fazem parte deste seleto grupo de pesquisadores do chamado “franciscanismo das origens”. Primeiro José Carlos Corrêa Pedroso, frade franciscano e escritor de vários livros sobre o tema, professor do Centro Franciscano de Espiritualidade. *Fontes Franciscanas* é o nome de seu livro, onde se acham comentários, datações e contextualização de cada uma delas, inclusive os escritos de São Francisco de Assis também são referenciados nesta obra. Recentemente participou da escrita do prefácio e da introdução da nova coletânea das Fontes Franciscanas e Clarianas edição brasileira. Extremamente competente no assunto “fontes franciscanas”. A obra de José Carlos Pedroso torna-se de suma importância dentro do processo de contextualização das fontes no decorrer da tese.

Fernando Uribe<sup>14</sup> traz muitas respostas e principalmente outras possibilidades sobre a compreensão das hagiografias referentes a Francisco de Assis. Na introdução geral, o autor fornece primeiramente uma explicação e um breve histórico da questão franciscana; depois insere a hagiografia franciscana dentro do contexto mais amplo da literatura contemporânea do mesmo gênero, mostrando a evolução histórica da hagiografia e apontando as principais características da específica hagiografia franciscana. Uribe se

---

<sup>14</sup> URIBE, F. **Introduzione alle agiografie di S. Francesco e S. Chiara D'Assisi (séc. XIII – XIV)**. Roma: Rotatori, 1996.

preocupa com dois fatos cruciais em sua análise, o autor da hagiografia e sobre a data e as circunstâncias de escrita. Uribe faz um esboço das tendências ou correntes e as divergências dos que estudam o problema das fontes franciscanas, mostrando um vasto conhecimento e domínio da matéria. Sua obra é um manual de apoio para os que trabalham com a temática. Mostrando uma direção para seguir durante o progresso da pesquisa histórica das hagiografias. O discurso empregado nas fontes também é preocupação do autor, entender a influência do meio, ou seja, verificar os agentes externos e internos que influenciam a escrita de determinadas hagiografias, no caso Uribe analisa *Vita Prima*, *Vita Secunda* e *Tratados dos Milagres*, as três obras pertencentes a Tomás de Celano. O livro de Fernando Uribe nos auxiliou no desenvolvimento de nossa tese, servindo como suporte em algumas colocações acerca das fontes hagiográficas.

Atualmente a historiografia tem realizado diversos esforços para suprir a grande obra franciscana sobre a origem da Ordem e os primeiros séculos do franciscanismo. Este foi um dos aspectos que motivaram a pesquisa acerca das Fontes Franciscanas. Sendo a coletânea documental muito vasta, optamos em desenvolver a trabalho sobre as hagiografias de Francisco. Fontes diversas que podem trazer várias explicações acerca do modo de vida destes homens medievais e da sociedade que os cercava.

Ainda segundo José Carlos Corrêa Pedroso<sup>15</sup>, as hagiografias referentes a Francisco de Assis podem ser divididas em três grupos, de acordo com três grandes personalidades que se ocuparam em contar a vida de São Francisco: 1) Frei Tomás de Celano, que entrou na Ordem em 1215, conheceu Francisco, e foi encarregado de escrever a primeira biografia oficial; 2) Boaventura, que não chegou a conhecer o “santo”, mas teve oportunidade de falar com muitos que o conheceram e, além disso, como um competente doutor da Igreja, escreveu a biografia que foi considerada oficial por muitos séculos; e 3) Frei Leão, companheiro e secretário de Francisco nos momentos mais importantes.

---

<sup>15</sup> PEDROSO, J. C. C. **Fontes Franciscanas**: apresentação geral. Piracicaba: Centro Franciscano de Espiritualidade, 1998.



A partir desta divisão biográfica das vidas de Francisco, escolhemos três hagiografias (já citadas anteriormente) que julgamos de maior relevância dentro das “Fontes Franciscanas” para verificarmos a mudança do conceito de pobreza. “No caso da pobreza voluntária, os modelos hagiográficos – sejam os mais antigos como o proposto por Santo Aleixo, sejam os mais recentes como o modelo de S. Francisco – exaltam os actos de renúncia ao poder ou aos bens materiais por parte dos abastados.”<sup>16</sup>

Os hagiógrafos que se aventuraram a escrever sobre ele tinham uma relação pessoal com o biografado ou pertenciam a Ordem Franciscana, seja pelo simples fato de pertencerem a Ordem ou pela convivência com Francisco. Temos então três relatos distintos sobre Francisco, cada qual priorizando certos conceitos (pobreza, humildade, caridade, perfeição, obediência, etc.) à sua maneira, conceitos que para eles e naquele momento são de alguma importância. Sendo assim, procura-se nessas fontes como será demonstrada a pobreza por cada autor e se essa pobreza está de acordo com a praticada por Francisco ao longo de sua vida. Outras questões surgem a partir desta busca: quais conceitos são comuns a elas, quais não são? Como cada autor apresenta o conceito de pobreza? Qual há influência do meio (interno e externo) na escrita das obras e até que ponto vai esta influência?

Cada autor pertence a uma corrente orientadora de sua espiritualidade dentro da Ordem daí a existência de várias representações de Francisco nos escritos destes autores. Portanto, essas fontes refletem sobre essas questões, que suscitam o interesse da historiografia recente, entender a viabilidade do conceito de pobreza, presente nestas obras, todas de meados do século XIII, momento de maior expansão do franciscanismo<sup>17</sup> e das ideais primitivos<sup>18</sup> de Francisco. Período em que os irmãos viviam da caridade e boa vontade dos

---

<sup>16</sup> GEREMEK, op. cit., p. 34.

<sup>17</sup> “Em 1221 a Fraternidade dos frades – evidentemente subdividida em fraternidades provinciais (regionais) e locais – soma cerca de 3.000 membros e cerca de 5.000 no final de 1223; dois anos após a morte de Francisco (1226), atinge a cifra de 10.000 e de 15.000 em 1235. Chega aproximadamente a 30.000 membros em 1227. Faz-se presente em toda a Europa”. MOREIRA, Alberto da Silva (Org.). **Herança Franciscana**. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 108.

<sup>18</sup> Quando me refiro a ideais primitivos, estou falando do ideal de Rivotorto (uma comunidade de leigos voltada para a pobreza e auxílio ao próximo), sem posses e sem a tutela da Igreja.

outros, a pequena Igreja localizada em Rivotorto marca esse momento para os frades. “Não eram nada, mas tinham tudo”.

A Ordem Franciscana após a morte de Francisco começou uma divisão interna entre os frades, ou seja, uma divisão de espiritualidade ou conceitos. O Ministro Geral na época Frei Elias de Cortona, pertencia a uma corrente que defendia a construção de conventos, o crescimento da Ordem através dos estudos superiores para os frades. E, com o ingresso de frades teólogos e filósofos na Ordem trouxe vários questionamentos entre os mais antigos irmãos. Esse novo rumo que a Ordem tomava não estaria causando o afastamento do que Francisco propunha. Assim, esta nova Ordem que começava a se formar dividiu-se entre os a favor da vida primitiva de Rivotorto (comunidade de leigos em torno da pobreza absoluta) e os a favor dos estudos e o crescimento da Ordem. As obras utilizadas nesta pesquisa são influenciadas pelas correntes franciscanas. Por exemplo, São Boaventura autor da *Lengenda Maior* era um conventual assumido e sua posição era bem clara a respeito desse ponto. Já Tomás de Celano defendia uma volta às origens franciscanas, o que também veremos claramente em sua obra *Vita Prima*.

A partir destas colocações dividimos a tese em dois capítulos: primeiro a descrição das Fontes Franciscanas, uma breve biografia de Francisco (focando o surgimento da Ordem e a adoção da pobreza absoluta) e explanação sobre o gênero hagiográfico. Também definimos nesse capítulo as fontes escolhidas para análise, bem como sua construção, dados dos autores e o tempo de construção das hagiografias. No segundo faz-se a análise das hagiografias priorizando a reconstrução do conceito de pobreza para cada autor sempre realizando um paralelo com a pobreza vivida por Francisco e a pobreza pensada praticada pelos frades.

Verificam-se as influências externas e internas sofridas pelos autores para comporem a obra. Realizamos uma análise das fontes franciscanas buscando a mudança do conceito de pobreza presente em cada uma delas. Bem como, confronto de outros conceitos presentes nas hagiografias e que reforçam a hipótese de que houve uma pobreza construída de acordo com os interesses dos grupos franciscanos que acabavam determinando os rumos da

Ordem. A influência sofrida pelos autores na escrita das hagiografias também foi constatada ao longo de nossa análise.

A importância da nossa pesquisa reside na figura de Francisco, que tem influência dentro do contexto de formação do pensamento e ações da Igreja na Idade Média. Até os dias de hoje<sup>19</sup> ele serve como inspiração para membros de diversas religiões e culturas.

São Francisco de Assis é tido como um homem que amava a natureza, animais, pessoas e principalmente a paz. Em momentos tão conturbados da história universal sua figura inspira obras e estudos científicos. Historiadores renomados e reconhecidos por suas contribuições historiográficas, também se renderam a estudar este homem à frente de seu tempo, mas acima de tudo fruto deste mesmo tempo. Reflete Jacques Le Goff:

[...] o simples, o aberto, o tão contado e pintado São Francisco escapulindo por trás de uma das questões mais complicadas da historiografia medieval. É paradoxal ter de abordar esse homem, que desprezava tanto os livros sábios como a erudição, através de um esboço, ao menos, das razões que tornam tão difícil explorar fontes de sua história.<sup>20</sup>

As fontes hagiografias referentes a Francisco foram à escolha para realizarmos nossa análise, devido ao seu caráter decisório na criação de um imaginário sobre Francisco. Atualmente encontramos pouquíssimos trabalhos referentes ao franciscanismo das origens, o que torna o trabalho a pesquisa relevante para os estudiosos e para os franciscanos, que a partir de nossa análise terão uma visão de fora da Ordem, sobre obras de extrema

---

<sup>19</sup> “No dia 24 de janeiro de 2002, o Papa João Paulo II celebrou com os representantes das diversas religiões em Assis “O Dia de Oração pela paz”. Tendo diante de si a destruição dos arranha-céus de Nova York e o conflito no Oriente Médio entre Israel e Palestina, o Papa buscou em Francisco de Assis a inspiração para tentar a reconciliação e a possibilidade de novas relações. Mas essa não foi a primeira vez que Francisco de Assis servira de inspiração a João Paulo II. Já no ano de 1986, no dia 27 de outubro, ele se encontrava com líderes religiosos buscando criar a consciência da necessidade da Paz. E em 1993, foi a Assis rezar pela Paz nos Bálcãs.” ACTA Ordinis Fratrum Minorum, Ano CVVI Fasc. I Ianuarii; aprilis, 2002, Cúria Geral dos Frades Menores, Itália, p. 4; 9-10.

<sup>20</sup> LE GOFF, op. cit., p. 45.

importância. Esperamos assim contribuir para a historiografia, com uma análise que traga renovadas contribuições das hagiografias franciscanas buscando a derivação do conceito de pobreza nas três fontes hagiográficas escolhidas para a tese.

Para esse fim optou-se por uma coletânea escrita em português das fontes intitulada *São Francisco de Assis, escritos e biografias de São Francisco de Assis: crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*<sup>21</sup>, volume único. Obra referenciada como sendo de altíssima credibilidade entre os estudiosos sobre o assunto. Seleção e organização Frei Ildefonso Silveira O. F. M. e Orlando dos Reis, e está baseada na nova tradução da versão de Caetano Esser, Lothar Hardick dos *Escritos de São Francisco de Assis* e edição crítica de Desbonnets.

Fazem parte da mesma obra: as fontes biográficas completas (contemplam do nascimento à morte de Francisco), *Vita Prima* - 1228 (Tomás de Celano), *Legenda dos Três Companheiros* – 1242-46 (Frei Leão, Frei Rufino e Frei Ângelo realizaram a coletânea dos dados, mas quem transformou na obra autor desconhecido), *Anônimo Perusino* – 1240-41 (autor desconhecido, mas provavelmente um frade) e *Legenda Maior* - 1263 (São Boaventura); as fontes biográficas episódicas (apresentam dados biográficos) *Espelho da Perfeição*; fontes diversas (alguns escritos de caráter geral) *I Fioretti*, e finalmente *Os Escritos de São Francisco de Assis*, composto de 28 escritos (cartas, admoestações, orações, poemas e as Regras).

Esta coletânea contempla fontes diversas referentes à vida e obra de Francisco, contento obras de frades franciscanos e testemunhos de pessoas que não pertenciam a Ordem. As fontes franciscanas que fazem parte desta obra são pertencentes ao franciscanismo das origens (primeiros séculos franciscanos).

Para um melhor embasamento primário recorre-se a coletânea *Fontes Franciscani*, recentemente lançada e que contém os textos em latim (língua

---

<sup>21</sup> SILVEIRA, Ildefonso; REIS, Orlando dos (Org.). **São Francisco de Assis: escritos e biografias de São Francisco de Assis; crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscanos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

original em que foram escritos) e uma tradução para o italiano. Obra que é utilizada como base para a edição em português, contém todas as fontes biográficas e os escritos de Francisco e Clara. Tendo em mãos as duas edições realiza-se um confronto direto das edições para um melhor aproveitamento da coletânea na elaboração e análise propostas na tese. Também deve-se considerar que com o apoio das duas coletâneas para confrontamento de dados o trabalho torna-se mais conceituado academicamente, já que ambas são muito prestigiadas em trabalhos especializados sobre o assunto. A natureza e importância decisiva que têm estas obras para a compreensão dos fatos da vida de Francisco nortearão o trabalho proposto.

## 2. HAGIOGRAFIA, FONTES FRANCISCANAS E FRANCISCO

### 2.1 Conceito de Hagiografia

Hagiografia é um gênero literário utilizado para narrar a vida de pessoas que são consideradas santas pela Igreja ou que tenham uma relação com o sagrado (profetas, messias, mártires, etc.). Os filólogos, estudiosos não deixariam de dar uma definição adequada para a palavra. Procuramos uma definição geral dos pesquisadores para relatarmos a origem da palavra hagiografia. Silveira, no livro em que analisa a relação dos escritos hagiográficos franciscanos com a literatura, formula uma definição de hagiografia muito adequada para o presente estudo.

Santo ou sagrado significa em grego “ágios”. Devido ao acento aspirado da letra a, como o h inicial do alemão, em português se escreve hagios. A vida de um santo é hagio-grafia, escrito sagrado ou sobre o sagrado ou santo. A Bíblia é por excelência uma história sagrada. Por isso, os autores de seus vários livros não se denominam historiadores, mas hagiógrafos. Assim se chamam também, na Antiguidade cristã e na Idade Média, os que escreveram a Vida de um santo.<sup>22</sup>

Também pode ser definida pela literatura como:

HAGIOGRAFIA – Do grego hagiografia, escritos relativos aos santos. Sinônimo de “hagiologia”, designa os textos destinados a relatar a vida dos santos. Comum desde a Idade Média nos países católicos ou que receberam influência da Igreja, a hagiografia ostentou caráter literário até o século XVIII, quando passou a incorporar as preocupações cientificizantes despertadas na ciência historiográfica do tempo. Com o Romantismo, as vidas dos santos inspiraram poetas e dramaturgos. [...] <sup>23</sup>

---

<sup>22</sup> SILVEIRA, Ildefonso. **Retrato de Santa Clara de Assis na literatura hagiográfica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 11.

<sup>23</sup> MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 37.

Hagiografia é um gênero literário utilizado para narrar a vida de pessoas que alcançaram a santidade. Portanto, hagiografia na Idade Média, significa retratar a vida de homens ou mulheres, que ao longo de suas vidas praticaram atos ou ações, que determinaram sua condição de sagrado. “Hoje em dia, valorizamos as hagiografias pelo que contaram sem querer: tudo que referem sobre os costumes e a maneira de pensar do tempo é importante como vestígio histórico.”<sup>24</sup>

Assim sendo, hagiografia na Baixa Idade Média “é uma literatura empenhada, predominante religiosa”<sup>25</sup>, que significa retratar a vida de homens ou mulheres, que ao longo de suas vidas praticaram ações, que os levaram ao sagrado. “Os escritores da Idade Média, como é natural, olharam São Francisco à luz da fé, da teologia, da História da Salvação, e não simplesmente à luz da história humana.”<sup>26</sup> Segundo Martino Conti, as hagiografias também podem adquirir outro aspecto.

Sob o aspecto literário pode-se repetir das biografias franciscanas o que foi dito a propósito dos Escritos de São Francisco. Elas constituem um verdadeiro e próprio mosaico de citações, alusões e ressonâncias bíblicas, em parte textuais e em partes adaptadas. O fato já tinha sido evidenciado pelos editores de Quaracchi<sup>27</sup>, que tiveram o cuidado de transmitir em nota as numerosas citações ou palavras bíblicas de que é tecido o discurso sobre São Francisco, provenientes de contextos diversos.<sup>28</sup>

O gênero hagiográfico é uma escrita baseada em rima ou versos, contendo elementos de laudação do indivíduo biografado. Sua característica

---

<sup>24</sup> PEDROSO, José Carlos Corrêa. **Fontes Franciscanas apresentação geral**. Piracicaba: Centro Franciscano de Espiritualidade, 1998. p. 17.

<sup>25</sup> SPINA, Segismundo. **A Cultura Literária Medieval**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997. p. 21.

<sup>26</sup> SILVEIRA, Ildefonso. **O passado interroga São Francisco**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 77.

<sup>27</sup> O Colégio de compiladores de Quaracchi é especializado na transcrição dos manuscritos franciscanos para língua vulgar. A edição crítica das “Fontes Franciscani” foi realizada por eles, temos o texto na língua latina e a tradução para o italiano. Nesta mesma edição esta baseada a tradução portuguesa.

<sup>28</sup> CONTI, Martino. **Estudos e Pesquisas sobre o franciscanismo das origens**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 171.

principal é contar acontecimentos vividos que demonstrem a santidade da pessoa. “O gênero hagiográfico, mesmo se a evolução da concepção da santidade no século XIII lhe dá um pouco mais de liberdade, está ainda cheio de estereótipos.”<sup>29</sup>

Na verdade não existem obras referentes unicamente ao gênero, mas sim autores que ao trabalharem com temas referentes a hagiografias antigas, explicam um gênero ou detalhes específicos. A lingüista Maria Clara de Almeida Lucas, membro do departamento de Lingüística da Universidade de Nova Lisboa, também apresenta uma definição de hagiografia.

A narrativa hagiográfica, como subgênero literário em língua portuguesa, de raízes bem mergulhadas na nossa Idade Média, tem características próprias que a diferenciam da crônica, da épica e da novela comum. Não se deve esquecer que sob cada hagiografia existe um intertexto peculiar, que não exclui o valor criativo apropriando-o às circunstâncias e dando-lhe nova vivência. As hagiografias são, afinal, textos poéticos em prosa, pela fantasia que transfigura e pela sua índole simbólica.<sup>30</sup>

Contudo as hagiografias seguem um modelo tardio. Algumas seguem um modelo hagiográfico judaico-cristão (vida de Jesus), modelos pagãos (encontro de Buda com o leproso) entre outros. Devemos ter muito cuidado ao tratar a análise destas fontes hagiográficas, muitas vêm carregadas de juízo de valores que o biógrafo cita como sendo do santo, mas muitas vezes é dele próprio. As hagiografias trazem as prerrogativas de legitimação para si (sacralização de sua figura).

Os biógrafos medievais desconheciam nossos avanços na análise de fontes orais e sobre a imparcialidade do historiador diante de seu objeto. “Esta síntese pode levar à falsa conclusão de que todos os hagiógrafos e todas as vidas de santo são iguais. Mesmo que o gênero literário tenha grande força, com seus moldes e o modo de refletir do tempo, pode haver enormes

---

<sup>29</sup> LE GOFF, Jacques. **São Luís**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

<sup>30</sup> LUCAS, Maria Clara Almeida. **Hagiografia Medieval Portuguesa**. Portugal: Instituto de Cultural e Língua Portuguesa, 1984. p. 37.



diferenças de um para outro autor, explicável por razões várias.”<sup>31</sup> Ildefonso Silveira especialista em franciscanismo e por muitos anos professor de metodologia da investigação histórica da Pontifício Università Ateneu “Antoniano” di Roma, assim menciona os hagiógrafos medievais:

Na Idade Média, os chamados hagiógrafos “compiladores” também podiam manipular as informações colhidas de outras fontes, adaptá-las, omiti-las, dar-lhes outro significado. Podem ser justificados: não queriam enganar ninguém, pois tinham a intenção de edificar o leitor, e não primeiramente de lhes mostrar a “verdade” histórica, “objetiva”. Descreviam a sublimidade do santo. Era o que queria o leitor. O mesmo faz um biógrafo moderno divulgador, que busca nas informações de várias origens o que lhe agrada literariamente, sem preocupação crítica.<sup>32</sup>

Vemos claramente que a preocupação do hagiógrafo não é a veracidade dos fatos, ou sua exata cronologia. Seu interesse é demonstrar através do que escreve a relação de seu objeto com o sagrado, relatando fatos que julga serem de importância para a construção do seu “escrito sobre o sagrado”.

Neste sentido, “escrito sacro” estende-se a um número muito amplo de documentos que, no seio das várias culturas e nas diferentes épocas da história, são destinados a estabelecer normas religiosas e culturais, a definir o conteúdo de revelações e verdades religiosas, a fixar de modo perene preces, invocações, juramentos, exorcismos, a expor doutrinas ou verdades religiosamente relevantes.<sup>33</sup>

Descrevendo nas entrelinhas dados do cotidiano medieval, descrição detalhada de lugares, paisagens, modelos e costumes de uma dada região. Apesar de esse não ser seu principal objetivo, sempre alguma acaba sendo relatada sem a intenção do autor. As hagiografias apresentam esta característica por mostrarem coisas que não eram do interesse do enunciador.

---

<sup>31</sup> SILVEIRA, I. **Retrato de Santa Clara de Assis (1194-1253)**: na literatura hagiográfica. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 17.

<sup>32</sup> SILVEIRA, op. cit., p. 47.

<sup>33</sup> EINAUDI: *Mytos-logos*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989. p. 222.

São a memória do próprio cristianismo, na medida em que preservam, resgatam e difundem seus valores. Através desta forma literária de discurso a Igreja manifesta uma forma de controle, utilizando-se do discurso hagiográfico que vem carregado de moral cristã e exemplos de conduta.<sup>34</sup> “O livro sacro e o escrito sacro podem assumir a função de regulamentação da vida do grupo não só sob o aspecto cultural, mas também sob o legal, tornando-se neste sentido, a fonte divina ou revelada da autoridade e do direito.”<sup>35</sup>

Podemos encontrar vários comentários referentes ao gênero hagiográfico, algumas definições. Porém, as hagiografias são definidas por particularidades e especificidades de cada uma, não devemos de modo algum generalizar essas fontes que como já foi mencionado que nos revelam tanto, mesmo sem querer.

Os textos hagiográficos, que, apesar de tratarem do mesmo assunto – vida de santos -, apresentam diferenças formais e incorporam idéias diferenciadas, devido às transformações ocorridas ao longo da Idade Média nos ideais de espiritualidade e nas concepções de santidade.<sup>36</sup>

A hagiografia teve seu nascimento na Antiguidade tardia até a Renascença, quando muitos começaram a duvidar de sua importância para historiografia como documento digno de confiabilidade.

Vaucher e Brown sugerem que as propostas do gênero hagiográfico eram parcialmente promocionais: uma legenda celebrava a grandeza de um santo em particular, com o objetivo de encorajar sua veneração. A evidência de milagres é considerada tão indispensável quanto a evidência de conduta virtuosa na vida dos santos: uma reforça a outra, ajudando a

---

<sup>34</sup> CARVALHO, Fabrícia A. T. O discurso de controle da Igreja no século XIII. SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da; SILVA, Leila Rodrigues. (Org.) **Atas da VI Semana de estudos Medievais do Programa de Estudos Medievais da UFRJ**. Rio de Janeiro: IFCS, 2006. p. 119.

<sup>35</sup> EINAUDI, op. cit., p. 225.

<sup>36</sup> CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. A tipologia da santidade na Península Itálica entre os séculos XI e XIII. In: SILVA, Andréia C. L. F. da; SILVA, Leila R. (Org.) **Atas da IV Semana de Estudos Medievais do Programa de Estudos Medievais da UFRJ**. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 2001. p. 80.

garantir que a declaração de santidade vinha de Deus e não só da com o propósito de edificação dos fieis.<sup>37</sup>

Neste sentido, devemos examinar com minúcia as fontes hagiográficas, definindo o seu gênero literário e a proposta que está contida nelas. Devemos buscar nas entrelinhas as razões para a constante escrita de novas hagiografias sobre Francisco. Cada qual utilizando um conceito para defini-lo, deixando transparecer em muitos casos aspectos pessoais do autor. Atualmente, várias são as possibilidades de análise de um discurso hagiográfico, podemos contar com uma gama diversificada de autores e pesquisadores no assunto. O que de certo modo auxilia no trabalho, dando suporte teórico para nos reportarmos a esses documentos. Apesar de, como já foi mencionado, não haver um manual sobre o gênero, mas sim, trabalhos espaçados sobre o tema.

O essencial disso a que os hagiógrafos chamam Vida dos santos é então a prática habitual da devoção e das virtudes. Essa concepção da Vida, que é, de fato, um gênero literário, se afasta muito de nossa concepção de uma biografia. Se há acontecimentos na vida de um santo, eles não formam uma sequência cronológica. O hagiógrafo, em cada capítulo, dá precisões sobre a conduta habitual do santo e, mais raramente, conta uma pequena história exemplar ilustrando seus propósitos.<sup>38</sup>

Quando realizamos a análise de uma hagiografia história do nascimento à morte de um indivíduo que através de seus atos alcançou a santidade. Santidade designação dada pela Igreja para nomear atitudes de um nível superior ao dos homens comum, temos que estarmos atentos às variações que o discurso sofre ao tratar de temas ou fatos que sejam considerados conflituosos na vida do biografado. “O lugar e a cena influenciam diretamente a

---

<sup>37</sup> FORTES, Carolina Coelho. Pressupostos teóricos para o estudo da hagiografia. In: SILVA, Andréia C. L. F. da; SILVA, Leila R. (Org.) **Atas da IV Semana de Estudos Medievais do Programa de Estudos Medievais da UFRJ**. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 2001. p. 175.

<sup>38</sup> LE GOFF, op. cit., p. 303.

enunciação<sup>39</sup>. No caso das FF encontramos os mais diversos relatos para tratar de um mesmo objeto, Francisco. Encontramos hagiógrafos que citam fatos conturbados e outros que nem mencionam esses fatos. Por muitos anos a hagiografia foi considerada uma literatura fantasiosa e por isso sem crédito historiográfico.

Hoje, porém, sabemos que a história é outra e a hagiografia tem contribuído muito para o estudo do cotidiano de civilizações e sociedades mais remotas. Sem querer os hagiógrafos nos relatam muito dos aspectos sociais<sup>40</sup>, culturais<sup>41</sup> e estruturais<sup>42</sup> de uma dada região.

As hagiografias do século XIII apresentam características do gênero da época. Segundo Spina, “são empenhadas, no sentido em que uma intenção pedagógica, didática, apologética, missionária, edificante, preside sua elaboração”<sup>43</sup>. Demonstram aspectos próprios do público<sup>44</sup> a qual querem atingir, sendo cada uma, a sua maneira única.

Delehay<sup>45</sup> nos faz notar que o hagiógrafo não é só um historiador, mas uma testemunha da fama de santidade e do culto de um herói cristão. O hagiógrafo é um crente que escreve para crentes. Guiado por seus critérios de fiel, tende a preservar o santo e sua ação divina.<sup>46</sup>

---

<sup>39</sup> MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Campinas, SP: Pontes, 1997. p. 32.

<sup>40</sup> FASSINI, D. **Legenda dos Três Companheiros**. São Paulo: Edições Loyola, 1993. p. 29-30.

<sup>41</sup> SILVA, Andréia C. F. da. Moda, santidade e gênero na obra hagiográfica de Tomás de Celano. In: COSTA, Sandro da; SILVA, Andréia C. L. F. da; SILVA, Leila R. (Org.) **Atas do Ciclo: A Tradição Monástica e o Franciscanismo**. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2003. p. 231.

<sup>42</sup> FASSINI, op. cit., p. 222-223.

<sup>43</sup> SPINA, op. cit., p. 20.

<sup>44</sup> As hagiografias eram destinadas à leitura dos frades e religiosos de outras ordens. Exemplares eram enviados para cada província e cópias (códices) eram realizadas por compiladores. Poucos fiéis tinham acesso a essas hagiografias. Primeiro, porque poucos sabiam ler e segundo porque eram passada oralmente os feitos dos santos, durante os sermões.

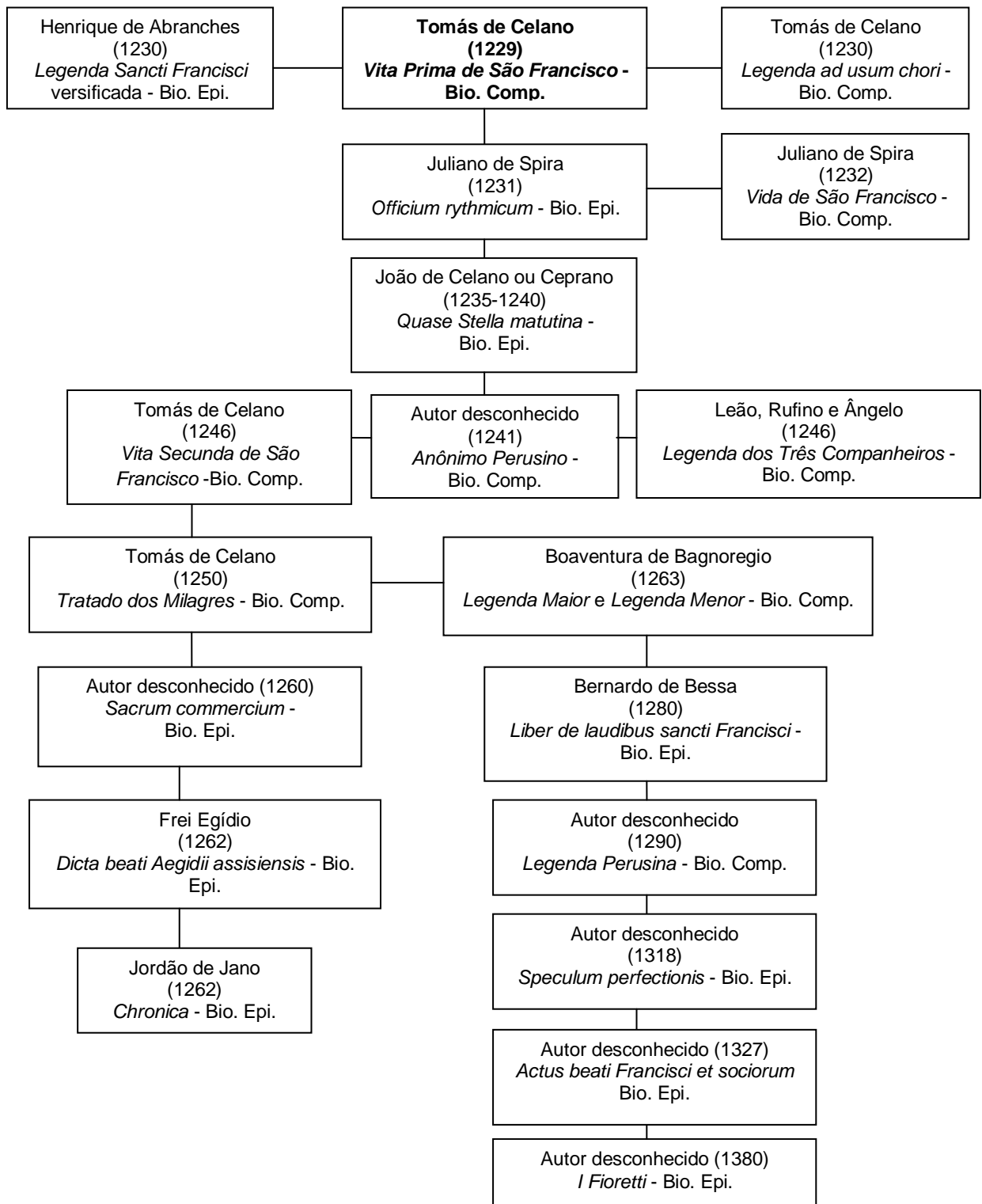
<sup>45</sup> DELEHAYE, Hippolyte. Apud. FORTES, Carolina Fortes. A produção literária dominicana no século XII: uma breve visão sobre a hagiografia. In: COSTA, Sandro da; SILVA, Andréia C. L. F. da; SILVA, Leila R. (Org.) **Atas do Ciclo: A Tradição Monástica e o Franciscanismo**. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2003. p. 131.

<sup>46</sup> FORTES, Carolina Fortes. A produção literária dominicana no século XII: uma breve visão sobre a hagiografia. In: COSTA, Sandro da; SILVA, Andréia C. L. F. da; SILVA,

Isso fica claro nas hagiografias de Francisco, a preservação de uma imagem perfeita é buscada em cada capítulo realizado pelo hagiógrafo. Porém, as hagiografias franciscanas nem sempre tornam Francisco a base de construção, mas a Ordem encontra nestes textos uma colocação centralizada e decisiva para a vida do “santo”. A Ordem para os hagiógrafos de Francisco eram a razão de sua santidade.

## 2.2 As Fontes Franciscanas

### ORGANOGRAMA DAS FONTES FRANCISCANAS: BIOGRAFIAS COMPLETAS E EPISÓDICAS



**Fonte:** Organograma realizado com base na coletânea de fontes “Fontes Franciscani” edição italiana.

O organograma acima demonstra a grande quantidade de fontes biográficas realizadas entre o século XIII e XIV para dar uma representação de Francisco, no total 19 hagiografias completas e episódicas. Uma necessidade incessante de deixar registrada a vida e obra de Francisco para seus sucessores. Não encontramos em outros santos essa profusão de biografias, uma seria suficiente para descrever uma vida, no caso de Francisco verifica-se que não.

Os franciscanos pertencem a uma Ordem religiosa, estruturada por uma Regra, que foge a todas as outras Regras existentes. A Ordem dos Frades Menores é a criação de um ideal de pobreza, sustentada pela crença neste mesmo ideal. Seria muito fácil dizer “eu sou franciscano, mas até que ponto?”, nem mesmo quem vive hoje, dentro da Ordem, consegue dizer que pobreza era aquela pregada pelo seu fundador. Uma pobreza que gerou anos de confusão e discussões entre leigos e clérigos. O que é ser pobre? Devemos ou não adotar essa pobreza absoluta tão veementemente praticada por nosso fundador? São Francisco de Assis nasceu em um período em que ser pobre não era uma escolha, mas uma condição social.

Francisco era burguês, de Assis, pequena cidade no sul da Itália, região da Úmbria. Úmbria cobiçada pelos imperadores, pelos Papas, todos queria transformá-la em feudo<sup>47</sup>, região de pessoas de poder aquisitivo elevado como a família Bernardone e Offreducci (respectivamente de Francisco e Clara). Uma família burguesa e uma família nobre, uma com lugar bem definido na vida social e a outra que almejava este lugar. Para a família de Francisco, só o casamento do filho com uma nobre poderia lhes garantir o sangue nobre, para as próximas gerações. E, assim, o tão sonhado lugar na estrutura feudal. Nas ricas cidades italianas o feudalismo (sociedade das três ordens) cedeu lugar a uma divisão entre duas ordens: ricos e pobres.

Os burgueses eram considerados excluídos, possuíam dinheiro, mas não tinham tradição, nome, história. Francisco, ao realizar uma escolha pela pobreza, quebrou esse princípio. Criando assim, uma “nova Ordem” onde a pobreza era colocada como uma escolha e não mais como uma imposição. No

---

<sup>47</sup> STICCO, M. **São Francisco de Assis**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 22.

começo era um só, depois, como Francisco mesmo colocou em seu *Testamento*<sup>48</sup> “e Deus me deu irmãos”. Irmãos que o seguiam e o respeitavam como pai. Mas como o próprio Boaventura iria colocar em sua *Legenda Maior* “a história nem sempre segue a ordem cronológica dos fatos”<sup>49</sup>.

Dessa maneira sua Ordem cresceu e seus irmãos começaram a pensar não mais com as idéias de seu fundador, mas com suas próprias idéias. Nelas, estavam contidos os argumentos que levariam a Ordem dos Frades Menores a sofrer uma ruptura no século XIII. Criando, a partir desta cisão, ramificações no interior da própria Ordem dos Frades Menores. Os que apoiavam os estudos, o crescimento da Ordem sem se perderem os princípios básicos (pobreza, penitência, humildade), conhecidos no século XIII como conventuais. E, os que eram a favor do seguimento das ideias de Francisco, como ele as conceberam, sem estudos (os estudos para Francisco causavam o afastamento da pobreza), sem bens materiais, sem ostentação, conhecidos no final do século XIII como espirituais.

Esse conflito de idéias e desejos gerou uma série de desentendimentos dentro e fora da Ordem. Francisco, com seu carisma e simpatia, conseguiu acalmar os ânimos e manifestações de seus frades. Afinal sua figura era o grande ponto de referência para Ordem e seus frades. Conseguindo, em quase vinte anos de vida dedicada à pobreza, reunir uma Ordem de leigos, letrados, pobres, nobres e burgueses.

Francisco não escolhia seus irmãos pela condição social, mas pelo amor a Deus, quanto mais dedicação a “domina paupertas”, mais amor. Sua figura era a centralizadora das atenções e admiração por parte de seus discípulos, que tentavam, a todo o custo, não decepcionar seu mestre e pai. Contudo, o grande crescimento da Ordem levou a um descontrole de seus frades, não conseguindo mais manter um único pensamento ou desejo. Uma vez que Francisco, ao fundar sua Ordem em 1209, e receber a aprovação oral do Papa Inocêncio III. Ele não tinha a intenção de criar uma Ordem com as proporções

---

<sup>48</sup> SILVEIRA, Ildefonso, Frei; REIS, Orlando dos (Org.). **São Francisco de Assis: escritos e biografias de São Francisco de Assis; crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscanos**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 168.

<sup>49</sup> SILVEIRA, op. cit., p. 463.



que tomou como menciona Jacques Le Goff em seu livro *São Francisco de Assis*<sup>50</sup> “Francisco nunca visualizou uma Ordem, mas apenas uma comunidade de leigos em torno da pobreza, com no máximo uns doze irmãos”. Esta condição desejada, no entanto, isso não perdurou e sua Ordem cresceu se estruturou começando a questionar e duvidar das idéias postas em sua Regra, por exemplo, a pobreza absoluta. Com a morte do fundador no ano de 1226, a referência franciscana se perdeu. E, uma nova harmonia só iria surgir com Boaventura, outro grande nome da Ordem dos Frades Menores. Mesmo com o aparecimento deste homem, os frades continuavam divididos e, questões sobre o que é ser um verdadeiro franciscano perduravam.

Sendo a pobreza uma grande incógnita dentro da Ordem, surgindo indagações como: até que ponto devemos ser pobres? Como deve ser esta pobreza? Os frades sempre se pautaram em sua Regra<sup>51</sup> para justificar a pobreza e nas Sagradas Escrituras, para legitimá-la. Afinal de contas, como realmente devem agir “os pobrezinhos de Assis” Nome pelo qual eram conhecidos os frades no período em que vagavam por Assis, maltrapilhos e esfarrapados.

A criação de uma Ordem gera conflitos principalmente pelo ingresso de pessoas das mais variadas camadas sociais e com visões de mundo bem distintas. Ainda mais se pensarmos na mudança que a *novitas* causou dentro e fora da Igreja. Novos conceitos serão colocados pelos frades como a salvação individual (cada indivíduo é responsável pela sua própria salvação), antes se realizava a salvação coletiva, pagava-se determinada quantia a um mosteiro para que os monges orassem pela sua alma e assim conseguia-se a salvação. Os frades menores começaram a difundir que a salvação era individual, mas através da realização do ato de contrição e oração própria. Essa idéia talvez

---

<sup>50</sup> LE GOFF, J. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

<sup>51</sup> Regra de 1223, escrita pelo próprio Francisco, conhecida como Regra Bulada. Uma regra religiosa, que se destaca por suas especificidades, não tem as características comuns as Regras do mesmo período. Conceitos como obediência, dinheiro, pobreza são muito vagos e indecisos. Sendo assim, necessária a intervenção da Cúria Romana na escrita da Regra e elaboração. Esta Regra até hoje passou por cinco declarações pontifícias, que amenizaram pobreza, questões referentes a ter bens e dinheiro.

acarretasse a inutilização das Igrejas ou clérigos. Mas sabemos que, esse novo modelo, causou mais fervor dos fiéis, do que a insatisfação<sup>52</sup>.

Ao longo da história franciscana iremos perceber a importância das fontes franciscanas para a manutenção do conhecimento acerca de São Francisco e do espírito franciscano. Desde a fundação da Ordem ocorrem conflitos entre o espírito franciscano e a Igreja que segundo os frades se apresenta corrompida pela usura, simonia e luxúria de seus clérigos. Francisco, no seu tempo, surge como o ponto de equilíbrio, ou melhor, de salvação de uma Igreja abalada e deteriorada. Ser um frade menor na época de Francisco significava a esperança de dias melhores. Os primeiros a seguirem este ideal serão Bernardo e Pedro, que juntamente com Francisco trarão a tona esse jeito novo de agir e pensar.

Esta memória franciscana é a fonte de saber desses homens e seus ideais. Podemos citar Tomás de Celano, primeiro biógrafo de Francisco e, o mais conceituado para se perceber as origens franciscanas. Em *Vita Prima* de 1230, Celano relata a vida de Francisco buscando sempre edificar a figura desse santo. Na biografia mostra sua bondade, seu amor ao próximo e seu desprendimento por causas impossíveis. Um homem irredutível em seus interesses e ações. Francisco jamais abandonara a pobreza, humildade e caridade, que são os fundamentos de sua espiritualidade e de sua personalidade, segundo Tomás de Celano. Vejamos uma citação do autor a respeito da determinação e caridade de Francisco:

Porque tinha chegado o tempo determinado, o servo do Altíssimo, assim preparado e confirmado pelo Espírito Santo, seguiu o ímpeto sagrado de seu espírito, pelo qual se chega aos bens melhores, desprezando os que passam. Alias, não lhe era permitido adiar mais: uma doença mortal estendia por toda parte seus efeitos nefastos e paralisava tantas almas, que qualquer demora do médico podia ser fatal para elas. Levantou-se, pois, armado do sinal da santa cruz, e, tendo preparado um cavalo, montou e, levando consigo rica peça

---

<sup>52</sup> Sobre a salvação individual indico o texto: DUBY, G. **A imitação de Cristo**. In: O tempo das catedrais: a arte e a sociedade, 980-1420. Lisboa: Editorial Estampa, 1979. p. 219-246.

para vender, foi depressa para a cidade de Foligno<sup>53</sup>. Tendo vendido como de costume tudo que levava, o feliz mercador abandonou lá também o cavalo em que fora montado, depois de receber o preço que valia. De volta, livre da carga, vinha pensando com visão religiosa no que fazer com o dinheiro. Admirável e repentinamente convertido para as coisas de Deus, achou que era pesado demais carregar aquele dinheiro por mais uma hora que fosse. Considerando simples areia todo aquele pagamento, apressou-se em desfazer-se dela. Como vinha vindo na direção de Assis, encontrou à beira do caminho uma igreja erguida havia muito tempo em honra de São Damião e agora ameaçando ruína por sua muita antigüidade. Chegando a ela, **o novo soldado de Cristo**, comovido por tão urgente necessidade, entrou cheio de temor e de reverência. Encontrando lá um sacerdote pobre, beijou suas mãos consagradas cheio de fé, deu-lhe o dinheiro que levava e contou-lhe ordenadamente seu propósito. O sacerdote ficou espantado e, admirando aquela incrível e repentina conversão, recusou-se a acreditar no que ouvia. Com medo de ser enganado, não quis aceitar o dinheiro oferecido. Tinha-o visto, por assim dizer, um dia antes, vivendo regaladamente entre os parentes e conhecidos e manifestando sua loucura mais que os outros. Mas o jovem insistia teimosamente, e com palavras ardentes procurava convencer o sacerdote que, pelo amor de Deus, lhe permitisse viver em sua companhia. Afinal o padre concordou em que ficasse, mas, por medo de seus pais, não recebeu o dinheiro, que Francisco, verdadeiro desprezador de todas as riquezas, jogou a uma janela, tratando-o como se fosse pó. Pois desejava possuir a sabedoria que é melhor do que o ouro e adquirir a prudência que é mais preciosa do que a prata.<sup>54</sup>

Tomás de Celano é a fonte que mais se aproxima do contexto real do período. Os historiadores o consideram a mais próxima do verdadeiro Francisco (humano) e uma importante fonte sobre os primórdios da Ordem. Assim sendo, não podemos deixar de utilizar esta fonte no trabalho com as hagiografias franciscanas.

Há outros textos que também nos ajudam a entendermos melhor a trajetória franciscana (*Anônimo Perusino*, *Espelho da Perfeição*). Surgem, também, autores não franciscanos como Jacques de Vitry que apresenta uma visão exterior a Ordem, como clérigo e prelado francês em visita à Itália, que se depara com esses homens e nos deixa seu relato expressivo e rico em detalhes. Por isso realizamos um breve comentário sobre essas fontes

---

<sup>53</sup> Francisco teve que voltar e pé cerca de quinze quilômetros.

<sup>54</sup> FF (1C, capítulo 4, parágrafo 8-9, p. 185-186, grifo nosso).

franciscanas, datação, autor e conteúdo, para que o leitor possa entender a riqueza delas, indispensáveis ao nosso estudo.

Agora um breve comentário das fontes franciscanas, as mesmas contidas no organograma (exceto os escritos de Francisco) contendo desde relatos, biografias, poemas e inclusive os próprios textos de Francisco, que não são muitos, mas que contribuem para os estudos sobre o franciscanismo. Não podemos deixar de mencioná-los para compreendermos melhor as hagiografias e o universo de construção das mesmas.

São Francisco de Assis deixou 28 documentos escritos<sup>55</sup> que são preciosos para se entender um pouco mais sobre sua personalidade. Francisco conhecia muito bem o latim, mas não possuía a mesma habilidade para escrever. O mesmo ocorria com seus textos em italiano. Conhecia muito bem o Novo e Velho Testamento, porém não o suficiente para organizar textos tão belos como o que conhecemos de sua autoria<sup>56</sup>.

Não há dúvidas que seus textos eram ditados em italiano Umbro, para um irmão que possuísse mais erudição, para que realizasse a transcrição, o italiano Umbro (Língua falada na época de Francisco) era muito parecido com o latim, muito mais do que o italiano empregado hoje em dia, conhecido como Toscano. A abundância de citações bíblicas em seus textos maiores reforça essa idéia. Francisco não teve muito estudo, a não ser o normal daquela época, mas não pode deixar de mencionar que muitos autores declaram sua facilidade para aprender línguas. O latim foi uma delas, que com o passar dos anos Francisco aprendeu a dominar estaria na categoria de autodidata<sup>57</sup>.

Ao longo do tempo, seus conceitos sofrem uma significativa mudança. Um exemplo a ser citado é o conceito de obediência, na 1ª Regra<sup>58</sup> ele deixa muito vago a questão sobre quem um frade deve obedecer e até que ponto vai

---

<sup>55</sup> ESSER, K. **Opuscula Sancti Patris Francisci Assisiensis**. Grottaferrata (Roma): Collegio S. Bonaventura, 1978.

<sup>56</sup> MESSA, P. **Le fonti patristiche negli scritti di Francesco di Assisi**. Assisi: Edizioni Porziuncola, 1999. p. 19-20.

<sup>57</sup> MESSA, op. cit., p. 20.

<sup>58</sup> Pode ser encontrada em: SILVEIRA, Ildefonso; REIS, Orlando dos (Org.). **São Francisco de Assis: escritos e biografias de São Francisco de Assis; crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscanos**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 139.

essa obediência. Já na 3ª Regra<sup>59</sup>, de 1223, Francisco tenta mudar sua conotação empregando mais rigor em suas palavras. Todavia a dúvida continua, a quem um frade deveria obedecer; em seu Testamento Francisco é duríssimo sobre o juramento de obediência de um frade, chegando a impor árduas penas a quem não obedecesse aos seus superiores.

Tudo isso se deve ao fato de vários frades viverem segundo suas idéias e preceitos, desviando-se assim, do que Francisco pregava. E, principalmente, de seu ideal primitivo de pobreza, humildade e obediência. Nos Escritos de São Francisco, como a 2ª Regra de 1221, 3ª Regra de 1223, Carta a toda a Ordem dos Frades Menores de 1226 e o Testamento de 1226, notamos sua mudança de comportamento em relação à obediência, estudos e bens materiais. Estes são, sem dúvida, os Escritos mais importantes de Francisco, sem desmerecer os outros que enobrecem sua imagem, concomitantemente.

As Fontes Franciscanas são importantes para se conhecer a estrutura da Ordem dos Frades Menores nos primeiros séculos franciscanos. Celano em sua obra apresenta falhas que ainda estão longe de nosso entendimento, em sua biografia, Celano pula de 1219-20 a 1223, momentos de grande importância para a Ordem Franciscana e para o próprio Francisco. São construídas as duas Regras Franciscanas: a *Bulada* e a *Não Bulada*; os franciscanos realizam uma série de pregações pelo Oriente, primeiro contato de Francisco com os muçulmanos; momentos decisivos para os rumos que a Ordem iria tomar no futuro.

Poucos historiadores conseguiram explicar o porquê desta falha na cronologia de Tomás de Celano, o que realmente o levou a ocultar momentos tão relevantes na história Franciscana, naquele momento. Podemos supor que, uma das razões, se encontra no fato de ser uma obra encomendada. O próprio Papa auxiliou Celano a compô-la. Podendo ser facilmente manipulado, pelos interesses da Igreja, que não via uma necessidade de se falar das Regras tão contrárias a sua posição de ostentação e de riqueza.

---

<sup>59</sup> ESSER, op. cit., p. 131.

Alguns anos mais tarde, o mesmo biógrafo, escreve sua segunda obra sobre São Francisco de Assis, conhecida por *Vita Secunda*<sup>60</sup> ou “Recordação Pela Qual a Alma Suspira dos Feitos e Palavras de Nosso Pai São Francisco”, contendo 167 capítulos. Obra esta que deixa transparecer as idéias pessoais de Celano, mostrando sua indignação com os frades pelo abandono do ideal de São Francisco. Escrita no ano 1244-47 para servir de complemento da *Vita Prima*, ressaltando aspectos não abordados naquela obra.

Mais tarde escreve *Tratado dos milagres de São Francisco*, dividido em 19 capítulos, escrita em 1250-1253. Obra que é considerada apenas um manuscrito dos milagres, se comparada com os milagres encontrados até os dias de hoje e última obra deste autor, considerado pelos franciscanos, como homem instruído, letrado e grande conhecedor da literatura da época. A data de seu nascimento e morte são incertos, pouco se sabe sobre Celano, apenas o que compõe as várias fontes franciscanas.

### 2.2.1 As Legendas

São Boaventura<sup>61</sup> (1217-1274), no ano 1263 apresentou a nova biografia de São Francisco, para se tornar a única oficial e obrigatória para a leitura dos frades. Seria uma biografia mais original que a de Tomás de Celano, com uma abordagem mais precisa dos fatos da vida e obra de Francisco. Boaventura era ministro geral da Ordem, quando no ano 1266, apresentou aos frades, no Capítulo Geral<sup>62</sup> dos Franciscanos, essa biografia, ordenando que tirassem 34 cópias da obra para serem distribuídas em todas as províncias.

E, mais tarde, após a aprovação, foram distribuídas às outras comunidades e mosteiros como dos Beneditinos, Clarissas, Cistercienses,

---

<sup>60</sup> Ibid. p. 443-642.

<sup>61</sup> João Fidanza conhecido como São Boaventura, foi versado em Teologia e Filosofia, participou das grandes discussões teológicas entre franciscanos e dominicanos. Escreveu várias obras defendendo a pobreza franciscana da acusação pesavam sobre a Ordem. Podemos citar: “Apologia dos Pobres” e “Questões disputadas sobre a perfeição evangélica”.

<sup>62</sup> Reunião geral da Ordem dos Frades Menores, realizada com o intuito de confraternizar todos os membros da Ordem, que vivem pelo mundo.

Agostinianos, etc. Também mandou recolher todas as outras biografias de São Francisco para que fossem destruídas, proibindo a leitura de seus frades, a não ser aquela editada por ele. O nome de sua obra foi *Legenda Maior*<sup>63</sup>, legenda significa para ser lida ou para ler-se, dividida em 15 capítulos, desde o nascimento até a morte de Francisco.

A concepção desta biografia tinha como finalidade apaziguar as duas correntes entre os frades: os da observância primitiva (o espírito de Rivotorto) e outra a favor de uma evolução saudável da Ordem. São Boaventura é chamado de Doutor Seráfico e São Francisco é o Pai Seráfico. Sua obra foi de cunho pacifista<sup>64</sup>, ocultando algumas passagens que poderiam ocasionar atritos entre os frades mais radicais. Frei Boaventura escreveu também a *Legenda Menor* de uso litúrgico para os frades, uma legenda resumida.

### 2.2.2 A outra Legenda

*Legenda dos Três Companheiros*<sup>65</sup> ou *Legenda Trium Sociorum* escrita provavelmente no ano de 1246. Nesta época era ministro geral Frei Crescêncio de lesi, que pediu a todas as províncias que lhe enviassem todas as notícias, testemunhos e lendas sobre São Francisco. Frei Leão, Frei Rufino e Frei Ângelo<sup>66</sup> enviaram-lhe uma coletânea de dados que denominou “Flores colhidas num prado”, um Florilégio.

Os dados e textos contidos nesta obra se referem a passagens da vida de Francisco, vivenciada pelos seus três companheiros mais chegados. Obra de autoria duvidosa, mas decisiva para se perceber a visão dos frades sobre

---

<sup>63</sup> FONTES FRANCISCANI, op. cit., p. 777-964.

<sup>64</sup> MANSELLI, R. **São Francisco**. Petrópolis: Vozes, 1997.

<sup>65</sup> FONTES FRANCISCANI, op. cit., p. 1373-1470. Obra contendo todas as Fontes Franciscanas na língua em que foram originalmente escritas.

<sup>66</sup> Os três participaram dos momentos mais decisivos da vida de Francisco. Foram com Francisco e seus primeiros discípulos até Roma. Viram os conflitos que se iniciaram dentro da Ordem por causa do radicalismo de Francisco. Estavam com ele, quando este recebeu os estigmas. Estavam presentes em seus últimos momentos de vida. Seus testemunhos foram de grande valia para a realização da *Legenda Trium Sociorum*. Alguns historiadores chegam a dar sua autoria a Frei Leão. Mas não há evidências a este respeito.

São Francisco, e principalmente de seus primeiros companheiros. Já que a “Carta de Grécio” é parte integrante desta Legenda.

### 2.2.3 Biografias Incompletas

*Anônimo Perusino*<sup>67</sup>, provável autor Frei João de Perusa, discípulo de Frei Egídio, amigo e confessor de Francisco. Escrita entre os anos 1262/70; 1266; 1280. Mas foi recentemente datada entre 1240-1241. Fonte curta, mas considerada completa dentro das Fontes Franciscanas. Porém, com a mesma importância das demais para realizar a construção da vida de Francisco, durante o confronto dela com outras fontes de mesmo aspecto, contemplando passagens da vida e milagres de São Francisco, fatos interessantes de sua caminhada de mendicância<sup>68</sup>.

*Legenda Perusina*<sup>69</sup> trata de trechos de outras fontes, ou seja, uma compilação, redigida no início do século XIV. Nota-se que este manuscrito foi baseado em trechos similares a *Vita Secunda* de Tomás de Celano ou até mesmo trechos iguais. Todavia é bem mais breve que a obra de Celano, com partes complementares de cunho próprio.

*Sacrum commercium*<sup>70</sup> – *Le Sacre Nozze* (Núpcias Sagradas). Obra que mostra a relação de São Francisco com a pobreza. Francisco chama a pobreza de sua senhora, nunca de sua esposa. Assim sendo, pairam dúvidas sobre o verdadeiro título da obra e sobre o modo que a pobreza é colocada, como esposa e não como senhora. A esposa significaria companheira, mas caso seja senhora dona, patroa, o que conotaria uma diferença na condição do termo na vida de Francisco. Talvez tenha sido redigida no ano de 1227, entre os prováveis autores estão: Frei João Parenti 1227-31; Frei Crescêncio de lesi 1244-47; Frei João de Parma 1247-1257, ministros da Ordem Franciscana,

---

<sup>67</sup> Ibid. p. 1311-1372.

<sup>68</sup> NOSSO IRMÃO: Francisco de Assis. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 11-47

<sup>69</sup> SÃO FRANCISCO DE ASSIS, op. cit., p. 727-846.

<sup>70</sup> Ibid. p. 1045-1078.



sendo dois deles doutores ou mestres em Teologia: São Antonio de Lisboa + 1231, e Frei João Peckan, bispo de York, desde 1279.

*I Fioretti*<sup>71</sup> – dentro desta obra estão inseridos vários escritos diferentes: I Fioretti, Considerações sobre os Sacrossantos Estigmas de São Francisco, Vida Frei Junípero, Vida do Bem-aventurado Frei Egídio, A verdadeira Doutrina e Ditos de Frei Egídio. Redigidos em italiano, no século XIV. É uma tradição oral que parte dos discípulos de São Francisco, Leão, Masseo e Egídio. Obra de aspecto diverso, onde encontramos lendas, relatos e fatos verdadeiros, mas de épocas diversas.

Paul Sabatier<sup>72</sup> publicou este manuscrito com outro nome “Coleção dos Atos de São Francisco e de seus Companheiros”, em 1902. Uma obra que temos que ter certo cuidado na leitura porque apresenta muito mais lendas do que verdades.<sup>73</sup>

#### 2.2.4 Admoestações

Coletânea de datas e circunstâncias incertas é um conjunto de breves exortações feitas por Francisco e escritas por ele. Estão em quase todos os manuscritos franciscanos e servem de acréscimos e explicações complementares da 1ª Regra. Esta coletânea é de grande valor dentro dos Escritos de São Francisco<sup>74</sup>. Considerada uma teoria do bom cristão, onde o autor nos passa a verdadeira forma de vida idealizada. Suas frases são cheias de citações bíblicas, de amor e fraternidade.

Sem dúvida, decisivas para compreender um pouco mais a personalidade e o desenvolvimento de Francisco, ao longo da História Franciscana. Um texto que perpassa a profundidade espiritual deste homem,

---

<sup>71</sup> Ibid. p. 1079-1191.

<sup>72</sup> SABATIER, P. **Estudos inéditos sobre São Francisco de Assis**. Paris: Fischbacher -Edições Franciscanas, 1932. Analisa a importância das fontes consideradas como biografias incompletas, excelente síntese sobre Francisco.

<sup>73</sup> SABATIER, P. **Vida de São Francisco de Assis**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco: Instituto Franciscano de Antropologia, 2006. p. 85.

<sup>74</sup> ESSER, op. cit., p. 58-82.

que deixava transcender sua intenção de amor à pobreza e ao próximo. Utilizando o Velho e Novo Testamento, com breves explicações após cada admoestação, quase todos os textos dele foram escritos originalmente em italiano Umbro, depois ditados aos irmãos mais letrados, que passavam para a língua comum, o latim. As admoestações estão dispostas em 28 capítulos, que acabaram por se tornar parte integrante dos Escritos de São Francisco de Assis, a fim de facilitar a nossa compreensão do homem no santo.

#### 2.2.5 Cartas<sup>75</sup>

*Carta a Santo Antônio de Pádua*<sup>76</sup>, datada no princípio de 1224, trata-se de um pequeno documento, mas, também, de importância valiosa para se entender Francisco. Nesta carta encontramos a questão dos estudos para os frades, Francisco autoriza-os, mas sem ferir o que está colocada na 3ª Regra, capítulo 5.

*Carta aos Fiéis*<sup>77</sup>, data desconhecida, foi editada pela primeira vez pelo franciscano Paul Sabatier, utilizando como base o códice de Volterra (cod Vo), dando erroneamente o nome de *Verba vitae et salutis* (Palavras de Vida e Salvação). A carta aos Fiéis é mais longa, com uma forma mais breve e bem mais difundida, onde encontramos as idéias centrais de Francisco para seus irmãos e irmãs de penitência. Neste ponto é que encontramos seu valor, que servirá de base para a redação da 1ª Regra.

*Carta a Frei Leão*<sup>78</sup>, data desconhecida. Encontra-se na Catedral de Espoleto, crucial para um aprofundamento dos estudos sobre Francisco, a forma de se dirigir a Frei Leão, mostra nos claramente o seu lado maternal.

---

<sup>75</sup> As cartas no período medieval tinham um caráter de comunicar, narrar ou mesmo divulgar algum fato. Ver: DICIONÁRIO Temático do Ocidente Medieval. Bauru/SP: Edusc, 2006. 2v. p. 383-395.

<sup>76</sup> Ibid. p. 94-95.

<sup>77</sup> Ibid. p. 107-112.

<sup>78</sup> Ibid. p. 129-130.

Lembrando o conceito abordado por Le Goff em “São Francisco de Assis”<sup>79</sup>, sobre a concepção de uma família para fundar a Ordem dos Frades Menores, sua intenção de amor maternal, perpassando as poucas linhas desta Carta a Frei Leão, que para Francisco era muito mais que um amigo, “era o reflexo da perfeição”.

Através dessa descrição das fontes franciscanas, podemos compreender melhor as chamadas “Fontes Franciscanas”. O imaginário construído ao longo de séculos de história franciscana, a visão dos confrades de Francisco a respeito dele, os relatos de não franciscanos e muitas outras contribuições que elencam as fontes franciscanas e sua construção.

---

<sup>79</sup> LE GOFF, J. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro: Record, 2001. Trata-se de uma coletânea de artigos de participações de Le Goff, em conferências, concílios, simpósios. Mostram uma diversidade de assuntos, referentes ao franciscanismo.

### 2.3 O Contexto de fundação da Ordem, Francisco e seu tempo.

No período escolhido para a análise (século XIII e início do século XIV) encontramos a configuração de uma Igreja rompendo suas estruturas para tornar-se mais hegemônica em relação aos poderes temporais (príncipes, reis e imperadores, buscam cada vez mais centralizar o poder criando monarquias nacionais mais independentes das relações eclesiásticas) inerentes ao contexto europeu, mas que convive diretamente com proliferação de movimentos heréticos por toda à parte, a ação imediata da Igreja frente a esses grupos era necessária. Mas como agir sem desestruturar o que havia sido construído ao longo de vários séculos de poder e afastamento do cristianismo primitivo.

A Igreja necessitava de um novo ânimo para seus fiéis e para seu próprio corpo de clérigos, o surgimento de Francisco e seu movimento, trouxeram benefícios para a instituição, a partir da demonstração de uma vida humilde e pobre, que acabava por atrair aqueles que questionavam se a Igreja era realmente para o povo. “Na civilização cristã medieval, todos os programas ideológicos tomam a Sagrada Escritura como referência”.<sup>80</sup>

Os franciscanos que surgem a partir da proposta de Francisco, não são diferentes. O Papa Inocêncio III<sup>81</sup> no ano de 1209 teve uma visão apurada ao ver na figura daquele homem maltrapilho e humilde, o precursor de um dos maiores movimentos mendicantes da época. Após a morte de Francisco (1226) os frades necessitavam de uma obra que mostrasse o ideal e a vida franciscana através de seu fundador.

Aqui se apresenta uma breve biografia de Francisco para situá-lo no tempo e no espaço de construção de sua história, que está diretamente ligada

---

<sup>80</sup> GEREMEK, Bronislaw. **A piedade e a força**: história da miséria e da caridade na Europa. Lisboa: Terramar, 1986. p. 28.

<sup>81</sup> “O Papa Inocêncio III, que começou seu governo em 1198 tendo apenas 38 anos de idade, considerado como o Papa que elevou ao auge o poder papal, melhor que seus antecessores vislumbrou também os aspectos sadios dos movimentos religiosos da época e acolheu no seio da Igreja vários líderes e seus seguidores como Durando de Huesca, que fora Valdense, Bernardo Prim, pregador itinerante e deu autorização oral a Francisco de Assis e companheiros leigos para pregarem a penitência.” MOREIRA, Alberto da Silva (Org.). **Herança Franciscana**. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 42.

a própria história da Ordem. Não podemos separar Francisco de sua Ordem, que depende de sua figura para se justificar perante os outros.

Nascido em 1181/1182<sup>82</sup>, em Assis, Úmbria, Itália. Giovanni di Pietro di Bernardone (nome de batismo de Francisco) era filho de um rico comerciante Pedro di Bernardone. Proveniente de uma família de mercadores, os Mariconi, de Lucca.

Quanto a sua mãe Dona Pica era natural de Provença. “Todas as fontes de qualquer origem, característica e proveniência concordam num ponto: Francisco de Assis era de família rica, ou melhor, riquíssimo, pertencente ao mais alto nível da classe mercantil de sua cidade.”<sup>83</sup>

Ninguém sabe ao certo como surgiu o nome Francisco. Dizem que o pai escolheu esse nome após retornar de uma viagem a França. Porém outras fontes nos relatam que na sua adolescência os amigos deram-lhe esse nome<sup>84</sup>. Mas na verdade, realmente nunca saberemos, não existe fonte exata a esse respeito. Algumas fontes franciscanas referentes a Francisco, nem mencionam este fato sobre como se deu a adoção do nome do “santo”.

Na juventude Francisco era um rapaz comum, que realizava pequenos trabalhos junto com o pai e até algumas viagens para comprar tecidos para o comércio da família. Fez a maioria de seus estudos em Escola de monges beneditinos, na cidade de Assis. O que era um padrão da época para rapazes de famílias abastadas. Durante sua adolescência começou a trabalhar na loja do pai, onde era caixeiro, considerado o melhor vendedor de seu pai. Na citação a seguir perceberemos essa atividade de comerciante e burguês:

*A Legenda trium sociorum* oferece um exemplo extremamente exato da psicologia do comerciante, colhida por um homem que trabalha numa cidade, enquanto a longa polêmica de Tomás de Celano contra a família de Francisco e a educação do filho corresponde plenamente ao juízo moralista de quem

---

<sup>82</sup> Encontram-se dúvidas quanto à data exata do nascimento de Francisco, pois no período medieval a data que marcava a vida era a morte. Podemos ver: LE GOFF, J. **A bolsa e a vida**. Lisboa: Edições 70, 1989. p. 20-35.

<sup>83</sup> MANSELLI, R. **São Francisco**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 38.

<sup>84</sup> Ibid. p. 221.

ainda compartilhava a opinião de que um comerciante e os seus familiares, seja qual for a sua posição, estavam por si mesmos condenados a perder-se, porque as suas possibilidades de salvação eram mínimas e a sua atividade era em si e de per si culpada.<sup>85</sup>

Assim descreve Boaventura a juventude de Francisco, como membro de uma sociedade, já inclinada à busca da riqueza e ostentação do poder. Outro contemporâneo de Francisco, Boaventura também cita as dissipações dos burgueses do século XIII.

Embora fosse inclinado à vida dissipada, nunca cedeu à tentação. Vivia num ambiente marcado pela cobiça desenfreada dos comerciantes, mas ele mesmo, embora gostasse de obter seus lucros, jamais se prendeu desesperadamente ao dinheiro e às riquezas.<sup>86</sup>

Neste estrato da FF de Boaventura, vemos a tentativa de mostrar ao leitor<sup>87</sup>, que Francisco tinha defeitos, mas não era avaro, mas sim pródigo. Suas qualidades sobressaíam, segundo seu biógrafo. Como qualquer hagiógrafo, tem que se exaltar às qualidades do seu biografado, colocando-o numa condição divina, ou seja, acima dos homens comuns. Enquanto um homem comum se deixaria levar pelo dinheiro.

O mesmo não aconteceria com um “homem divino”, que sempre deixaria transparecer sua bondade sem precedentes. Reforçando a ideia mostrada por Manselli anteriormente, na citação sobre a *Legenda trium sociorum* (Legenda dos Três Companheiros). Um comerciante por mais generosidade que possuísse, na mentalidade medieval, estava condenado pelas leis da Igreja.

---

<sup>85</sup> Ibid. p. 33.

<sup>86</sup> FF (LM, capítulo 1, p. 464).

<sup>87</sup> Quando me refiro ao leitor, quero referenciar os devotos e frades que iriam ler a biografia de São Boaventura. Não era de interesse do escritor, mostrar Francisco como avaro ou mesquinho, mas sim bondoso e humilde.

Francisco passou a maior parte de sua juventude nas grandes festas, que dava em sua casa, bebida e comida não faltavam, era considerado um dos trovadores de Assis, a música em sua vida sempre terá lugar de destaque<sup>88</sup>.

### 2.3.1 Contexto

Neste período a Europa Ocidental encontrava-se em meio às várias guerras dos imperadores em nome da fé e pelo poder temporal. O contexto era de divisão em vários reinos, com uma tentativa por parte dos reis de afirmarem suas monarquias centralizando o poder em suas mãos e se afastando gradualmente da tutela da Igreja. Eram constantes as disputas do poder entre os reis, que devido ao sistema de vassalagem se viam obrigados a delimitar cada vez mais a quem cabe o poder<sup>89</sup>.

Os gibelinos eram a favor de um poder maior do rei em relação ao Papa. Os guelfos apoiavam uma divisão desse poder entre o Papa e o rei, cada qual com sua função espiritual e temporal.

Em 1198 ocorre uma eleição simultânea de dois imperadores na Alemanha. Felipe da Suábia, irmão de Henrique VI, candidato Gibelino<sup>90</sup>, partidário do Imperador. E Oto de Braunschweig, candidato Guelfo<sup>91</sup>, partidário do Papa.

É conhecido que, enquanto se desenvolvia na Alemanha a luta entre Felipe de Suábia, filho de Barbarroxa, e Oto de Braunschweig, filho de Henrique, o Leão, pela sucessão ao trono imperial, ficou rei da Sicília o menino Frederico Rogério – assim se chamava o futuro Frederico II – sem forças próprias, sem ninguém que de fato o apoiasse, a não ser o distante tutor, o papa Inocêncio III, como parece, bastante disposto a seu respeito, atento para seguir as difíceis e penosas vicissitudes da vida, segundo o que lhe informava o arcebispo de Cápua,

---

<sup>88</sup> STICCO, Maria. **São Francisco de Assis**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001. p. 47.

<sup>89</sup> DUBY, Georges. **Idade Média, idade dos homens**: do amor e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 103-109.

<sup>90</sup> BAUMGARTNER, M. **A Igreja no Ocidente**: das origens às reformas no século XVI. Lisboa: Edições 70, 2001. p. 142.

<sup>91</sup> Ibid. p. 173.

Reinaldo de Celano, e segundo as notícias que vazavam da intrincada e confusa situação da ilha da Sicília.<sup>92</sup>

Quase no mesmo período ocorre uma revolta dos burgueses, que tomam *La Rocca* e fundam a República de Assis. É descrito pela historiadora Maria Sticco. “A pérola da Úmbria é Assis. Um punhado de casas lançadas ao flanco ocidental do Subásio, que se apresenta metade verde, metade áspero e nu na planície de Espoleto, e eis, de longe, Assis.”<sup>93</sup> Um ideário de defesa de sua terra alimentava os jovens de Assis, inclusive Francisco. O sonho de lutar pela terra, e se tornar um homem das armas, ou quem sabe ser um cavaleiro cheio de glória.

Em 1201, o então papa Inocêncio III pronuncia-se a favor de Oto. Assis declara guerra a sua vizinha Perúgia, que dura cerca de um ano. Mas são derrotados em *Collestrada* em 1202.

Em Collestrada, Francisco combateu e foi feito prisioneiro, ficou trancado com os nobres, porque “era nobre de comportamento (*nobilis erat moribus*)”: a expressão da Legenda dos três companheiros significa que as suas condições econômicas lhe permitiram combater a cavalo com os *milites*, isto é, com os cavaleiros que geralmente eram pertencentes à nobreza.<sup>94</sup>

Francisco pertencia à classe dos burgueses, mas segundo seus biógrafos, tinha comportamento nobre. E, segundo a Legenda<sup>95</sup>, não houve nenhuma discriminação por parte dos verdadeiros nobres para com Francisco. “O senhor incutia em seu coração um sentimento de piedade que o tornava generosos com os pobres.”<sup>96</sup>

Francisco se torna prisioneiro de guerra, ficando no cativeiro por um período de quase um ano. A duração desta prisão é imprecisa em quase todas as fontes franciscanas, aqui consultadas. Passado este tempo, retorna para

---

<sup>92</sup> MANSELLI, op. cit., p. 53.

<sup>93</sup> STICCO, M. **São Francisco de Assis**. Petrópolis: Vozes, 1982. p. 44.

<sup>94</sup> MANSELLI, op. cit., p. 52-53.

<sup>95</sup> FF (LTC, capítulo 2, p. 649).

<sup>96</sup> FF (LM, capítulo 1, p. 464).



sua casa em Assis, muito doente e confuso sobre sua vida. Lutou inquieto contra uma verdadeira tortura da alma. Mesmo permanecendo velada a conversão interna, houve uma mudança em Francisco: está começando agora alguma coisa que não acontece todos os dias. Para usar as palavras de Dante: “Começa uma nova vida.”<sup>97</sup>

### 2.3.2 A conversão

Assim inicia-se o período mais conturbado de sua vida, que muitos historiadores chamam de conversão. As fontes deixam várias lacunas, quando intentamos reconstruir os passos da conversão, algumas citam outras omitem e há aquelas que constroem uma conversão gloriosa. O que torna o trabalho do historiador mais árduo, porque se faz necessária uma compreensão profunda das fontes franciscanas para realizar uma boa análise. Segundo uma passagem de Frei Tomás de Celano sobre sua conversão, considerada uma conversão gradual, ou seja, que se processa lentamente.

Este é, pois, um homem que vive no pecado com paixão juvenil. Arrastado pelos impulsos de sua idade, pelas tendências da juventude e incapaz de controlar-se, poderia sucumbir ao veneno da antiga serpente. Mas a vingança, ou melhor, a misericórdia divina, subitamente despertara sua consciência mediante angústia espiritual e enfermidade corporal, conforme as palavras do profeta: “Fecharei com espinhos seu caminho, cercá-lo-ei com um muro”. Prostrado por longa enfermidade, que é o que merece a teimosia dos homens que não se emendam a não ser com castigo, começou a refletir consigo mesmo de maneira diferente. Já um pouco melhor, e firmado em um bastão, começou a andar pela casa para recuperar as forças. Certo dia, saiu à rua e começou a observar com curiosidade a região que o cercava. Mas nem a beleza dos campos, nem o encanto das vinhas, nem coisa nenhuma que é agradável de se ver conseguia satisfazê-lo. Admirava-se por isso de sua mudança repentina e começou a julgar loucos os que amam essas coisas.<sup>98</sup>

---

<sup>97</sup> NIGG, W. **O homem de Assis**. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 10.

<sup>98</sup> FF (1C, capítulo 2, p. 181).

Estas palavras de Tomás de Celano retratam o momento vivido por Francisco. Momento este de mudança espiritual, ou seja, interna. Coisas que antes adorava, agora nada significavam para ele. Este estrato de *Vita Prima* é uma verdadeira retomada da personalidade forte de Francisco. Tomás de Celano, quando se refere à juventude de Francisco antes da conversão, simplesmente levanta pontos negativos em sua imagem (luxúria, vaidade, gula).

Após a conversão ele transforma a imagem de Francisco, em um alaúde de Deus. Será que em sua pesquisa oral, entre os franciscanos que conviveram com Francisco, Celano conseguiria informações tão negativas sobre ele, antes da conversão? Quem poderia ter dado tais informações? Os parentes? Não constam. Mas, se fossem eles, condenariam a si mesmos, porque segundo Celano em *Vita Prima*, os pais não eram tão edificantes. Dúvidas ainda longe de serem resolvidas, pelos especialistas em franciscanismo.

Francisco mesmo considerado santo, ainda lutaria muito até uma conversão definitiva. Este episódio em sua vida representaria apenas o princípio de uma longa jornada de dúvidas e incertezas. A conversão definitiva só ocorreria em abril de 1207, estabelecendo assim, o fim do processo de conversão, segundo Tomás de Celano em *Vita Prima*. Embora Celano tenha convivido com Francisco e presenciado as suas obras, ele não sofreu tanta influência como a de Boaventura. Assim usaremos mais sua obra como referência para entendermos o nascimento da Ordem Franciscana. Mas sem descartar a *Legenda Maior* de Boaventura, onde julgarmos necessário sua referência.

A escolha pela pregação para Francisco veio através do Evangelho e das palavras ali contidas. Sair dois a dois pelo mundo, levando as palavras do Senhor e anunciando a boa nova, como fez Jesus e seus apóstolos.

Durante uma missa na Igreja da Porciúncula, ele ouve as palavras do Evangelho de São Mateus “Não leveis nem ouro nem prata, nem dinheiro em vossos cintos, nem bolsa para a viagem nem duas túnicas, nem calçados, nem bastão”. A partir daquele momento não quis ter mais nada em duplicata.

Optando por se vestir com um hábito grosseiro que cingiu com uma corda em vez de correia, deixando o cajado, o calçado, a túnica e a bolsa. A partir deste momento passa a saudar as pessoas com as palavras “Que o Senhor vos dê a paz!”.

A conversão de São Francisco levou cerca de três anos, tempo que despendeu para reconstruir três igrejas, início de uma vida eremítica. Até o começo da pregação e a chegada de seus companheiros.

### 2.3.3 Inícios da Ordem

O primeiro companheiro foi Bernardo de Quintavalle, rico negociante de Assis. Ouvindo uma das prédicas de Francisco, doou tudo que tinha aos pobres para se dedicar a Deus. O segundo foi Pedro de Catânia, era vigário da Igreja de São Nicolau. Larga tudo para seguir com eles. Depois deles muitos vieram até que se fez necessária a criação de uma Ordem para seus irmãos na pobreza. “É o “terceiro ano de conversão” de Francisco, a 12 de outubro de 1208 ou a 24 de fevereiro de 1209. Francisco tem 26 ou 27 anos. De convertido, torna-se missionário. São Francisco nasceu, vão nascer os franciscanos.”<sup>99</sup> Chamando-os de Ordem dos frades menores, “os menores entre os menores”, segundo o próprio Francisco.

Ser frade no século XIII significava realizar a própria vida do Cristo, pobre e humilde, um sonho de vários homens e mulheres no período medieval. “Não podemos, entretanto, imaginar a vida do Frade Menor sem o carisma de São Francisco.”<sup>100</sup> Os elementos do carisma de Francisco, segundo Constantino Koser, “amor fraterno, fidelidade à pobreza, eclesialidade”<sup>101</sup>.

A aprovação da Igreja fazia-se necessária para que o pequeno grupo que começava a se formar não fosse acusado de herético por outros membros

---

<sup>99</sup> Ibid. p. 69.

<sup>100</sup> DIRETÓRIO DA REGRA DE SÃO FRANCISCO: editado, como manuscrito, pelos Franciscanos da Alemanha. Petrópolis: Vozes, 1958. p. 17.

<sup>101</sup> KOSER, Constantino. **O pensamento franciscano**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 25-34.

da Igreja que os viam perambulando pelas redondezas de Assis. Começa a busca pela aprovação eclesiástica.

Inocência III, entre os anos de 1209-1210, nos quais aconteceu a viagem da pequena comunidade a Roma, estava em um dos períodos mais intrincados e difíceis do seu não fácil pontificado, tanto no plano político quanto no plano religioso<sup>102</sup>.

No ano de 1209, ele e seus companheiros foram até Roma, para falar com o papa Inocência III. São Francisco vai a Roma com doze discípulos, como outro Cristo é descrito em suas biografias. Devemos nos perguntar por quê? O Evangelho diz que Jesus enviou seus discípulos dois a dois. Francisco também dividiu os discípulos dois a dois. Era um simbolismo muito empregado na literatura eclesiástica. Vejamos o que nos diz o historiador Théophile Desbonnets, sobre a viagem a Roma:

Os frades puseram-se, então, a caminho para Roma, a fim de conseguir a aprovação para seu gênero de vida. Mas como fariam eles a viagem? Também neste particular a tradição apresenta variações. Tomás de Celano não indica quantos frades se puseram em viagem, mas em certo momento o grupo compõe-se de 12 frades, dos quais apenas de quatro se registra o nome: Francisco, Bernardo, Gil e Felipe. Para os *Três Companheiros* também o grupo consta de 12 frades, dos quais sete conservam o nome: Francisco, Bernardo, Pedro, Gil, Sabatino, Morico e João Capella. O autor, porém, toma cuidado de precisar que Francisco era o décimo segundo, vale dizer que, simbolicamente, o grupo representava os apóstolos. Com efeito, o tema de *Conformidades da Vida de Francisco com a de Cristo* começava aparecer e atribuir a Francisco 12 companheiros, que teriam sido seus “apóstolos”, desempenhando ele o papel de Cristo; o autor de *Três Companheiros* pretendia reagir contra esta tendência.<sup>103</sup>

---

<sup>102</sup> MANSELLI, R. **São Francisco**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 100.

<sup>103</sup> DESBONNETS, T. **Da Intuição à Instituição**. Petrópolis: CEFEPAL/Vozes, 1987. p. 38.

A Igreja ostentava poder, só a simples imagem daquele homem causava aversão ao Papa Inocêncio III<sup>104</sup>, era o auge da Igreja Medieval. O Papa Inocêncio III é considerado por muitos historiadores um verdadeiro alicerce das intermináveis crises papais, depois de ter um sonho com Francisco, onde este aparece segurando a Basílica de São João do Latrão da queda, o Papa decide recebê-los.

No dia 16 de abril de 1209, recebem a benção do papa para fazer suas pregações. A aprovação da primeira Regra, oralmente, com reservas e a título de experiência até maior crescimento da Ordem. Atrás destas reservas não estava somente o conteúdo de um novo tipo de Vida Religiosa, mas também o contexto histórico dos movimentos reformistas que agitaram a Igreja, conhecidos por Inocêncio III.

O Papa Inocêncio III a respeito dos franciscanos, não deixou nada por escrito. Apenas conselhos e a aprovação oral da Regra, que sabemos através de relatos. Após a autorização do Papa, Francisco começa a pregar na Catedral de São Rufino, já que a Porciúncula (considerada o exemplo para a forma minorítica de vida, idealizada por Francisco) se tornou demasiadamente pequena para o número de pessoas que queriam ver suas prédicas. “Crescia sem cessar o número dos admiradores de São Francisco e dos fiéis que desejavam viver segundo o seu ideal.”<sup>105</sup> Francisco propunha uma novidade, nunca criticou a estrutura eclesiástica, como não condenou o sistema sócio-econômico.

#### 2.3.4 A Ordem cresce a cada dia

Francisco inicia um período de peregrinação pelo Oriente no ano de 1212, que falha por não aceitarem a pregação do cristianismo e a tentativa de

---

<sup>104</sup> “Inocêncio III, nascera em Anagni, em 1160, de família patricia, estudara jurisprudência em Bolonha e teologia em Paris, fora aos trinta anos nomeado cardeal e após, durante sete anos, se recolhera à solidão, em seu castelo de Anagni, até que, por morte de Celestino III, foi eleito Papa.” STICCO, M. **São Francisco de Assis**. Petrópolis: Vozes, 1982. p. 37.

<sup>105</sup> Ibid., p. 150.

conversão dos infiéis. Em algumas cidades no Oriente, os franciscanos chegaram a ser apedrejados ou presos, alguns foram inclusive martirizados. Muitos morreram durante essa campanha de Evangelização, através da pregação.

Outro ponto em que as FF são muito confusas, por exemplo, em *Vita Prima*, nem é citado este episódio por Tomás de Celano. Já São Boaventura, cita apenas como um “contratempo no caminho da salvação do povo pagão”<sup>106</sup>. Francisco apreendeu tudo o que podia com os muçulmanos, após suas viagens para o Oriente em busca da Terra Santa.

O trajeto de peregrinação franciscana inicia-se com o desejo de Francisco de chegar a Terra Santa (Jerusalém), mas na primeira tentativa Francisco e seus companheiros enfrentam uma tempestade. E, retornam sem alcançar seu objetivo. Em outra tentativa, ele consegue e se instrui com os hábitos do oriente e muda sua visão de mundo. Passa a perceber o outro como igual e não mais como o demônio e a essência do mal.

Outros frades foram à França, Alemanha, Hungria, Espanha e Países Baixos, as primeiras viagens de evangelização falharam e surgem os primeiros mártires franciscanos. O seu retorno lhe revela uma Ordem que necessitava de uma Regra para dar parâmetros de conduta para os frades.

No ano de 1215 ocorre o Concílio de Latrão, onde Inocêncio III reafirma a aprovação da Regra de vida da Ordem dos frades menores. Mesmo sendo decisão do Concílio não aprovar nenhuma Regra nova, segundo o Cânone XIII. “O Direito Canônico então em vigor não tinha base para acomodar nos decretos tradicionais as novas realidades da Ordem dos Frades Menores.”<sup>107</sup> Uma Ordem onde a pobreza ocupa uma posição essencial no pensamento e na vida de um frade, segundo o que propõe Francisco.

---

<sup>106</sup> FF (LM, capítulo 9, p. 528).

<sup>107</sup> DIRETÓRIO da Regra de São Francisco: editado, como manuscrito, pelos Franciscanos da Alemanha. Petrópolis: Vozes, 1958. p. 25.

O sermão inaugural feito pelo papa mencionava o signo *Tau*<sup>\*</sup>, que mais tarde passou a ser usado como assinatura simbólica de São Francisco de Assis. Por que foi aprovada uma nova Ordem? Várias respostas pode haver sobre esta questão. A Igreja precisava lutar contra os heréticos, que se tornaram quase uma febre na Europa. A ordem poderia pregar fervorosamente contra a heresia, e principalmente demonstrar para a população que a Igreja também abre suas portas para os pobres. A figura de Francisco causava uma comoção geral no povo. Muitos largavam tudo para seguir sua vida de renúncias materiais. O seu carisma era impressionante, não impressionava pela beleza, nem alto, nem forte, nem por sua altivez. Porém seu próprio companheiro Tomás de Celano assim o descreve em *Vita Prima*:

De estatura pequena, cabeça regular e redonda, face um pouco oval e alongada, testa plana e pequena, olhos negros de medida normal e sinceros, cabelos negros, sobrancelhas direitas, nariz justo, subtil e direito, orelhas direitas, mas pequenas, têmporas planas, língua branda, escaldante e penetrante, voz robusta, doce, clara e sonora, dentes unidos e iguais, brancos, lábios pequenos e subtis, barba negra e escassa, ombros direitos, mãos descamadas, dedos longos e unidos salientes, pernas esguias, pés pequenos, pele delicada.<sup>108</sup>

Esta é a descrição minuciosa, feita pelo primeiro hagiógrafo de Francisco. A partir destas características o que tanto magnetizava seus ouvintes? Onde se encontraria a razão de seu reconhecimento diante da Igreja. Talvez na tríade apontada pelo historiador Constantino Koser, “amor mutuo dos

---

\* O Tau, além de ser um símbolo Bíblico é a última letra do alfabeto hebraico e a 19ª do grego, derivado dos Fenícios e correspondentes ao “L” em português. É a mais antiga grafia em forma de cruz e significa Verdade, Palavra, Luz, Poder e Força da mente direcionada para o grande bem. Também é a convergência das duas linhas: verticalidade e horizontalidade significam o encontro entre o Céu e a Terra. Divino e Humano e representa o sinal dos eleitos por Deus. Os que tivessem a fronte marcada pelo sinal Tau teriam as armas adequadas para lutar contra o mal. Vide: BIGI, Mariano. **O Tau**: um sinal, de espiritualidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. O autor realiza várias reflexões sobre a origem, significado e importância deste símbolo.

<sup>108</sup> FF (1C, capítulo 29, p. 238).

irmãos, fidelidade a pobreza, eclesialidade na forma de submissão e serviço aos prelados e clérigos da Igreja”<sup>109</sup>.

Outro depoimento de valor é *Chronica* de Jordano de Jano. Porque ele pessoalmente viveu o clima no qual se deu a expansão da Ordem. Foi acolhido entre os frades menores pessoalmente por São Francisco, provavelmente por volta de 1217. Sua crônica é considerada por Manselli “uma narração da vida vivida”<sup>110</sup>. Até para quem viveu lado a lado com Francisco, tem dificuldades para expressar sua comoção diante do fundador. Por quê? Pois muitos pregavam ao seu estilo, mas foram considerados heréticos. Francisco poderia representar uma nova esperança para uma Igreja corrompida e desestruturada dos ensinamentos primitivos do cristianismo.

O fato de a Igreja aceitá-los aproximava-os dos ensinamentos de Cristo. “Recebendo os Frades Menores sua Regra, surgia com eles na Igreja um tipo inteiramente novo de Religiosos, que no momento não se adaptava aos moldes tradicionais do Direito Canônico”.<sup>111</sup> Pois para a Igreja, Francisco lhe pertencia. A partir do momento que o intitularam de Diácono\*. Apesar deste título nunca ter sido reconhecido por Francisco, que considerava que um frade não deveria ser titulado, como este ou aquele, mas todos como iguais. Sua negação por títulos que lhe deixassem num patamar superior aos demais era uma constante ao longo de sua vida.

No verão de 1216, precisamente no dia 17 de julho, chegava a Perúgia, depois de uma longa viagem da distante França, um prelado ilustre, Jacques de Vitry, para encontrar aí o Papa Inocêncio III, pelo qual tinha sido designado bispo de Acre, na Terra Santa.<sup>112</sup>

O testemunho de Jacques de Vitry é impressionante num primeiro momento, porque ao fazer a descrição dos frades menores, não menciona Francisco. Falando simplesmente do retorno dos mesmos à Igreja primitiva.

---

<sup>109</sup> KOSER, op. cit., p. 25-34.

<sup>110</sup> MANSELLI, op. cit., p. 33.

<sup>111</sup> DIRETÓRIO da Regra de São Francisco: editado, como manuscrito, pelos Franciscanos da Alemanha. Petrópolis: Vozes, 1958. p. 14.

\* Clérigo no segundo grau das ordens, imediatamente inferior ao presbítero, ou padre.

<sup>112</sup> MANSELLI, R. **São Francisco**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 162.



Um só consolo, no entanto, encontrei naquelas partes: vi um grande número de homens e mulheres que renunciavam a todos os seus bens e abandonavam o mundo por amor de Cristo: 'Irmãos menores e Irmãs menores', como são chamados. O senhor papa e os cardeais têm por eles grande estima. Não têm interesse nenhum nos valores temporais. Alimentam, porém, uma única paixão à qual consagram seus esforços: arrancar às vaidades do mundo as almas que estão em perigo e atraí-las às suas fileiras [...]<sup>113</sup>

A fama da Ordem já corria o mundo e Francisco atraía as atenções, bem como as ações de preocupação da Igreja em relação a essa Ordem, que não cessava de crescer e se expandir.

Em julho de 1216, morre Inocêncio III, assume Honório III, e no ano seguinte no Capítulo Geral\*, ocorre a divisão da Ordem em Províncias. Neste momento o papa tinha estimulado todos os cristãos a sustentarem uma Guerra Santa, contra os muçulmanos a fim de convertê-los à doutrina cristã e a reconquista de Jerusalém para os cristãos. Os franciscanos decidem se dedicar a pregar aos infiéis na Terra Santa. Ocorre nesse momento o encontro de Francisco com o sultão al-Kamil.

Que ele tenha estado e que tenha falado com ele é fora de dúvida, até porque, como foi indicado por primeiro por Louis Massignon e confirmado recentemente por Francisco Gabrieli, é possível encontrar um eco preciso desta presença do santo na biografia de um teólogo e jurista egípcio, Fakhr ad-din al-Fârisê, velhíssimo, mas bastante famoso naqueles anos como "diretor espiritual e conselheiro de al-Kamil". Nesta se recorda da discussão que o sábio teria tido com um monge cristão na presença do soberano.<sup>114</sup>

No Capítulo de Pentecostes de 1220, Francisco decide pregar no Egito, já debilitado por suas andanças e jejum constante, contrai tracoma, durante essa viagem para a evangelização dos infiéis, passando assim a se tornar mais

---

<sup>113</sup> FF (Testemunhos não- franciscanos do século XIII Jacques de Vitry, Carta escrita de Gênova em outubro de 1216, p. 1029).

\* Reunião anual dos franciscanos, onde eram reunidas todas as Províncias franciscanas.

<sup>114</sup> MANSELLI, op. cit., p. 207.

ausente devido a sua saúde, deixando os franciscanos distantes de seu *Pai Seráfico*\*. Para complicar ainda mais os ânimos dentro da Ordem.

Era dia 29 de setembro de 1220: os frades estavam reunidos em capítulo. As consequências dos fenômenos de inquietação, sucedidos durante a ausência de Francisco em viagem à Terra Santa, tinham se acalmado, e o caminho da Ordem, assegurado também pelo apoio do cardeal protetor, parecia retomado com plena serenidade. Mas eis que, ante a surpresa de todos, o santo se levantou, já atormentado por aquelas graves doenças que o acompanharam até à morte, e pronunciou palavras que para muitos pareciam incríveis: “De agora em diante, estarei morto para vós. Eis Frei Pedro Cattani, a quem eu e vós todos obedeceremos.” Todos se comoveram, especialmente quando ele, ajoelhando-se diante de seu confrade, lhe manifestou os sinais de obediência e do respeito devido a um superior.<sup>115</sup>

Nunca se soube realmente os motivos desse abandono. Le Goff aponta:

[...] uma insatisfação pessoal de Francisco com os rumos que a Ordem idealizada tomava. O que se concebeu como uma grande família estava se tornando estruturada e letrada, coisas que representariam um distanciamento de tudo o que foi colocado, como uma vida Franciscana.<sup>116</sup>

A indicação de Pedro Cattani era a última tentativa de se voltar para os princípios originais do franciscanismo. Porém, logo após assumir Pedro de Cattani morre.

Francisco era a alma da Ordem, e dava-lhe o espírito. O grupo de Ministros e letrados, mormente o que formava em redor do Irmão Elias, não era hostil ao espírito, mas insistia na necessidade de haver lei, organização, prescrições inspiradas pelo senso de vida prática. Em toda a parte se verifica que os

---

\* Nome pelo qual franciscanos chamavam São Francisco, devido a sua semelhança com um *Serafim*.

<sup>115</sup> MANSELLI, op. cit., p. 215.

<sup>116</sup> LE GOFF, J. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 87.

Ministros tinham em mira o ulterior desenvolvimento da Ordem. Estava declaradamente a favor deles o Cardeal Ugolino.<sup>117</sup>

Assume o comando da Ordem Frei Elias de Cortona Bombarone, um homem que sempre sonhou com a teologia para os franciscanos, considerado por muitos historiadores uma das razões do racha entre os frades<sup>118</sup>. O ministro Geral institui os ministros Provinciais. As Províncias por se tornarem muito extensas, foram divididas, em Custódias. Durante a realização dos Capítulos (reunião geral dos frades de todas as províncias), os frades têm autonomia, para retirar do poder o Ministro Geral. Se este por qualquer razão não for idôneo e não pensar no bem comum dos irmãos.

Esta foi uma das maneiras encontradas pelos franciscanos para diminuir o poder do ministro geral, delimitando assim, seus atos, perante a frente da Ordem<sup>119</sup>. Frei Elias foi uma das razões de tais medidas, após ter feito a obra de construção da Basílica de São Francisco de Assis (iniciada em 1228, pelos frades e a Igreja, supervisionada por Frei Elias, que era responsável por arrecadar os fundos para construção). Considerada tão suntuosa, quanto a Basílica de São Pedro, contrariando totalmente os preceitos franciscanos, criou uma revolta entre os frades, que não aceitavam tal afronta à memória de Francisco. Esta é uma das razões de sua excomunhão pelo Papa Gregório IX<sup>120</sup>.

Em 1221 no Capítulo de Primavera, as pressões dos franciscanos e do protetor da Ordem Cardeal Ugolino de Óstia para a redação de uma Regra definitiva para os frades, levaram Francisco, a começar a escrita de uma Regra de Vida para seus irmãos.

Na Vida e Regra dos Frades Menores constava desde o início à expressa protestação de obediência ao Papa: 'Frei Francisco e quem quer que seja Chefe desta Ordem, prometa obediência

<sup>117</sup> DIRETÓRIO da Regra de São Francisco, op. cit., p. 38.

<sup>118</sup> FALBEL, Nachman. **Os espirituais franciscanos**. São Paulo: Perspectiva, 1995. p. 37.

<sup>119</sup> DESBONNETS, T. **Da instituição à intuição**. Petrópolis: CEFEPAL/Vozes, 1987. p. 120.

<sup>120</sup> FALBEL, op. cit., p. 47.

e acatamento ao Senhor Papa Inocêncio III e a seus sucessores'[...]<sup>121</sup>

Essa exigência de obediência obrigava aos frades, que mesmo contrários aos atos e ao modo de vida da Igreja, deveriam obedecer. Uma obrigação que limitava a ação dos franciscanos em suas prédicas. No mesmo ano Francisco escreve o que para ele, era a perfeita vida de Cristo.

O teor da grande Regra, que se coloca no ano de 1221, representaria com seus vinte e quatro capítulos uma gradual ampliação do texto da Regra redigida em 1210. Em contraste com todos os outros escritos do Santo, publicados quase todos depois de 1220, a Regra não é propriamente uma resultante de pesquisas literárias, mas antes uma sedimentação de experiências práticas da vida, Francisco pode colher na primeira e mais encantadora florescência da Ordem.<sup>122</sup>

Porém ao apresentar este novo texto aos franciscanos todos foram categóricos em numerá-la como árdua demais para a Ordem e contrária ao estabelecido até então pela Igreja. A reprovação pela Ordem e a Igreja causaram a Francisco grande angústia. “Na redação da Regra não confirmada, a influência do grupo não parece ter sido muito grande.”<sup>123</sup> Devemos levar em conta que, ao redigir uma Regra para uma dúzia de frades, Francisco não necessitava de grande conhecimento jurídico ou canônico.

Mas, agora eram milhares e a Regra receberia a *Bula papal* definitiva. Assim sendo, todos que ingressassem na Ordem até os fins dos dias, seguiriam esta Regra. Paul Sabatier afirma claramente em sua obra o conceito de coação, “que Francisco fora vítima, pois se encontrava doente e debilitado, sendo mais facilmente manipulado pelos extremistas franciscanos e pela Igreja”<sup>124</sup>. Quando os Frades Menores receberam a aprovação da primeira

---

<sup>121</sup> DIRETÓRIO da Regra de São Francisco, op. cit., p. 133.

<sup>122</sup> DIRETÓRIO da Regra de São Francisco, op. cit., p. 36.

<sup>123</sup> DIRETÓRIO da Regra de São Francisco, op. cit., p. 39.

<sup>124</sup> SABATIER, P. **Vida de São Francisco de Assis**. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2006. p. 42.

Regra\* que se perdeu, surgia com eles na Igreja um tipo inteiramente novo de Religioso, que no momento não se adaptava aos moldes tradicionais das instituições de religião eremítica, monástica e canonical. Foi necessário ampliar a base jurídica, para que movimentos como o dos franciscanos, não fosse considerado herético.

No “corpo do direito” (*Corpus Iuris Canonici*) não se teria encontrado o fundamento jurídico (auctoritas) para os movimentos renovadores de caráter supradiocesano que, naquele momento histórico, estavam sacudindo a vida da Igreja, por causa de sua novitas: tratava-se de movimentos animados de grande espírito expansionista e firmemente unidos no seu interior pela exaltação de seu ideal. Não tratava tanto do problema da pobreza, quanto do problema de encontrar uma nova estrutura jurídica para estes movimentos.<sup>125</sup>

Agora com a elaboração desta nova Regra havia a chance dos franciscanos voltarem para os moldes aceitáveis da Igreja. Considerando que o protetor da Ordem era o Cardeal Ugolino que posteriormente seria o Papa Gregório IX. Sua grande amizade por Francisco era a maior arma da Igreja, para que se redigisse uma Regra com os interesses da Igreja postos para os seus predecessores.

Os frades menores estavam abalados com os rumos da Ordem. Divididos em dois grupos: os que eram a favor dos ideais da Igreja, cada vez mais favorável ao acúmulo de bens e era omissa com a avareza de seus membros. Mas sem perder o caráter idealizado por Francisco, esse grupo via os estudos como um modo para se obter êxito frente às outras ordens existentes. Já o outro grupo exigia a volta ao Franciscanismo primitivo<sup>126</sup> ou a origem em Rivotorto. Mais tarde eles irão se tornar os espirituais franciscanos,

---

\* Sabemos especialmente, pelo próprio Francisco e por São Boaventura, que essa Regra era curta e simples e se compunha essencialmente de algumas passagens do Evangelho.

<sup>125</sup> BONI, A. **As três ordens franciscanas**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 12.

<sup>126</sup> Franciscanismo primitivo é a fase compreendida entre 1209 (aprovação oral da Ordem dos Frades Menores) até 1226 (ano da morte de Francisco).

extremistas e guiados pelas idéias milenaristas concebidas por Joaquim de Fiore.

Um exímio fantasista em interpretações espirituais da Bíblia foi o abade Joaquim de Fiore (+1202), o “profeta” que tanto excitou as imaginações dos leitores do século XIII, e muito venerado entre os franciscanos “Espirituais” da mesma época. Um frade, frei Geraldo de Borno San Donnino, chegou a afirmar, em meados do século XIII, que três obras exegéticas de Joaquim de Fiore constituíam o novo “Evangelho eterno”, que vinha substituir o Evangelho de Jesus Cristo. A exegese ou interpretação histórica é igual à da Bíblia. Procura no texto o que o autor quer dizer ou implicitamente.<sup>127</sup>

Este grupo de frades era hostil a Roma, tornando-se para a Igreja como, os novos heréticos, que faziam pregações contra a ortodoxia católica. Defendendo o franciscanismo primitivo pregado por São Francisco. Contra o exagero de grupos ultra-radicais do século XIII, dos assim chamados *Spirituali* ou *fraticelli*, era de absoluta necessidade estabelecer, clara e exatamente, a que pontos os Frades Menores, em virtude de voto e certas cláusulas da Regra, se obrigavam e a que pontos não se obrigavam.

Além de que estes pontos pouco importavam para os extremistas que buscavam o distanciamento das práticas políticas empregadas pela Igreja Romana que deveria representar o verdadeiro cristianismo. Estabelecendo uma anacronia pregando a pobreza e ostentando a riqueza. Sobre este movimento franciscano extremista o historiador Nachman Falbel, faz o seguinte comentário:

Da intensa vida religiosa da Idade Média desenvolveu-se por volta dos meados do século XIII, no seio da Ordem Franciscana, uma alarmante corrente de espiritualismo extremista, que se difundia amplamente e teve grande importância também no mundo laico, pois coincidiu com a crise do pensamento unitário medieval por causa do averroísmo e com a defesa de uma concepção estatal fortemente secularizada. Essa corrente estava vinculada ao pensamento

---

<sup>127</sup> SILVEIRA, I. **São Francisco de Assis**: ensaio de leitura das fontes. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 36.

do Abade Cisterciense Joaquim de Fiore (+1202), da Calábria.<sup>128</sup>

### 2.3.5 A questão da Regra e suas consequências

A Regra de 1221 foi reprovada ficando conhecida como *Regula non Bullata*. O próprio Francisco dizia “que suas palavras eram espírito e vida”. Mas nem assim sua vontade prevaleceu. Sendo que em 1223, é redigida uma nova Regra com o auxílio de Frei Cesário de Espira, especialista em textos religiosos, porém não era jurista e do Cardeal Ugolino de Óstia representante da Igreja na confecção da mesma.

Em sua quase totalidade, os autores hodiernos perfilham a tese de Sabatier, segundo a qual a Regra foi de qualquer maneira imposta a São Francisco, ou representa no mínimo uma transação, com sacrifício da parte mais valiosa.<sup>129</sup>

Porém os franciscanos de hoje, dizem que se percebe no movimento resquícios do espírito franciscano primitivo. Francisco manteve o carisma e sua absoluta devoção *Domina Paupertas* até o fim, mesmo que sua Regra não mais representasse sua vida. “Para se compreender a Regra, é preciso admitir nela, como elementos constitutivos, não só o carisma de São Francisco, mas também a vontade da Igreja.”<sup>130</sup>

No dia 29 de novembro de 1223, é aprovada com a *Bula Solet Annure* pelo Papa Honório III passando a ser chamada de *Regula Bullata*. Neste período a Ordem já estava dividida em três: Ordem dos Frades Menores (só para homens), Ordem das Clarissas ou Damianitas (só para mulheres), as duas com voto de pobreza e abstinência. Sobre a fundação da Ordem Terceira vejamos as palavras de São Boaventura:

<sup>128</sup> FALBEL, N. **Heresias Medievais**. São Paulo: Perspectiva, 1977. p. 72.

<sup>129</sup> DIRETÓRIO da Regra de São Francisco, op. cit., p. 15.

<sup>130</sup> DIRETÓRIO, op. cit., p. 16.

Francisco criou também a Ordem Terceira que é chamada a Ordem dos Penitentes. Comovidos pelos sermões fervorosos muitos ouvintes obrigavam-se a uma vida de penitência do modo como lhes foi mostrado por Francisco. O servo de Cristo chamava este modo de viver Ordem dos irmãos de penitência, esta forma de vida abrange sacerdotes, leigos, virgens e casados de ambos os sexos.<sup>131</sup>

A Ordem Terceira correspondia aos desejos da Santa Sé de conter a onda franciscana e voltá-la para seu proveito, tornando-a uma milícia leigo-religiosa a serviço de seus interesses espirituais. Francisco tinha uma hierarquização para se dirigir às várias camadas sociais dos mais pobres para os mais ricos.

Le Goff define o conceito de “Ordem”, constituída a principio para ser uma família de leigos, e também aborda o conceito de “hierarquização” que Francisco empregava. Evitava a utilização dos termos *rex, imperator, regina, principes, magnati*.<sup>132</sup> O pessimismo utilizado fazia com que afastasse qualquer termo político de seu vocabulário.

João de Fidenza nasceu em 1217, nove anos antes da morte de São Francisco, em Bagno Regio, Itália. Em 1243 recebeu seu habito franciscano, passando a se chamar Frei Boaventura. E, em 1257 foi eleito Ministro Geral da Ordem. Foi canonizado em 1482. Realizou em 1266 a biografia definitiva e oficial sobre Francisco de Assis. Não chegou a conviver com o Santo, fez sua obra com base em testemunhos dos companheiros ainda vivos de Francisco. Provavelmente se encontravam com uma idade bem avançada, e muitos já haviam morrido. Sua obra seria menos confiável, do que a de Tomás de Celano, talvez! Não podemos afirmar tal colocação, mas supomos que pelo fato de ser a primeira e recente aos acontecimentos da vida de Francisco os depoimentos colhidos por Tomás de Celano sejam mais confiáveis do que dos seus sucessores.

Podemos reparar no estrato citado anteriormente que não se parece com o vocabulário utilizado por Francisco. Porque começa com sacerdotes,

---

<sup>131</sup> FF (LM, capítulo 4, p. 485).

<sup>132</sup> LE GOFF, J. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro: Record, 2001.



termo raramente utilizado por ele. E claro que como bom hagiógrafo, deixa bem clara a comoção causada pelo “sanctus”. Esta obra foi escrita em 1266, com a finalidade de substituir as outras biografias, principalmente a de Tomás de Celano.

No Capítulo de 1266 a biografia foi definitivamente aprovada e se tornou oficial. Sendo ordenado no mesmo ano do Capítulo que se destruíssem todas as outras biografias de São Francisco, inclusive a de Tomás de Celano (*Vita Prima*).

### 2.3.6 Os estigmas e sua morte

Os estigmas que se manifestaram em Francisco no ano 1224 foram a confirmação de seu ideal Evangélico. Tomás de Celano descreve esse episódio:

Dois anos antes de morrer, Francisco estava no eremitério do Alverne\*. Iniciou um jejum de quarenta dias como costumava fazer. Numa manhã, perto da festa de exaltação da Santa Cruz, estava rezando ao pé da montanha quando enxergou por cima de si, numa visão\* divina, um homem suspenso no ar, pregado na cruz de braços abertos e pés juntos, semelhante a um serafim de seis asas. Duas asas estavam elevadas sobre a cabeça, duas abertas para voar, e finalmente, duas cobriam o corpo. Vendo isto Francisco encheu-se de admiração. Com grande alegria e profunda delícia sentiu o olhar cheio de graça lançado nele pelo serafim, que era a beleza indescritível. Mas o ser pendente da cruz e a amargura do sofrimento causavam horror a Francisco. Assim levantou-se, triste e alegre ao mesmo tempo, pois nele se revezavam tristeza e alegria. Francisco não conseguia ter clareza sobre esta visão divina, e enquanto o seu coração disto se ocupava fortemente, nas suas mãos e nos seus pés começaram a tornar-se visíveis as chagas dos pregos de maneira igual como havia visto pouco antes naquele homem crucificado acima de si. Além disto o seu lado direito ficava como que furado por uma lança e mostrava uma ferida cicatrizada que freqüentemente sangrava. Deste

---

\* No monte Alverne, na Toscana (1.269 m de altura), diocese de Arezzo, São Francisco recebeu este eremitério de presente, em 1213, do conde Orlando de Chuisi.

\* Foi nas proximidades da festa da Exaltação da Santa Cruz, 14 de setembro.

modo sua túnica e suas calças muitas vezes ficaram umedecidas deste sangue santo.<sup>133</sup>

Muitos duvidaram da veracidade dos estigmas, mas foi oficialmente reconhecido como o primeiro a receber os estigmas de Cristo. Celano provavelmente ao se referir ao fato da estigmatização de São Francisco tornou o texto extremamente místico. Se realmente ocorreu provavelmente não foi como seu primeiro biógrafo descreve. Mas podemos claramente notar um tom de santidade e revelação no ato de recepção dos estigmas.

Por exemplo, quando se refere ao jejum de quarenta dias como sempre fazia. Percebemos uma comparação de Francisco com Cristo, porém Celano vai mais além, pois Jesus ficou quarenta dias no deserto, mas só uma vez. Segundo Tomás de Celano, Francisco fez este ato diversas vezes. A laudação de um hagiógrafo é inevitável, afinal o seu trabalho visa o culto ao novo “Santo”.

“Depois dos estigmas sua vida foi escapando por suas mãos, já não conseguia realizar as tarefas mais simples do seu cotidiano”<sup>134</sup>. Várias foram as tentativas de salvar sua vida, nada conseguia controlar a fúria das várias moléstias que lhe atacavam. Cada vez mais debilitado Francisco decide escrever seu *Testamento*. Reforçando seus ideais de pobreza, castidade e obediência.

O historiador Georges Duby aborda a visão da dor para o homem medieval, como um ato de redenção: “Punição do pecado, portanto sinal de pecado, sinal igualmente de servidão, e por isso degradante, a dor só adquiria, conseqüentemente, valor positivo como um instrumento de correção, de resgate, de redenção.”<sup>135</sup> Mollat também fala sobre os estigmas, mas nos apresenta uma concepção divergente de Duby:

---

<sup>133</sup> FF (1C, capítulo 3, p. 246).

<sup>134</sup> STICCO, op. cit., p. 113.

<sup>135</sup> DUBY, G. **Idade Média, idade dos homens**: do amor e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 163.

Além das formas de pobreza involuntária que escolhera deliberadamente, Francisco também foi obrigado a aceitar, sem havê-los buscado, os sofrimentos físicos: afecções dos olhos e do aparelho digestivo, os próprios estigmas, pois podemos imaginar que estes últimos não foram um simples reflexo das dores do Crucificado.<sup>136</sup>

“No dia seguinte, 3 de outubro de 1226, recita o Cântico do Irmão Sol, lê a Paixão no Evangelho de João e pede que o depositem na terra sobre um cilício coberto de cinzas. Nesse momento um dos irmãos vê de repente sua alma, como uma estrela, subir direto ao céu. Tinha quarenta e cinco ou quarenta e seis anos.”<sup>137</sup> Deixando para trás uma Ordem dividida e em conflito com seus ensinamentos primordiais.

“A amizade entre o cardeal Ugolino e São Francisco tem qualquer coisa de comovente”<sup>138</sup>. O Cardeal Ugolino de Óstia, que era protetor da Ordem é eleito em 19 de março de 1227, Papa passando a se chamar:

Gregório IX (Francisco um dia profetizou que ele chegaria a dignidade papal), antes de aceitar o Portador do estandarte da cruz para o catálogo dos Santos, duvidou secretamente da chaga do lado do Santo. Mas – assim o papa confessou sob lágrimas – certa noite o Santo apareceu-lhe em sonho e, severamente, censurou-o por causa desta dúvida secreta. O Santo levantou o braço direito mostrou a chaga do lado, exigindo do papa um copo em que devia receber o sangue jorrado da chaga do lado. Em sonho, o papa viu este copo encher-se totalmente de sangue derramado desta chaga.<sup>139</sup>

Esse sonho consta de quase todas as biografias de São Francisco, como algo mágico e fascinante. Considerado por muitos franciscanos como decisivo para a canonização de Francisco. Sua comparação com o Cristo é inevitável, a recepção dos estigmas, mandar os irmãos para pregarem dois a dois pelo mundo anunciando a boa nova, entre outras.

---

<sup>136</sup> MOLLAT, M. **Os pobres na Idade Média**. Rio de Janeiro: Campus, 1989. p. 119.

<sup>137</sup> LE GOFF, op. cit., p. 91.

<sup>138</sup> STICCO, op. cit., p. 148.

<sup>139</sup> FF (LM, capítulo 1, p. 574).

Em 1452 o protestante Erasmus Alberas chamará de “Alcorão Franciscano” a obra de Frei Bartolomeu. Não sei que apelido daria ao livro *Prodigium naturae et gratiae* (Prodígio da natureza e da graça), de 1600, da autoria do frade espanhol Pedro de Alva y Astorga, que julgou encontrar apenas 1600 semelhanças entre S. Francisco e Jesus Cristo.<sup>140</sup>

O processo para a realização da canonização de Francisco é inexistente, não houve um processo canônico propriamente dito. Mas, sim uma amizade profunda do então Papa Gregório IX (1227-1241), para justificar ao conselho de cardeais a canonização de Francisco, que já era louvado por toda a população da Úmbria, como “Santo”. Assim sua canonização torna-se crucial, reforçando a idéia de que ele era da Igreja e pertencia à “Instituição”. A seguir o trecho de Celano, sobre este momento de importância, não só para a Igreja, mas também para os franciscanos:

Realizou-se um conselho solene que tratou da canonização de Francisco. Para isto foi convocada por diversas vezes a reunião dos cardeais. A vida extremamente santa deste homem totalmente santo – assim se pronunciaram – não precisa a confirmação por milagres, pois a vimos com os nossos próprios olhos, nós apalpamos (por assim dizer) com as nossas próprias mãos, e a examinamos na luz da verdade. Assim é marcado o dia em que o mundo inteiro se alegraria com tal acontecimento.

No início o Papa Gregório faz um sermão para todo o povo, anunciando com calor e afeto e em voz sonora a honra e o louvor de Deus. Também o santo Pai Francisco é louvado com esmerado discurso. Assim começou o sermão do papa: como a estrela matutina entre as nuvens, como a lua cheia em seu tempo, como o sol em seu esplendor, assim Francisco brilha no templo do Senhor.

Em seguida o Santo Padre ergue os braços para o céu e exclama em alta voz: Para o louvor e a glória do Deus onipotente [...] depois de Ter ouvido o conselho dos nossos irmãos e dos outros dignitários, declaramos que o bem-aventurado Pai Francisco deve ser inscrito no catálogo dos Santos, porque glorificou o Senhor do céu que veneramos aqui na Terra.

Assim aconteceu na cidade de Assis, no dia 16 de julho de 1228, no segundo ano do pontificado do Senhor Papa Gregório IX.<sup>141</sup>

---

<sup>140</sup> SILVEIRA, op. cit., p. 108.

<sup>141</sup> FF (1C, Livro Terceiro, p. 273).

Várias foram as justificativas para sua canonização, mas Francisco nutria por Gregório IX, um carinho especial. O mesmo que o então Papa tinha por ele. Segundo o historiador Ildefonso Silveira:

O Cardeal Ugolino fora amigo de Francisco e seu conselheiro talvez a partir de 1219. Vivia na Cúria Romana e certamente não conhecera o jovem Francisco. Eleito Papa, Gregório IX, em 1227, canonizou Francisco em 1228, com a *Bula Mira circa nos*. O único traço biográfico deste documento solene é a lembrança da amizade com S.Francisco. Nem mesmo os estigmas são lembrados. Não pode servir de fonte. Note-se que foi este Papa que solicitou a Tomás de Celano para escrever a Vida Primeira e a aprovou em inícios de 1229.<sup>142</sup>

Silveira aborda claramente os interesses envolvidos em uma canonização tão precoce. Não houve processo de legislação canônica, que deve ocorrer antes da canonização propriamente dita. Nota-se no trecho anterior de Celano uma tentativa de estabelecimento e vinculação de Francisco, como pertencente à Igreja.

Após sua morte houve um grande conflito entre as cidades vizinhas Perúgia e Assis, ambas queriam os restos mortais do Santo. Os *Actus* indicam expressamente que estes homens armados tinham sido colocados lá pelos habitantes de Assis, que temiam que São Francisco, *tamcarum thesaurum*, fosse raptado pelos vizinhos. Francisco queria ser enterrado em sua terra natal, *Assisi* como ele chamava.

“No ano de 1230, a 25 de maio. O corpo sagrado de Francisco foi transladado para a Basílica, construída em sua homenagem, por ocasião de celebração do Capítulo Geral, estando os irmãos reunidos em Assis”.<sup>143</sup>

Considerada uma das construções mais suntuosas deste período, idealizada e elaborada por Frei Elias de Cortona Borborone a pedido do Papa Gregório IX. Frei Elias foi o responsável direto pela arrecadação de fundos para a construção da Basílica.

---

<sup>142</sup> SILVEIRA, op. cit., p. 49.

<sup>143</sup> FF (LM, capítulo 15, p. 571).

Deixando os franciscanos revoltados com a construção, sendo considerada como uma ofensa ao modo de vida franciscano, chamada pelos mais radicais como “antifranciscana”<sup>144</sup>. A Basílica, nem de longe representava os interesses de Francisco era um insulto à sua memória, um homem dedicado à pobreza, humildade e fraternidade.

Os franciscanos favoráveis à origem da Ordem, jamais concordaram com tal construção, que além da suntuosidade, era cercada de irregularidades na arrecadação dos fundos para sua elaboração, esta é uma das razões de Frei Elias, passar a ser tão criticado dentro da Ordem. As fontes franciscanas revelam muito pouco sobre este momento conturbado para os franciscanos.

“Assim se encerra uma vida dedicada a pobreza vinte anos de conversão, para uma teoria que ele acreditava ser uma só, seguir o Evangelho a risca”<sup>145</sup>. Francisco estava certo com o receio que tinha com relação à evolução da Ordem. Onde percebemos claramente o perigo que o ideal de pobreza franciscana estava correndo, principalmente com os interesses que surgiam no interior da Ordem, pelas letras que levava a soberba, aos bens materiais e a posse.

Assim é ressaltada, a importância da pobreza no livro o Diretório da Regra. “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus” (Mateus 5,3). Eis a razão por que a pobreza era, para nosso Seráfico Pai, o “penhor da herança celestial”; “penhor e arras das eternas riquezas”.<sup>146</sup>

“Não leveis nem ouro, nem prata, nem dinheiro em vossos cintos, nem bolsa para a viagem, nem duas túnicas, nem calçados, nem bastão”. Isso foi o que Francisco encontrou, quando abriu pela primeira vez o Evangelho, na Igreja de Santa Maria dos Anjos<sup>147</sup>. Era o princípio da Ordem, possuía apenas dois discípulos e seguiu como preceito para sua vida e daqueles que queriam segui-la alguns dizeres do Evangelho.

---

<sup>144</sup> LE GOFF, op. cit., p. 78.

<sup>145</sup> LARRAÑAGA, I. **O irmão de Assis**. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 399.

<sup>146</sup> DIRETÓRIO da Regra de São Francisco, op. cit., p. 133.

<sup>147</sup> MANSELLI, op. cit., p. 112-123.

“Se queres ser perfeito, vai e vende tudo que tens e dá aos pobres” (Mt 19,21); “Nada leveis pelo caminho” (Lc 9,3); “Quem quiser vir após mim renegue a si mesmo” (Mateus, 16,24)<sup>148</sup>.

Era isto, o que desejava ardentemente e pelo que ansiava com toda a força a sua alma. Ao morrer Francisco acrescenta mais um verso ao Cântico das Criaturas<sup>149</sup>, mostrando mais uma vez sua união com todas as criaturas.

Altíssimo, onipotente, bom Senhor,  
Teus são o louvor, a glória, a honra  
E toda a bênção.  
Só a ti, altíssimo, são devidos;  
E homem algum é digno  
De te mencionar.  
Louvado sejas, meu Senhor,  
Com todas as tuas criaturas,  
Especialmente o senhor Irmão Sol,  
Que clareia o dia  
E com sua luz nos alumia.  
E ele é belo e radiante  
Com grande esplendor:  
De ti Altíssimo, é a imagem.  
Louvado sejas, meu Senhor,  
Pela Irmã Lua e as Estrelas,  
Que no céu formaste claras  
E preciosas e belas.  
Louvado sejas, meu Senhor,  
Pelo Irmão Vento,  
Pelo ar, ou nublado  
Ou sereno, e todo o tempo,  
Pelo qual às tuas criaturas dás sustento.  
Louvado sejas, meu Senhor  
Pela Irmã Água,  
Que é mui útil e humilde  
E preciosa e casta.  
Louvado sejas, meu Senhor,  
Pelo Irmão Fogo  
Pelo qual iluminas a noite.  
E ele é belo e jucundo  
E vigoroso e forte.  
Louvado sejas, meu Senhor,  
Por nossa Irmã a Mãe Terra,  
Que nos sustenta e governa,  
E produz frutos diversos  
E coloridas flores e ervas.

<sup>148</sup> CONTI, op. cit., p. 23.

<sup>149</sup> Ibid. p. 322-331. Relata como foi realizada a construção do poema e qual era o espírito de Francisco ao compô-lo.

Louvado sejas, meu Senhor,  
Pelos que perdoam por teu amor,  
E suportam enfermidades e tribulações.  
Bem-aventurados os que as sustentam em paz,  
Que por ti, Altíssimo, serão coroados.  
Louvado sejas, meu Senhor,  
Por nossa Irmã a Morte corporal,  
Da qual homem algum pode escapar.  
Ai dos que morrerem em pecado mortal!  
Felizes os que ela achar  
Conformes à tua santíssima vontade,  
Porque a morte segunda não lhes fará mal!  
Louvai e bendizei a meu Senhor,  
E dai-lhe graças,  
E servi-o com grande humildade.<sup>150</sup>

---

<sup>150</sup> FF (O Cântico do irmão sol, p. 70-72).



## 2.4 Os autores e seu tempo

Cada autor hagiográfico franciscano sofreu certa pressão, alguns mais, outros menos. Na escolha das fontes para a tese levamos em consideração a coerência da hagiografia ao nosso objeto a pobreza. As influências externas e internas são marcantes, agora se percebe na análise da escrita de cada fonte, como se vê na sequência.

### 2.4.1. Vita Prima

O primeiro biógrafo de Francisco, Tomás de Celano nasceu por volta de 1185 na cidadezinha de Celano, nas montanhas dos Abruzos, não longe de Roma. Acolhido na Ordem, em 1215, pelo próprio Francisco, como ele conta<sup>151</sup> foi à Alemanha como missionário em 1221, como afirma Jordão de Jano:

O primeiro ministro provincial da Alemanha foi Frei Cesário que, preocupado em cumprir eficazmente a obediência que lhe fora imposta, tomou consigo os seguintes frades: [...] Tomás de Celano, que depois escreveu a Primeira e Segunda Legenda de São Francisco.<sup>152</sup>

Provavelmente ingressou na Ordem muito preparado, porque sua maneira de escrever demonstra bons conhecimentos literários e um amplo domínio do latim, que podemos verificar no texto latino. Não foi por acaso que ele foi o escolhido para escrever a hagiografia de Francisco.

Em 1223 foi nomeado custódio, como diz Jordão de Jano: “No mesmo ano nomeou Frei Tomás de Celano como custodio de Mongúncia, Worms, Colônia e Espira.”<sup>153</sup> Logo passou a vice-provincial da Alemanha, na ausência de Cesário de Espira. É provável que estivesse em Assis em 1228 para a

---

<sup>151</sup> FF (1C, parágrafo 57).

<sup>152</sup> FF (CJJ, parágrafo 19).

<sup>153</sup> FF (CJJ, parágrafo 30).

canonização de São Francisco. Pois pertencia a uma equipe de copistas que a Ordem manteve em Assis.

Passou uns trinta anos trabalhando na biblioteca do Sacro Convento, em Assis, e dando assistência às Clarissas de Tagliacozzo, nas Marcas de Ancona. Em 1256, assim acreditam muitos críticos, completou a *Legenda de Santa Clara Virgem*. Pela sua forma de escrita, há quem lhe atribua também a autoria da bula de canonização de Santa Clara, mas não podemos firmar com certeza essa autoria.

Também alguns estudiosos apontam João de Celano, autor da *Quasi stella matutina*, como seu irmão. Celano morreu em 1260, e está sepultado em Tagliacozzo.

Com a autoria de Frei Tomás de Celano chegou até nós cinco livros nas Fontes Franciscanas. A *Vida I* (1Cel), a *Vida II* (2Cel), o *Tratado dos Milagres* (3Cel), a *Legenda Chori* (4Cel) e a *Legenda de Santa Clara Virgem* (a *Legenda de Santa Clara Virgem*, não será trabalhada, pois não é objeto de nossa análise).

A *Primeira Vida* foi escrita a pedido do Papa Gregório IX em 1228 e apresentada ao pontífice no dia 25 de fevereiro de 1229. Por ordem do Capítulo Geral de Paris, em 1266 (onde o Ministro Geral da Ordem era Boaventura), foi ordenado que queimassem bem como todos os exemplares de obras escritas sobre São Francisco antes da *Legenda Maior* obra escrita por Boaventura. A *Vita Prima* só veio a ser encontrada de novo em 1768, graças aos estudiosos bolandistas que ao realizarem uma varredura em um dos conventos acabaram por se deparar com a obra na íntegra.

No ano de 1230, Celano escreveu também uma versão abreviada da *Primeira Vida*, que se chamou *Legenda ad usum chori*, e foi usada pelos frades até 1263, antes da grande fogueira realizada pelo então Ministro Boaventura.

A *Vida Segunda* foi escrita em 1247, aproveitando parte do material apresentado pelo ministro geral Crescêncio de Iesi, que havia solicitado um ano antes que todos os membros da Ordem que tivessem algo para relatar sobre Francisco, que escrevessem e encaminhassem para fazer parte de uma

nova vida do “santo”. Nessa nova empreitada, Celano trabalhou com uma equipe, que era responsável pela coletânea do material e ele ficou apenas com redação final.

A *Vida Segunda*, também foi destruída em 1266, sendo encontrada somente em 1806. O *Tratado dos Milagres* foi escrito por Celano sob encomenda do Ministro Geral João de Farina, sendo redigido entre os anos 1250 e 1253. Também foi destruído em 1266 e reencontrado em 1899.

Esses quatro livros tiveram sua primeira edição crítica publicada em 1941, *Annalecta Franciscana*. Na biografia *Vita Prima* Celano mostra um Francisco com bondade, amor ao próximo e desprendimento por causas impossíveis. Um homem irreduzível em seus interesses e ações, que jamais abandonaria a pobreza, humildade e caridade, que são uma marca registrada de sua figura, segundo o próprio Tomás de Celano.

Vejamos uma citação do autor à respeito da determinação Francisco:

Porque tinha chegado o tempo determinado, o servo do Altíssimo, assim preparado e confirmado pelo Espírito Santo, seguiu o ímpeto sagrado de seu espírito, pelo qual se chega aos bens melhores, desprezando os que passam. Alias, não lhe era permitido adiar mais: uma doença mortal estendia por toda parte seus efeitos nefastos e paralisava tantas almas, que qualquer demora do médico podia ser fatal para elas. Levantou-se, pois, armado do sinal da santa cruz, e, tendo preparado um cavalo, montou e, levando consigo rica peça para vender, foi depressa para a cidade de Foligno<sup>154</sup>. Tendo vendido como de costume tudo que levava, o feliz mercador abandonou lá também o cavalo em que fora montado, depois de receber o preço que valia. De volta, livre da carga, vinha pensando com visão religiosa no que fazer com o dinheiro. Admirável e repentinamente convertido para as coisas de Deus, achou que era pesado demais carregar aquele dinheiro por mais uma hora que fosse. Considerando simples areia todo aquele pagamento, apressou-se em desfazer-se dela. Como vinha vindo na direção de Assis, encontrou à beira do caminho uma igreja erguida havia muito tempo em honra de São Damião e agora ameaçando ruína por sua muita antigüidade. Chegando a ela, o novo soldado de Cristo, comovido por tão urgente necessidade, entrou cheio de temor e de reverência. Encontrando lá um sacerdote pobre, beijou suas mãos consagradas cheio de fé, deu-lhe o dinheiro que levava e

---

<sup>154</sup> Francisco teve que voltar e pé cerca de quinze quilômetros.

contou-lhe ordenadamente seu propósito. O sacerdote ficou espantado e, admirando aquela incrível e repentina conversão, recusou-se a acreditar no que ouvia. Com medo de ser enganado, não quis aceitar o dinheiro oferecido. Tinha-o visto, por assim dizer, um dia antes, vivendo regaladamente entre os parentes e conhecidos e manifestando sua loucura mais que os outros. Mas o jovem insistia teimosamente, e com palavras ardentes procurava convencer o sacerdote que, pelo amor de Deus, lhe permitisse viver em sua companhia.

Afinal o padre concordou em que ficasse, mas, por medo de seus pais, não recebeu o dinheiro, que Francisco, verdadeiro desprezador de todas as riquezas, jogou a uma janela, tratando-o como se fosse pó. Pois desejava possuir a sabedoria que é melhor do que o ouro e adquirir a prudência que é mais preciosa do que a prata.<sup>155</sup>

Uma característica apresentada na obra de Celano é a determinação de Francisco em realizar sua vida evangélica e mostrar para os outros esse exemplo de “vida perfeita”. Na citação acima que se refere ao início do processo de conversão de Francisco vemos um homem com medo, mas determinado em seu intento de “viver uma nova vida”.

Quando escreve no ano de 1229 sua obra. A Ordem está envolvida em questões de desvio de comportamento dos frades. Vários acusados de heresia, por formar grupos alheios a Igreja, a hagiografia de Celano inaugura uma tentativa de trazer novamente os frades para perto da Igreja chefiada por Gregório IX (1227-1241) e da própria Ordem representada nesse momento por Frei Elias de Cortona.

Sabatier se refere a esse momento:

Ao contrário, não se pode esperar encontrar ali detalhes que poderiam apoiar as pretensões dos adversários de Elias, daqueles zelantes indóceis que já ostentavam com orgulho o título de Companheiros do Santo e procuravam constituir, na Ordem, uma espécie de aristocracia espiritual.<sup>156</sup>

---

<sup>155</sup> SÃO FRANCISCO DE ASSIS, Escritos e biografias de São Francisco de Assis: Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscanos. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 185.

<sup>156</sup> SABATIER, Paul. **Vida de São Francisco de Assis**. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2006. p. 57.

A questão de conflito interno se torna bem clara nesta citação, o grupo espiritual começava a se formar e a dar os primeiros nuances de uma luta pelo poder e principalmente pelo controle da Ordem com os conventuais, representados por Frei Elias de Cortona.

Também deve-se lembrar que Sabatier exagerou nas suas argumentações e críticas a *Vita Prima*, mas sobre o conflito cada vez mais visível dentro da Ordem, isso não há a menor dúvida. Verifica-se essa mesma constatação em outros autores como Raoul Manselli<sup>157</sup>.

A determinação de uma biografia para inaugurar o culto ao novo “santo” vem ao encontro do interesse inerente de mostrar aos frades a representação de um Francisco ideal e extremamente obediente à hierarquia eclesiástica. Serviria de modelo para seus frades e um exemplo a ser seguido como norma geral. Coube a Celano realizar essa tarefa de representá-lo de uma maneira a atender aos interesses da Igreja e não ferir as pretensões dos mais radicais.

---

<sup>157</sup> MASELLI, Raoul. **São Francisco**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

#### 2.4.2. Legenda dos Três Companheiros

A *Legenda dos Três Companheiros* foi objeto de estudo do pesquisador L. Waddingus, quando escreveu os *Annales Minorum*<sup>158</sup>, no século XVII. A primeira edição impressa da Legenda foi feita em 1798 pelo bolandista C. Suyskens, que a batizou com o nome de “Apêndice inédito à Vida Primeira, elaborado por três companheiros do próprio São Francisco”<sup>159</sup>. A partir desta data, a *Legenda dos Três Companheiros* com a *Carta Grécio* (parte introdutória) passaram a serem consideradas autênticas.

Muitos anos depois o franciscanofilo Paul Sabatier<sup>160</sup> dizia que a *Legenda dos Três Companheiros* era o melhor texto sobre São Francisco, apesar de ver claramente que as autoridades da Ordem (Frei Elias) possam ter influenciado a escrita do texto. Mas logo depois Sabatier encontra o *Espelho de Perfeição*, deixando de lado a *Legenda dos Três Companheiros*. Faz afirmações sobre a datação da *Legenda dos Três Companheiros* afirmando que foi escrita em 1246 e o *Espelho da Perfeição* em 1227, um erro na datação levou o estudioso a cometer essa falha grotesca e que acabou prejudicando seus trabalhos sobre as Fontes Franciscanas.

Vários códices da *Legenda dos Três Companheiros* foram encontrados em lugares diferentes dentro de conventos beneditinos, agostinianos e até mesmo franciscanos. Agora só faltava a datação exata da fonte para torná-la mais um instrumento de análise da vida de Francisco e do surgimento da Ordem. Finalmente o francês Theophile Desbonnets<sup>161</sup> (1972) acabou defendendo que a primeira versão da *Legenda dos Três Companheiros* era mesmo de 1246, com uma metodologia de confronto e comparação do texto com outros documentos. Já para outro estudioso francês Pierre Béguin, a *Legenda dos Três Companheiros* não representa todo o material enviado pelos Companheiros, nem mesmo faz parte dele, mas sim foi escrita antes da *Vida II*

---

<sup>158</sup> WADDINGUS, L. **Annales Minorum**. Firenze: Quaracchi, 1933.

<sup>159</sup> Esse apêndice é a “Carta de Grécio” do ano de 1246.

<sup>160</sup> SABATIER, Paul. **Vida de São Francisco de Assis**. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2006.

<sup>161</sup> DESBONNETS, T. **Da Intuição à Instituição**. Petrópolis: Cefepal, 1987.

de Celano, e utilizando partes do *Anônimo Perusino*. Mas suas teorias são rebatidas até os dias de hoje e não se confirmou sua tese.

Mas Desbonnets, afirma que a *Carta de Grécio* faz sim parte da Legenda e também pode ser percebida em outras fontes como *Compilação de Assis* e *Anônimo Perusino*.

Em 1980, Raoul Manselli<sup>162</sup> sugeriu que se desse à *Legenda dos Três Companheiros* o nome de “Legenda de Assis” porque ela é muito detalhista em relação a Assis, contendo 34 citações da cidade.

A obra que estamos analisando é uma verdadeira Legenda, que narra em ordem a vida de Francisco, provavelmente não foi escrita na íntegra pelos três companheiros de Francisco (apesar de não podermos afirmar que não foram eles, já que encontramos vários resquícios da escrita característica de Leão, por exemplo) que escreveram a *Carta de Grécio*.

Datação da Legenda: a fonte nos fornece alguns dados que nos ajudam a situá-la no tempo. Por exemplo, ao citar Gregório IX (1227-1241) um “de saudososa memória”<sup>163</sup> e dizendo que ele foi protetor dos irmãos “até o fim de sua vida”<sup>164</sup>, assim deve ter sido redigida após 22 de agosto de 1241, ano da morte do papa.

Localidade de realização da obra: a Legenda faz diversas referências a Assis, a seus moradores e ao espaço físico da cidade. Narra os fatos cotidianos e menciona os moradores com carinho e esperança, como se fizesse parte do local.

O escritor da biografia não faz referência aos acontecimentos que sacudiam a Ordem, parece não se importar com isso. Porém não devemos pensar que fosse imune ao que estava acontecendo dentro da Ordem. Por isso se torna muito importante sabermos um pouco do que estava acontecendo no ano 1246 e um pouco antes.

---

<sup>162</sup> MANSELLI, R. **São Francisco**. Petrópolis: Vozes, 1997.

<sup>163</sup> FF (LTC, parágrafo 24).

<sup>164</sup> FF (LTC, parágrafo 67).

No ano de 1240, o Papa Gregório IX e o Imperador Frederico II estavam em guerra pelo poder, os reis começavam a delinear sua função e tentavam centralizar o poder. As tropas imperiais cercavam Assis para colocar fim as possessões papais. Nessa mesma ocasião, os sarracenos sob ordens do imperador tentam invadir São Damião (lugar onde se encontrava Clara)<sup>165</sup>.

Em 1241, cercaram novamente Rieti e Assis para mais uma vez impor suas ambições de domínio desses centros comerciais, que apesar de serem cidades pequenas eram rota de passagem de caravanas. Frei Bernardo de Quintavalle primeiro companheiro de Francisco morre nesse ano no Sacro Convento de Assis.

No ano de 1243, o então Ministro Geral Haimo de Faversham, estabelece normas litúrgicas, uma tentativa de conter os mais exaltados dentro da Ordem, nesse momento as diferenças entre espirituais e conventuais era latente e inevitável. Neste período são publicados um missal e um breviário franciscano que serviriam de modelo para toda a Igreja. Em junho deste ano é eleito o papa Inocêncio IV (1243-1254).

Em 1244, morre o ministro geral Haymo de Faversham, o capítulo elege como novo geral Frei Crescêncio de lesi, o mesmo que escreve aos primeiros companheiros pedindo que escrevam tudo que lembrarem sobre Francisco.

Neste mesmo ano o papa se refugia em Lião, França para fugir do imperador. No ano de 1245, Inocêncio IV convoca um concílio para julgar o imperador e em 14 de novembro escreve a Carta *Ordinem Vestrum*, que segundo Merlo,

Na *Ordinem vestrum*, é reafirmada a norma eleitoral segundo o qual podiam participar do capítulo para eleição do Ministro geral os Ministros provinciais e um Custódio de cada Província, que tinha a representação eleitoral (“vox”) de seus “pares”. Mas a carta de Inocêncio dá, sobretudo, indicações sobre os problemas da pobreza, que levam a uma considerável

---

<sup>165</sup> ROTZETTER, Anton. **Clara de Assis**: a primeira mulher franciscana. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 248.



mitigação das orientações e dos vínculos pauperistas contidos na Regra.<sup>166</sup>

Esta carta dá direitos aos frades para que não tenham só o necessário, mas que tenham conforto, o que foge totalmente da proposta da Ordem e do próprio Francisco. A carta do papa é só início do conflito que perdurará por vários séculos o “*usus pauper*”.

No ano de 1246, Frederico II declara guerra a todos os que apóiam o Papa, inclusive os frades. Muitos são mortos, expulsos ou encarcerados. No dia 11 de agosto, Frei Leão, Frei Rufino e Frei Ângelo escrevem em *Grécio a carta* que enviam ao ministro geral. No ano de 1247, no capítulo geral de Lião (13 de junho) os frades elegem Frei João de Parma como ministro geral.

---

<sup>166</sup> MERLO, Grado Giovanni. **Em nome de São Francisco**: história dos Frades Menores e do franciscanismo até inícios do século XVI. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 74.

### 2.4.3. Legenda Maior

João de Fidanza (Boaventura) nasceu em Bagnoregio no ano de 1221 na infância apresentou uma grave doença, que segundo ele próprio conta após a invocação do nome de São Francisco por sua mãe, Boaventura alcançou a cura.<sup>167</sup>

No ano 1234, seguiu para a Faculdade das Artes de Paris, onde se graduou no ano 1240. Segundo narram algumas fontes, ingressou aos 17 anos na Ordem dos Franciscanos, onde assumiu o nome de Boaventura. Talvez estivesse motivado pela devoção a São Francisco que lhe vinha da infância, e ainda pela admiração a Alexandre de Hales<sup>\*168</sup>, foi um dos discípulos e com o mestre aprendeu as bases teóricas agostiniana.

Estudou teologia, provavelmente sob Alexandre de Hales (+ 1245), porque o chama de pai e mestre. Boaventura começa o magistério no ano de 1248 como bacharel bíblico, com o Comentário ao Evangelho de São Lucas; conforme os estatutos da Universidade, dois anos depois, como bacharel sentenciário, explicaria a *Sentenças*.

Entre os anos de 1250 e 1251; na mesma sequência deveria chegar ao doutorado em teologia em 1253. Frente às dificuldades criadas para os religiosos conseguirem seu título reconhecido principalmente os franciscanos devido ao uso do estudo dentro da Ordem e o afastamento que os estudos poderiam causar do ideal primitivo.

Como sabemos os franciscanos por muitos anos foram rechaçados nas Universidades devido ao “usus pauper” conceito que os persegue onde quer que eles estejam com Boaventura não foi diferente. Apesar de várias bulas papais aumentarem os direitos dos franciscanos em relação à proposta primitiva, muito ainda tinha por se fazer.

---

<sup>167</sup> (*Sermão do Beato Francisco*, sermão 3).

\* Um dos grandes teólogos do franciscanismo.



Figura 1 – Boaventura se torna mestre.

Provavelmente, Boaventura só conseguiu o título de Mestre em 1257. Porém, após tanta espera pelo título, abandonou o magistério, passando então ao posto de Ministro Geral da Ordem franciscana; tinha exatos 36 anos. Cessou, porém o magistério de Boaventura em 1257. Entretanto Boaventura não paralisou as suas preocupações intelectuais. Foi ao mesmo tempo, um homem de estudo, de ação e um homem místico. Dedicou-se à causa da Ordem (organizar a Ordem, defendê-la de acusações injuriosas e moldar a mente dos frades para uma nova Ordem), à sua espiritualidade e à pregação em geral.<sup>169</sup> No ano 1266, escreveria a *Legenda Maior* biografia de São Francisco de Assis. Apresentando-a no Capítulo dos franciscanos, como a nova biografia oficial do santo.

Não participou das controvérsias tomistas de 1270<sup>170</sup> que invadiram as universidades e claro a Ordem, mas apoiou tacitamente a oposição, que era agostiniana. Boaventura era um admirador das teorias agostinianas, e sempre que possível colocava as idéias de Santo Agostinho em suas obras.

A obra literária de Boaventura é relativamente grande, principalmente tendo em consideração que lecionou apenas 10 anos (1248-1257), a maior parte de seus escritos escolares datam deste período.

As principais são:

*Comentários sobre as Sentenças* (1248-1255);

---

<sup>169</sup> Vide: NASCIMENTO, Carlos Arthur Ribeiro do. **Um mestre no ofício**: Tomás de Aquino. São Paulo: Paulus, 2011. p. 15-22.

<sup>170</sup> Vide: NASCIMENTO, op. cit., p. 47-53.

*Quaestiones disputates*, sendo 7 *De scientia christi*, 8 *de Mysterio Trinitatis*, 4 *de perfectione evangélica* (1257-1258);

*Itinerarium mentis ad Deum* (1259);

*Breviloquium* (antes de 1257);

*De reductione artium ad theologiam* (1259?);

e os tratados sobre os *Tópicos*, *Meteoros*, e *De generatione* de Aristóteles (entre 1260-63).

*Apologium pauper* (1266).

A última obra de Boaventura é a que mais nos interessa, trata-se da “Apologia a pobreza” onde ele realiza uma defesa da pobreza e claro do modo de vida franciscana, que nesse período realiza mais uma “pobreza pensada”, do que uma “pobreza vivida”. Veja o que diz Merlo sobre a questão.

Lá por meados do século XIII ocorrem sempre mais refinadas e ardentes reflexões sobre a *pobreza*, provocando um lento mais inexorável deslizamento da *pobreza vivida* para a *pobreza pensada*, já que o ponto de referência não era mais a experiência religiosa de Francisco, mas a codificação da experiência como se encontrava na Regra (e em outros textos franciscanos de apoio), mediante as *expositiones*, cuja autenticidade (ou a inautenticidade) era estabelecida pelo poder eclesiástico. A “questão pobreza” torna-se “interpretação da pobreza” como caráter peculiar de uma formação religiosa que, baseada na própria “autenticidade evangélica”, reivindicava uma eminente presença eclesial e eclesiástica.<sup>171</sup>

Tanto Boaventura, quanto Tomás de Aquino estavam no interior da questão do “*usus pauper*”, alguns mestres da Universidade de Paris acusavam as Ordens Mendicantes de serem falsas, pois pregavam uma pobreza que não viviam. Cada vez mais se afastavam da mendicância e da humildade, seus membros ingressavam nas universidades e buscavam autonomia, o que para as outras ordens era hipocrisia.

---

<sup>171</sup> MERLO, op. cit., p. 112, grifo do autor.

Dentro da historiografia franciscana encontraremos uma defesa gradual e que aumenta consideravelmente em apoio a “pobreza pensada” e que nos dias de hoje é uma realidade.

Boaventura deixou também numerosos sermões e escritos de natureza mística, e que não serão enumerados por serem de ordem mística e estritamente religiosa.

A filosofia agostiniana de Boaventura representa verdadeiro recuo doutrinário diante da inclinação crescente dos contemporâneos para o aristotelismo. Sua bibliografia traz a tona quase todas as teses fundamentais do agostinianismo.

A forma de escrita era didática e com o tempo vai adquirindo características progressistas, porque Boaventura aproveitou os elementos do período criando uma exposição em que percebemos seus pontos de vista cada vez mais bem assimilados.

A estreita união da razão e da fé, a pluralidade das formas, as virtualidades semi-atuais da matéria, o argumento ontológico da existência de Deus, teses bíblicas como a da Trindade divina provadas pela razão, estas são algumas das doutrinas agostinianas que Boaventura colocou frente ao aristotelismo vigente.

Sua mística não se adequou com o naturalismo praticado pelo aristotelismo mesmo quando sob forma tomista. Alguns teólogos do período de Boaventura, como Tomás de Aquino seguia a linha do aristotelismo, doutrina esta que não se enquadrava ao modo de pensar de Boaventura e seu lado místico que fica muito claro nas suas obras e especialmente na *Legenda Maior*, objeto de nosso estudo.<sup>172</sup>

Boaventura recuou das tendências aristotélicas, algumas já aceitas por mestres da Ordem franciscana que acabaram por entrar em conflito direto com ele, principalmente no período que estava à frente da Ordem como Ministro Geral (1257-1273). Alguns chegaram a ser severamente punidos com o voto de

---

<sup>172</sup> NASCIMENTO, Carlos Arthur Ribeiro do. **Um mestre no ofício**: Tomás de Aquino. São Paulo: Paulus, 2011.

silêncio, bem como com a destruição de suas obras que divergiam das doutrinas agostinianas de Boaventura.

Não se tornou partidário da doutrina da duplicidade do intelecto agente e passivo, que seu confrade João de la Rochelle já havia aceitado para o caso dos conhecimentos das coisas naturais. Para Boaventura, o intelecto agente e o intelecto passível são aspectos simétricos de uma mesma operação, os dois se equivalem em ação e força.

Explicou a presença de verdades necessárias no pensamento do ser humano, como em Agostinho, pela ação direta e imediata de Deus, ainda que por operação divino-natural, prevista já no ato criador. Isso explica a inserção de Francisco na *Legenda Maior* como o “angelical” sua vida era prevista pelo Criador, no momento da criação. Os primeiros princípios convertem, por isso, a alma em imagem de Deus. Boaventura costuma denominar de “inatos”.

O conceito de “inatos” não pode ser ao acaso, graças à ação iluminadora de Deus que se faz acompanhar. Deus determina suas características básicas, mas a alma é seu próprio reflexo.<sup>173</sup>

Nada entendemos com a inteligência, que não esteja presente em nossa memória [...] A memória não é só informada do exterior por fantasmas, mas também de cima (*a superiori*), recebendo as formas simples que não podem entrar pelas portas dos sentidos, nem pelas representações dos objetos sensíveis [...] Ela tem presente uma luz imutável, na qual recorda verdades invariáveis.<sup>174</sup>

O entendimento compreende o sentido das proposições, quando sabe com certeza que são verdadeiras, e saber isto é saber que não se pode enganar em tal compreensão. Sabe, com efeito, que tal verdade não pode ser de outra maneira; pois sabe que essa verdade é imutável. Mas, por ser mutável nossa mente, não pode ver a verdade reluzindo tão imutavelmente, se não é em virtude de outra luz de brilho totalmente imutável, a qual é impossível seja criatura, sujeita a mudanças. Logo, a conhece naquela luz que ilumina a todo o

<sup>173</sup> DICIONÁRIO Teológico Histórico. Curitiba: Paulus, 1995.

<sup>174</sup> BONAVENTURA DE BAGNOREGIO. **Escritos Filosófico-Teológicos**. Porto Alegre: Edipucrs, 1999. (*Itinerarium*, cap. 3, p. 1-2).

homem que vem a este mundo, a qual é a luz verdadeira e o verbo que no princípio estava com Deus.<sup>175</sup>

Na verdade percebemos que Boaventura não entende a plenitude de Deus, nem sua infinitude. Talvez fosse muito complexo para ele ver tal paralelo de infinito e plenitude. Muitas das críticas recebidas por ele se pautavam na sua negação do aristotelismo em detrimento do agostianismo. Para Boaventura, Deus estaria num plano muito mais aproximado do humano e divino, em Boaventura, Deus é real e próximo do humano e não abstrato como em Aristóteles. Chegamos a essa constatação ao analisarmos *Itinerarium mentis ad Deum*, onde Deus se encontra num plano mais próximo do humano e divino. No ano de 1273, foi nomeado cardeal e bispo de Albano.

Durante o Concílio de Lyon ganhou atribuições especiais, quando foi conseguida a união com a Igreja Grega (06/07/1274), a qual não seria definitiva. Alguns dias após o Concílio faleceu o cardeal Boaventura (14/07/1274). Foi canonizado em 1482, e declarado doutor da Igreja em 1587. Considerado até os dias de hoje pelos franciscanos como “Doutor Seráfico”.

---

<sup>175</sup> BOANVENTURA, op. cit., (*Itinerarium*, cap. 3, p. 3).

### 3. O CONCEITO DE POBREZA EM CADA UMA DAS HAGIOGRAFIAS E SUA APROPRIAÇÃO PELOS AUTORES

#### 3.1 *Vita Prima* de Tomás de Celano



Figura 2 – Imagem Tomás de Celano.

*Vita Prima* é a hagiografia que inaugura uma série de biografias sobre Francisco, a mais antiga e conceituada de todas, por se tratar de uma vida escrita pelo contemporâneo de Francisco, Tomás de Celano<sup>176</sup>. Homem respeitado e conhecido dentro da Ordem por sua habilidade de escrever<sup>177</sup>. Talvez neste fato resida uma das razões da escolha de Gregório IX<sup>178</sup> pelo seu nome para realizar tão árdua tarefa de arrolar a documentação para construir

<sup>176</sup> “Com o nome de Frei Tomás de Celano conhecemos cinco livros nas Fontes Franciscanas. A *Vita Prima* (1C), a *Vita Secunda* (2C), o *Tratado dos Milagres* (3C), a *Legenda Chori* (4C) e a *Legenda de Santa Clara*.” PEDROSO, José Carlos Corrêa. **Fontes Franciscanas**: apresentação geral. Piracicaba, SP: Centro Franciscano de Espiritualidade, 1998. p. 20.

<sup>177</sup> “Deve ter entrado na Ordem já muito preparado, porque sua maneira de escrever demonstra muito bons conhecimentos literários e um amplo domínio do latim. Não foi sem motivo que papas e superiores recorreram a ele.” PEDROSO, op. cit., p. 20.

<sup>178</sup> “Tomás de Celano, ao escrever essa legenda a qual retorna mais tarde a fim de completá-la, obedecia a uma ordem expressa do papa Gregório IX. Por Que o papa não se dirigiu a um dos irmãos da companhia imediata do Santo? O talento do autor poderia explicar essa escolha, contudo as preocupações literárias, neste caso, devem ser colocadas em segundo plano, uma vez que Fr. Leão e muitos outros provaram, mais tarde, que sabiam eles também, manejar a pena. Se Celano foi encarregado da biografia oficial, é porque era igualmente simpático a Gregório IX e a Fr. Elias e, por sua ausência havia estado alheio às lutas que marcaram os últimos anos da vida de Francisco. Temperamento irenista, pertencia à categoria desses homens que se persuadem facilmente que a obediência é a primeira das virtudes, que todo superior é um Santo e que, se por infelicidade, não o é, deve-se agir como se fosse.” SABATIER, Paul. **Vida de São Francisco de Assis**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006. p. 55. Assim se manifesta Paul Sabatier sobre Celano, que para ele era um homem fraco e dominado pelo papa. Porém, percebemos em Celano uma clara luta para manter viva a figura de Francisco através de sua hagiografia, inserindo como um “novo homem”, “novo Cristo”, etc. Na verdade o livro de Sabatier tece duras críticas a Tomás e seus simpatizantes.



uma obra que representasse o mais fiel possível a imagem de Francisco e assim perpetuar seu exemplo e suas ações para toda a Ordem.

Sua obra está dividida em Prólogo, onde o autor justifica as razões para a elaboração da hagiografia, iniciando “Quero contar a vida e os feitos de nosso bem-aventurado pai Francisco.”<sup>179</sup> Podemos perceber já na primeira frase as intenções do autor, edificar a imagem de Francisco com milagres e fatos que marcaram sua trajetória de “rapaz rico e dissoluto”<sup>180</sup> até uma figura que suscita interesse de todos que conhecem sua história.

A narração hagiográfica é realizada em 30 capítulos e 87 parágrafos no primeiro livro, assim divididos: vide anexo 1. Essa é a estrutura organizativa escolhida por Tomás de Celano para retratar a vida e obra de Francisco. Ao olharmos a divisão de *Vita Prima* devemos pensar que Celano escreve num período de fervorosa devoção logo após a morte de Francisco, momento este onde a memória dos que viveram e conviveram com Francisco estava fresca, mas também se encontravam com as emoções “a flor da pele”. Isso com certeza acarretaram certos excessos nos relatos e muitos exageros ao longo da hagiografia, bem como algumas falhas. Sabatier aponta:

Quando Tomás de Celano terminou sua legenda percebeu, melhor que ninguém, as lacunas desse trabalho para o qual só conseguiu reunir um material insuficiente. Elias e os outros frades de Assis lhe haviam contado a juventude de Francisco e sua atividade na Úmbria, mas havia longos períodos sobre os quais não recolhera nenhum dado, independente de haver preferido, quer por prudência quer por amor da paz, guardar silêncio sobre certos acontecimentos. Parece também indicar a intenção de retomar sua obra para completá-la.<sup>181</sup>

Notamos que Celano tinha consciência de suas falhas ou excessos, mas por um bem maior (paz no interior da Ordem) optou por se abster em certos dados da vida de Francisco. Porém, mesmo com essas lacunas uma obra hagiográfica pode nos revelar com sutileza os detalhes mais simples e ao

---

<sup>179</sup> FF (1C, prólogo, p. 177).

<sup>180</sup> SPOTO, Donald. **Francisco de Assis: o santo relutante**. Rio de Janeiro, 2010. p. 62.

<sup>181</sup> SABATIER, op. cit. p. 58.

mesmo tempo mais complexos de uma Ordem que se formava ao lado da história de vida de seu fundador. Vejamos o que fala sobre os primeiros biógrafos franciscanos Martino Conti.

A diferença de São Francisco, os seus primeiros biógrafos conheciam tanto os critérios da hermenêutica bíblica em uso nas escolas medievais quanto os cânones da hagiografia do tempo. No entanto, ao apresentarem a vida de Francisco, eles, mais do que à hermenêutica medieval, se reportam aos cânones hagiográficos amplamente aprovados na hagiografia crista do primeiro milênio.<sup>182</sup>

O modelo hagiográfico mais tardio é o mais recorrente no gênero hagiográfico que Tomás de Celano utiliza para narrar a vida de Francisco. Como podemos verificar na citação de Conti, logo acima. Assim ao realizarmos nossa análise optamos por *Vita Prima*<sup>183</sup> pelo seu caráter inaugural das biografias referentes a Francisco, mas, sobretudo pelo fato de ser a única realizada por um contemporâneo de Francisco.

O que nos leva a refletir na veracidade das informações contidas neste relato, bem como a riqueza de dados que podemos através de uma leitura mais minuciosa retirar desta obra. Tentamos extrair da fonte a definição de pobreza que o autor utiliza para representar a vida de Francisco. No entanto vamos ver a definição de pobreza apresentada no Dicionário Franciscano.

A pobreza não é apenas um conceito abstrato, cujo sentido permaneceria imutável em todos os tempos e lugares. Assim como a riqueza, a pobreza depende das condições sociais e é, portanto, um valor relativo que só pode ser determinado em função das condições de vida econômico-social nos diferentes tempos e nos diversos povos. (...)

---

<sup>182</sup> CONTI, op. cit., p. 162-163.

<sup>183</sup> “Entre as “fontes franciscanas” deve-se, sem dúvida, privilegiar a *Legenda* ou *Vita beati Francisci*, de Frei Tomás de Celano; não é por acaso que ela foi definida e, normalmente, é conhecida como *Vita Prima* (como se ela tivesse sido escrita para inaugurar a longa série de legendas que seguirão). *Vita Prima*, geralmente, está a indicar que o escrito de Celano era e é considerado o primeiro da série, destinado a ser necessariamente integrado e completado pelo que será escrito a seguir.” MERLO, Grado Giovanni. **Em nome de São Francisco**: história dos Frades Menores e do franciscanismo até inícios do século XVI. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 22.

Somente à pobreza aceita livremente é atribuída a bem-aventurança do Senhor. (...) A teologia dos Padres da Igreja, no entanto, afirma que mais do que a riqueza a pobreza leva o homem a ter uma atitude adequada frente ao Reino de Deus.<sup>184</sup>

Celano era um defensor da memória de Francisco a partir de seus ensinamentos mais primitivos. Verificamos ao longo do texto sua necessidade de mostrar um homem que vive e age a luz da pobreza e em prol desta mesma pobreza. Francisco praticava a humildade, caridade e fraternidade, mas sempre tendo em vista alcançar a pobreza praticada por Cristo. Não uma pobreza de espírito ou de ações, mas sim uma pobreza na sua essência, como Cristo fez “viveu e agiu como o mais simples de todos”.

Assim também queria Francisco, ser como o Cristo “pobre e humilde”. *Vita prima* tenta mostrar a pobreza praticada por Francisco ao longo de sua vida. Mas o fato de ser uma obra realizada por encomenda acabou gerando constrangimentos para Celano, principalmente, porque o papa estava em conflito com Elias que havia sido eleito ministro geral em 1232. Também era um dos responsáveis pelos dados fornecidos a Tomás de Celano para a elaboração da *Vita Prima*. Sabatier também nos dá sua versão sobre os fatos.

Esses acontecimentos tiveram uma repercussão inimaginável por toda a Europa e produziram uma profunda perturbação na Ordem. Muitos partidários de Elias, convencidos de terem sido enganados por um impostor, se aproximaram do grupo dos zelantes que reivindicavam a observância pura e simples da Regra e do Testamento. Tomás de Celano era um deles. Via com profunda tristeza as inumeráveis influências que, surdamente, minavam a Ordem franciscana e a levavam a sua ruína. Nos conventos já circulava um refrão que cantava a vitória de Paris sobre Assis, quer dizer, da ciência sobre a pobreza.<sup>185</sup>

A decepção de Celano pode ser vista mais claramente na *Vita Secunda*, que seria uma correção da *Vita Prima* e que narra fatos que foram ocultados na primeira. Celano buscava uma forma de se redimir pelo que havia deixado de

---

<sup>184</sup> HARDICK, Lothar. **Pobreza, pobre**. In: DICIONÁRIO FRANCISCANO. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 586.

<sup>185</sup> SABATIER, op. cit., p. 60.

mentonar, por falta de coragem ou pela obediência, que para ele era essencial na busca da verdadeira pobreza defendida tão veemente por Francisco. Mesmo assim encontramos ao longo do texto várias vezes a palavra pobreza, humildade, caridade, simplicidade, etc. Palavras que se relacionam com essa busca de viver a essência de Cristo. Temos que ter em mente que naquele momento foi o mais adequado para Celano e para a própria Ordem, que começava a entrar num processo de divisão e conflito.

Vejamos o que a fonte nos revela:

Sobre ela foi edificada uma estrutura das mais preciosas pérolas, cujo louvor não vem dos homens, mas de Deus. É impossível compreendê-la com nossa estreita inteligência e apresentá-la em poucas palavras. Antes de tudo, elas possuem a virtude da mútua e constante **caridade**, que a tal ponto une suas vontades que, vivendo em número de quarenta ou cinquenta em um mesmo lugar, parecem ter uma só vontade e uma só opinião. Brilha também em cada uma a jóia da **humildade**, que conserva os dons recebidos do céu e lhes merece as outras virtudes. O lírio da virgindade e da pureza perfuma-as todas, a ponto de esquecerem os pensamentos terrenos e desejarem apenas meditar nos celestiais. Essa fragrância acende em seus corações tão grande amor pelo Esposo eterno, que a sinceridade desse afeto sagrado apaga toda lembrança da vida passada. São exornadas de tão grande **pobreza** que nunca se permitem satisfações no comer e no vestir, mas só o que é de necessidade extrema.<sup>186</sup>

Esta é a primeira citação em relação à pobreza (enquanto conceito franciscano<sup>187</sup>) que Tomás de Celano faz no texto. Menciona a restauração da igreja de São Damião através da presença das irmãs de pobreza, refere-se a Clara. A pobreza está nas vestes, mas principalmente na humildade e caridade. Clara, assim como Francisco, também deseja essa pobreza empregada e vivida pelos irmãos menores.

---

<sup>186</sup> FF (1C, capítulo 8, parágrafo 19, p. 192, grifo nosso).

<sup>187</sup> Refiro-me a pobreza enquanto uma opção dos irmãos menores e não como uma imposição do regime social vigente.

As palavras caridade, humildade e pobreza são uma constante ao longo da obra de Celano<sup>188</sup>. Tentaremos na medida do possível analisar cada uma das passagens para percebermos qual a derivação de pobreza empregada pelo autor. Na realidade procuramos verificar como Celano vê essa pobreza em Francisco e como aborda um conceito que ao longo da História Franciscana suscitará tanta desconfiança e acusações.

*Vita Prima* estrutura-se de forma cronológica para mostrar passo a passo a vida e obra de Francisco. Como relatamos no capítulo um, hagiografia servia na Idade Média para edificação do leitor através dos exemplos do biografado. Tomás de Celano não foge da regra geral. Porém, estamos diante de uma obra que nas entrelinhas, nos revela muito e vemos o lado pessoal do autor na obra (grupo pertencente, corrente de ideias, pensamento).

O bem-aventurado Francisco se enchia cada vez mais da consolação e da graça do **Espírito Santo**. Com todo o cuidado e solicitude, dava a seus novos filhos a nova formação, ensinando-os a trilhar com passo seguro o caminho da Santa **pobreza** e da bem-aventurada **simplicidade**. Certo dia, admirando a misericórdia do Senhor nos muitos benefícios que executava por seu intermédio, e desejando que o Senhor se dignasse mostrar-lhe o progresso que ele e os seus fariam na perfeição, foi para um lugar de oração, como fazia com freqüência. Lá ficou bastante tempo rezando com temor e tremor, diante do Senhor de toda a terra. Relembrando com amargura os anos que aproveitara mal, repetia sem cessar: "Deus, tende piedade de mim que sou pecador". O íntimo de seu coração começou a extravasar sensivelmente uma alegria incontável e uma suavidade sem tamanho. Sentiu-se desfalecer, dissipando-se os temores e as trevas que se tinham juntado em seu coração por medo do pecado, e lhe foi infundida uma certeza da remissão de todos os pecados e uma confiança de que viveria da graça. Arrebatado em êxtase e absorvido totalmente em claridade, alargou-se a sua mente e pôde ver com clareza os acontecimentos futuros. Quando a suavidade e a luz se afastaram, ele, renovado no espírito, parecia transformado em um novo homem.<sup>189</sup>

---

<sup>188</sup> "A construção literária de Frei Tomás de Celano torna-se pouco a pouco mais complexa e nem sempre fácil de decifrar, sobretudo no que concerne à transmissão de dados e fatos que possam ser colocados com precisão no tempo e no espaço." MERLO, op. cit., p. 25.

<sup>189</sup> FF (1C, capítulo 11, parágrafo 26, p. 197, grifo nosso).

Segundo Celano, Francisco ensina com esmero e cuidado de “pai para filho” não mede esforços para dar o melhor para seus irmãos. Sempre preservando a pobreza e não perdendo de vista os ensinamentos de Cristo. Exalta o dom da clarividência, que segundo ele, Francisco possuía, várias vezes ao longo da hagiografia se refere a esse dom de prever o futuro (“certa vez estando com um dos frades previu as tentações e males que assolariam a vida do irmão”). Mais uma característica divina, que torna o enunciado mais rico e laudatório.

Para o narrador Francisco vivia a pobreza a cada minuto de sua vida desde sua conversão e antes, já demonstrava essa humildade e caridade para com o próximo. A perfeição buscada na vida de Francisco em relação a aceitação da pobreza vivida por Cristo, fica evidente em Celano.

Logo se uniram a eles outros quatro homens bons e idôneos, que seguiram o **santo de Deus**. Espalhou-se um grande comentário no meio do povo, e a fama do **homem de Deus** começou a se estender para mais longe. São Francisco e seus irmãos tinham naquele tempo uma imensa alegria e um prazer especial, quando alguém, quem quer que fosse, devoto, rico, pobre, nobre, plebeu, desprezado, benquisto, prudente, simples, clérigo ou leigo, levado pelo **espírito de Deus**, ia receber o hábito da Ordem: Os leigos se admiravam muito de tudo isso, e o exemplo. De **humildade** levava-os a corrigir suas vidas e a fazer penitência dos pecados. Sua **simplicidade** e a insegurança de sua **pobreza** não eram obstáculo nenhum para edificarem santamente aqueles que Deus queria edificar, pois ele gosta de estar com os desprezados do mundo e com os simples.<sup>190</sup>

Compara Francisco ao novo “escolhido” para realizar a obra de Deus. A “novitas”<sup>191</sup> está em tudo que ele faz e pensa. Suas ações são guiadas pelo espírito de Deus, sua forma de viver lembra a essência do cristianismo praticado e vivido pelo Cristo. Para Celano “Francisco é o novo Cristo e nova Ordem nasce com ele e seus irmãos”. Legitima ao longo de sua hagiografia

---

<sup>190</sup> FF (1C, capítulo 12, parágrafo 31, p. 200, grifo nosso).

<sup>191</sup> TEIXEIRA, Celso Márcio. O contexto religioso do surgimento do Movimento de Francisco de Assis. In: **Atas do Ciclo Tradição Monástica e Franciscanismo**. Rio de Janeiro: Fábrica do livro, 2003. p. 55.

não só Francisco, mas também a Ordem, que nasce do espírito e dos desejos deste mesmo “homem santo”. Vincula o contexto da vida do biografado com os desígnios de Deus para esse homem.

Assim, reforça a idéia de um “homem santo” e moldado na mais absoluta pobreza, que ao longo de sua narração vai se afirmando na fé e no seu destino de “homem de Deus”.<sup>192</sup>

A riqueza da narração também é outro detalhe na hagiografia, essa narrativa fantasiosa e incrível leva o leitor a se espelhar no enunciado e clara no enunciatário (Francisco) como exemplo. Quase que na totalidade das narrativas hagiografias isso ocorre o personagem vai se divinizando ao longo do texto até alcançar o mais alto posto a santidade. Assim também ocorre em Celano.

Grande era seu regozijo por nada verem, nem possuírem que os pudesse prender às coisas vãs e agradáveis aos sentidos. Por isso iniciaram ai sua aliança com a santa **pobreza**<sup>193</sup> e, extraordinariamente consolados pela falta de todas as coisas que são do mundo, pensaram em ficar ali para sempre. Pondo de lado toda solicitude pelos bens terrenos, só lhes interessava a consolação de Deus.

Por isso resolveram com firmeza não se apartar dos laços da **pobreza** mesmo que fossem atormentados por toda espécie de tribulações e acometidos por tentações. Mas, embora a amenidade daquele lugar, que poderia sem dificuldade amolecer o vigor de seu espírito, não os estivesse prendendo, para que nem uma demora mais longa lhes conferisse mesmo exteriormente alguma aparência de propriedade, abandonaram o lugar e, seguindo o feliz pai, entraram no vale de Espoleto. Fiéis cultores da justiça, discutiam também se deveriam permanecer entre os homens ou retirar-se para lugares desertos. Mas São Francisco, que em assunto nenhum

---

<sup>192</sup> “Ele cede a certos estereótipos hagiográficos (os aspectos sombrios da descrição da educação de Francisco é um exemplo (1C, capítulo 1, parágrafo 3), mas, ao mesmo tempo, ele se libera da tradição e inova ao sublinhar a evolução psicológica de seu herói (a progressiva caminhada de Francisco rumo a uma conversão completa é um bom exemplo desta nova forma de encarar a redação de uma vida de santo)”. DESBONNETS, op. cit., p. 154.

<sup>193</sup> O autor de *Sacrum Commercium* (obra posterior) provavelmente tirou desta passagem o título de sua obra. A palavra *Commercium* evoca ao mesmo tempo a idéia de contrato (2C, capítulo 70) e a de sponsais (2C, capítulo 71).

confiava apenas em sua sabedoria, mas prevenia tudo com a santa oração, preferiu não viver apenas para si mesmo, mas para aquele que morreu por todos, reconhecendo que tinha sido mandado para conquistar para Deus as almas que o diabo queria arrebatat.<sup>194</sup>

Momento do casamento simbólico de Francisco com a “Senhora Pobreza”, encontramos essa passagem em outras FF como LM cap. 4, cap. 7; LTC cap. 43; AP cap. 27. Fontes das quais duas são objetos de nossa análise *Legenda Maior* e *Legenda dos Três Companheiros*. Essa união marcará definitivamente a vida de Francisco e suas ações ao longo dela.

Tomás de Celano mostra sua devoção pela mesma “Senhora Pobreza” ao dizer “fieis cultores da justiça” não abandonariam a sua “esposa” por nada do mundo. Novamente relata as qualidades de Francisco e sua perseverança no caminho da retidão. Edificação do homem e do leitor.

Na sequência Celano declara questões referentes à obediência, um conceito que Francisco deixou muito vago na Regra Bulada de 1223 e que gerava desvios de condutas dos frades. Com sua argumentação Tomás de Celano, fala da importância da obediência para servir a Deus. E, mais uma vez afirma sua posição a favor da pobreza idealizada por Francisco.<sup>195</sup>

O fato é que, tendo desprezado todas as coisas terrenas e estando livres do amor-próprio, consagravam todo o seu afeto aos irmãos, oferecendo-se a si mesmos para atender às necessidades fraternas. Reuniam-se com prazer e gostavam de estar juntos: para eles era pesado estarem separados, o afastamento era amargo e doloroso estarem desunidos. Religiosos obedientes, não se atreviam a opor nada aos preceitos. Antes de acabarem de receber uma ordem, já se preparavam para cumpri-la. Não sabiam fazer distinções de preceitos e executavam tudo que lhes era mandado, sem fazer reparos.

<sup>194</sup> FF (1C, capítulo 14, parágrafo 35, p. 203-204, grifo nosso).

<sup>195</sup> “Ao personificar a pobreza como Dama Pobreza, “a noiva tão nobre e tão bonita como nunca se viu e que ganha das outras em beleza e supera a todas em sabedoria” (1C 3), revela um mundo cordial, lúdico, primordial e simples, “onde o domínio lúdico é mais amplo do que o do pensamento racional, é inacessível à especulação submetida a conceitos lógicos”. BERNARDI, Orlando. *Solidariedade de Francisco de Assis com os pobres*. In: MOREIRA, Alberto da Silva. **Herança Franciscana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p. 276.



"Seguidores da santíssima **pobreza**" porque não tinham nada, nada desejavam, e por isso não tinham medo de perder coisa alguma. Estavam contentes com uma única túnica, remendada às vezes por dentro e por fora: não lhes servia de enfeite, mas de desprezo e **pobreza**, para poderem mostrar claramente que nela estavam crucificados para o mundo. Cingiam-se com uma corda e usavam calças pobres, fazendo o piedoso propósito de ficar simplesmente assim, sem ter mais nada.

Naturalmente, estavam seguros em qualquer lugar, sem nenhum temor, cuidado ou preocupação pelo dia seguinte, nem se incomodavam com o pouso que teriam à noite, em suas freqüentes viagens. Pois, como muitas vezes nem tinham onde se abrigar do frio mais rigoroso, reuniam-se ao redor do fogo ou se escondiam humildemente, à noite, em grutas ou cavernas.

Durante o dia, os que sabiam trabalhavam com as próprias mãos, visitavam as casas dos leprosos ou outros lugares honestos, servindo a todos com **humildade** e devoção. Não queriam exercer ofício algum que pudessem causar escândalo, mas, fazendo sempre coisas santas e justas, honestas e úteis, davam exemplo de **humildade** e de paciência a todos.<sup>196</sup>

O desprezo pelos bens terrenos, o desapego da vida mundana, o não ter amor próprio para Celano, como se verificada na citação é fundamental para a formação de uma Ordem pautada na obediência e fraternidade. A obediência gerou no século XIII uma das questões mais conflituosas no interior da Ordem, a quem um frade deve obedecer? Francisco na Regra de 1223 deixou esta questão livre as interpretações, isso causou vários problemas no interior da Ordem, que só foram solucionados séculos depois com afirmações teológicas para justificar as ausências textuais na Regra da verdadeira obediência. Tomás de Celano ao escrever sua hagiografia conhecia no íntimo as questões franciscanas que mais afligiam os frades. Por esta razão deixa clara a obediência como questão primordial para aquele que quiser ser como o mestre "Religiosos obedientes, não se atreviam a opor nada aos preceitos".

O exemplo do fundador inspira os leitores e os edifica a seguir o mesmo caminho. Uma hagiografia como esta pode delimitar bem uma questão tão inerente a Ordem, a habilidade literária de Celano era conhecida dentro da Ordem e sua influência será sentida na apresentação da obra no capítulo geral Franciscano. Os frades leram e se inspiraram nele para as posteriores

---

<sup>196</sup> FF (1C, capítulo 15, parágrafo 39, p. 206-207, grifo nosso).

biografias franciscanas. Na sequência observaremos outras questões que a hagiografia celanense<sup>197</sup> aborda.

### **A estadia em Rivotorto e a guarda da pobreza**

São Francisco e os outros recolheram-se em um lugar perto de Assis, chamado Rivotorto. Havia ali uma cabana abandonada, onde viveram aqueles homens, que não faziam questão de casas grandes e bonitas, e lá se defendiam da chuva. "Pois, como dizia o santo, de uma cabana vai-se mais depressa para o céu do que de um palácio". Os filhos e irmãos permaneceram nesse lugar em conversação com o bem-aventurado pai, trabalhando bastante e sofrendo escassez de tudo. Faltou-lhes muitas vezes até o pão, precisando contentar-se com os nabos penosamente mendigados pela planície de Assis. Sua casa era tão apertada que mal podiam sentar-se ou descansar. Mas não se ouviam queixas ou murmurações: calmos e alegres, conservavam a paciência. São Francisco, cada dia e até continuamente, examinava diligentemente a si mesmo e aos seus, sem permitir neles falha alguma, e afastando toda negligência de seus corações.

Era constante sua vigilância sobre si mesmo e rígida sua disciplina. Se acontecia de ter alguma tentação, o que era possível, mergulhava durante o inverno num buraco cheio de gelo e lá ficava até passar toda rebelião da carne. E os outros seguiam com fervor todo esse exemplo de mortificação.

Ensinava-os não só a mortificar as paixões e a reprimir os impulsos da carne, mas até os sentidos exteriores, pelos quais a morte entra na alma. Passando por ali, naquele tempo, o imperador Otão, para receber a coroa do império terreno, o santo pai e seus companheiros, cuja cabana ficava à beira do caminho, apesar do enorme ruído e pompa, nem saiu para vê-lo nem permitiu que ninguém olhasse, a não ser um, para anunciar-lhe repetidamente que sua glória ia durar pouco.

Pois o santo permanecia recolhido em si mesmo, passeando pelo espaço de seu coração, onde preparava uma habitação digna de Deus. Por isso seus ouvidos não se deixavam levar pelo clamor de fora, e voz alguma podia distrai-lo ou interromper sua importante ocupação. Estava investido de autoridade apostólica e por isso se recusava absolutamente a bajular reis e príncipes.

Agia sempre com santa **simplicidade** e não permitia que o aperto do lugar lhe prejudicasse a amplidão do coração. Por isso escreveu o nome dos irmãos nos caibros da cabana, para que cada um soubesse seu lugar quando quisesse orar ou repousar, e não se perturbasse o silêncio espiritual pela estreiteza do ambiente.

Ainda moravam nesse lugar no dia em que apareceu um homem com um jumento e parou na entrada da cabana. Sem querer ouvir nada foi dizendo ao animal: "Vai para dentro que

---

<sup>197</sup> PEDROSO, José Carlos Corrêa. **Fontes Franciscanas**: apresentação geral. Piracicaba, SP: Centro Franciscano de Espiritualidade, 1998. p. 18-19.

vamos melhorar este lugar". Ouvindo isso, São Francisco ficou muito chocado, pois entendeu o que o homem queria: pensava que os frades queriam morar naquele lugar para promovê-lo e construir casas. São Francisco saiu imediatamente dali, abandonando a cabana por causa da palavra do camponês. Transferiu-se para outro lugar, não muito afastado, chamado Porciúncula, onde, como dissemos, tinha reparado a igreja de Nossa Senhora. Não queria ter propriedade nenhuma, para poder possuir tudo no Senhor em maior plenitude.<sup>198</sup>

Este capítulo reflete o anseio de Celano pela manutenção da pobreza absoluta e pela "magia" contida em Rivotorto e Porciúncula, lugares sagrados para o franciscanismo das origens<sup>199</sup>. Onde a essência tão desejada por Francisco se fez realidade no período que lá se encontrou. Reforça sua argumentação com citações do Evangelho sobre a importância da pobreza para alcançar o céu.

O capítulo 16 da hagiografia de Tomás de Celano é inteiro dedicado à pobreza e seus reflexos sobre os frades que viveram intensamente a presença e ensinamentos de Francisco. O desinteresse total pelos bens terrenos pode ser percebido no trecho citado logo acima, bem como a valorização do simples, humilde e rústico.

Essa era com certeza o que ansiava Francisco ao se recolher a tão ermo lugar com seus primeiros companheiros. Celano busca essa humildade a todo o momento em sua obra, mostrando sua tendência para a origem da Ordem (espírito de Rivotorto). Devemos pensar que quando escreve no ano de 1229, a Ordem está numa crise de identidade e sofrendo com acusações de outras ordens a respeito de sua pobreza. Acusada de hipócrita e falsa<sup>200</sup>, os frades se vêem obrigados a legitimar sua Ordem, a hagiografia vem para mostrar o verdadeiro Francisco e a sua Ordem. Nada é realizado por acaso, tem um interesse oculto ou não, na elaboração desta hagiografia. Celano ao escrever deveria evitar exaltar a pobreza para não aumentar o racha que começava a se formar no interior da Ordem. Deveria apenas contar a vida e obra de Francisco,

<sup>198</sup> FF (1C, capítulo 16, parágrafos 42-44, p. 209-210, grifo nosso).

<sup>199</sup> CONTI, Martino. **Estudos e Pesquisas sobre o Franciscanismo das origens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 301-317.

<sup>200</sup> MERLO, Giovanni Grado. **Em nome de São Francisco**: história dos Frades Menores e do franciscanismo até inícios do século XVI. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p.109.

sem causar mais nenhum atrito entre os frades, que se encontravam contestando cada vez mais os rumos da Ordem.

São Francisco voltou materialmente ao convívio dos seus, embora espiritualmente jamais se tivesse afastado, como dissemos. Inquirindo com diligente e prudente exame as ações de todos, interessava-se continuamente pelos seus e não deixava de repreendê-los por alguma coisa errada que descobrisse. Olhava primeiro os defeitos espirituais, depois os materiais, deixando para o fim tudo que costuma ser ocasião de pecado.

Com todo o cuidado e especial solícitude cuidava da santa senhora pobreza. Para impedir que se chegasse a ter coisas supérfluas, não permitia que tivessem em casa a menor vasilha, a menos que fosse necessária por absoluta necessidade. Dizia que seria impossível satisfazer a necessidade sem obedecer à paixão.

Nunca ou rarissimamente admitiu comidas cozidas. Se eram admitidas, muitas vezes misturava-lhes cinza ou lhes tirava o tempero com água fria. Quantas vezes, andando pelo mundo a pregar o Evangelho de Deus, foi convidado para almoçar com importantes príncipes que tinham toda admiração e veneração por ele, e apenas provava os pratos de carne para observar o santo Evangelho, mas ia guardando o resto dentro da roupa, embora parecesse estar comendo, para que ninguém percebesse o que estava fazendo.

Quanto a beber vinho, nem poderei dizer nada, pois até quando estava morto de sede não ousava beber a água que bastasse.<sup>201</sup>

Novamente a preocupação em demonstrar que Francisco estava vigilante em relação à pobreza e sua permanência entre os frades. Durante o decorrer do texto vemos a representação de um Francisco “homem de Deus”, “novo homem”, “pai seráfico”, entre outras definições para o “santo” que a cada trecho da hagiografia se torna mais edificado na narração de Celano. A figura que no início era dissoluta, agora era sólida no caminho da retidão e do apego a “pobreza”.

De resto, como era costume de São Francisco visitar os bispos e padres logo que chegava a alguma cidade ou região, quando soube da presença de um bispo tão importante, apresentou-se a ele com muita reverência. O bispo o recebeu com muita

---

<sup>201</sup> FF (1C, capítulo 19, parágrafo 51, p. 215-216, grifo nosso).

devoção, como fazia sempre com todos que pretendiam viver a vida religiosa e principalmente com os que levavam o estandarte da santa **pobreza** e **humildade**. Gostava também de suprir com solicitude as necessidades dos pobres e de cuidar pessoalmente de seus negócios, e por isso quis saber atentamente os motivos da visita do santo e compreendeu com muita bondade as suas intenções. Quando viu que ele desprezava os bens terrenos mais do que os outros e era tão fervoroso daquele fogo que Jesus pôs no mundo, seu coração se juntou desde esse momento ao coração dele<sup>202</sup>, pediu-lhe orações com devoção e lhe ofereceu com prazer sua proteção. Aconselhou-o por isso a desistir da viagem para cuidar de guardar aqueles que o Senhor lhe confiara, vigiando-os com solicitude.

São Francisco, vendo que personagem tão importante estava demonstrando tanta generosidade, cheio de afeto e com palavras decididas, teve uma alegria enorme e, lançando-se a seus pés, entregou e confiou a ele com devoção sua própria pessoa e os seus frades.<sup>203</sup>

Mais uma vez percebemos a preocupação do narrador com a obediência, Francisco procura as autoridades para pedir permissão para pregar livremente. “Submissão aos superiores era determinante para Francisco” afirma Celano. Não encontramos dentro da história franciscana nenhum relato de críticas realizadas por Francisco à Igreja, mesmo não concordando com algumas coisas, ele se mantinha submisso e obediente. Essa obediência não era seguida por todos os seus seguidores, temos ao longo da história franciscana, vários casos de frades acusados de heresia e alguns chegaram a ser excomungados ao longo da história.

Celano declara essa preocupação ao longo de sua hagiografia, criando a representação de um Francisco obediente e submisso à vontade da Igreja. Talvez esse não fosse realmente o verdadeiro Francisco, mas também não encontramos nos textos atribuídos a Francisco essa desobediência.

Podemos concluir que ele provavelmente não declarou abertamente sua contradição em relação à Igreja, mas suas ações e seu modo de viver eram totalmente contrários à Igreja da época. Outra preocupação de Tomás de

---

<sup>202</sup> Celano emprega aqui os termos da Bíblia que descrevem uma das mais belas amizades do Antigo Testamento e de todos os tempos. "Tendo Davi acabado de falar com Saul, a alma de Jônatas apegou-se à alma de Davi, e Jônatas começou a amá-lo como a si mesmo" (1Sm 18.1).

<sup>203</sup> FF (1C, capítulo 27, parágrafo 75, p. 232, grifo nosso).

Celano era a pobreza, como mostrar a questão do “usus pauper” sem trazer mais conflitos na Ordem, que no ano de 1229, se encontrava tão fragilizada e dividida.

Aproximou-se o dia da alegria e chegou o tempo da exultação. De muitos lugares foram chamados os irmãos: homens e mulheres do lugar, de acordo com suas posses, prepararam cheios de alegria tochas e archotes para iluminar a noite que tinha iluminado todos os dias e anos com sua brilhante estrela. Por fim, chegou o santo e, vendo tudo preparado, ficou satisfeito. Fizeram um presépio, trouxeram palha, um boi e um burro. Greccio tornou-se uma nova Belém, honrando a simplicidade, louvando a **pobreza** e recomendando a **humildade**. A noite ficou iluminada como o dia e estava deliciosa para os homens e para os animais. O povo foi chegando e se alegrou com o mistério renovado em uma alegria toda nova. O bosque ressoava com as vozes que ecoavam nos morros. Os frades cantavam, dando os devidos louvores ao Senhor e a noite inteira se rejubilava. O santo parou diante do presépio e suspirou, cheio de piedade e de alegria. A missa foi celebrada ali mesmo no presépio, e o sacerdote que a celebrou sentiu uma piedade que jamais experimentara até então.<sup>204</sup>

Esse capítulo trata da celebração do Natal realizada por Francisco. E, segundo vários historiadores a primeira montagem de um presépio. Inaugura uma novidade entre os cristãos a representação de um presépio para lembrar o Deus vivo. Neste capítulo Celano não mostra a mesma preocupação com a obediência, que vemos ao longo dos outros capítulos e parágrafos, aqui ele exalta a santidade de Francisco e sua popularidade entre o povo.

Embora fraco como qualquer um de nós, Francisco não se contentou com a observância dos preceitos comuns, mas, cheio de ardente **caridade**, partiu pelo caminho da perfeição, atingiu o cume da santidade e viu o fim de toda realização. E por isso que todas as classes, sexos e idades têm nele uma prova evidente da doutrina salutar e também um exemplo preclaro de todas as boas obras. Os que pretendem empreender coisas de valor e aspiram aos carismas melhores do **caminho da perfeição**<sup>205</sup> podem olhar no espelho de sua

<sup>204</sup> FF (1C, capítulo 30, parágrafo 85, p. 239, grifo nosso).

<sup>205</sup> Entende-se “caminho da perfeição” o estado de vida que realiza as condições em que viveu o próprio Cristo, isto é, em **pobreza** e castidade; à vida cenobítica a

vida e aprender tudo que é melhor. Os que pretendem coisas mais **humildes** e **simples**, com medo de enfrentar dificuldades e de subir ao cume da montanha, também podem encontrar nele conselhos adaptados ao seu nível. Mesmo os que desejam apenas sinais e milagres podem buscar sua santidade e alcançarão o que desejam.

Sua vida gloriosa faz brilhar a santidade dos santos antigos com uma luz mais clara. Provamos isso por seu amor à paixão de Jesus Cristo e a sua cruz. De fato, o pai venerável foi marcado nas cinco partes do corpo pelo sinal da paixão e da cruz, como se tivesse sido pregado na cruz com o Filho de Deus. Este sacramento é grande e indica a grandeza de seu particular amor. Mas acreditamos que exista nesse fato um plano oculto, um mistério escondido, que só Deus conhece e que ao próprio santo só foi revelado em parte. Por isso, não adianta insistir muito em elogios, porque seu louvor vem daquele que é o louvor de todas as coisas, fonte de toda glória e que concede os prêmios da luz.

Bendigamos a Deus que é santo, verdadeiro e glorioso, e continuemos a história.<sup>206</sup>

Cita pela primeira vez os estigmas de Francisco, como uma declaração de santidade e de exemplo da perfeição evangélica. A pobreza entra como uma consequência da vida perfeita praticada pelo “santo”. Celano não entra muito nos detalhes da estigmatização, mas exalta a pobreza de Francisco como condição básica para a ocorrência das chagas.

Apesar de serem muitos os que lhe levaram medicamentos para ajudá-lo, não conseguiu curar-se e foi para a cidade de Rieti, onde diziam que morava um homem muito capaz para curar aquela doença. Quando chegou lá foi muito bem recebido, e com toda a honra, pelas autoridades da Cúria Romana, que estava na cidade nesse tempo<sup>207</sup>, mas especialmente por Hugolino, bispo de Óstia, que se distinguia bastante por sua honradez e santidade.

Ele já tinha sido escolhido por São Francisco como pai e senhor de toda a Ordem dos seus irmãos, com o consentimento e por vontade do Papa Honório, porque gostava muito da **santa pobreza** e tinha uma reverência especial pela **santa simplicidade**. O cardeal conformava-se em tudo com os costumes dos frades e, desejando ser santo, era **simples** com os **simples**, **humilde** com os **humildes** e **pobre** com os

---

monacal, entrando um terceiro fator: a obediência. É escusado dizer, que tais condições não significam por si um estado de “perfeição” daqueles que se “submetem a elas”. Não meios apenas.

<sup>206</sup> FF (1C, segundo livro, capítulo 1, parágrafo 90, p. 242-243, grifo nosso).

<sup>207</sup> Honório III e a cúria tinham sido expulsos de Roma por uma sedição popular. É possível também que o famoso médico fizesse parte do grupo de cirurgiões do papa.

**pobres.** Era um irmão entre os outros, mínimo entre os menores, e procurava ser como um dos demais na maneira de viver e de agir. Tinha muita solicitude pela difusão da Ordem em toda parte e, como tinha fama de vida santa, conseguiu ampliar bastante a Ordem.

Dera-lhe o Senhor uma língua erudita, com que confundia os adversários da verdade, refutava os inimigos da cruz de Cristo, reconduzia os transviados ao caminho, pacificava os que estavam em desavença e reforçava os laços da caridade entre os que se amavam. Era na Igreja de Deus a luz que arde e ilumina e a seta escolhida, preparada em tempo oportuno.

Quantas vezes, deixando de lado as ricas vestes, vestia-se como um pobre e andava descalço como um dos frades, pedindo que fizessem a paz! Fazia isso entre uma pessoa e outra sempre que era possível, ou entre Deus e os homens, e sempre com solicitude. Por isso, pouco depois Deus o escolheu para ser pastor em toda a sua santa Igreja, e exaltou a sua cabeça no meio das tribos dos povos.<sup>208</sup>

Celano neste capítulo mostra sua simpatia pelo então Papa Gregório IX, a pessoa que encomendou a elaboração da hagiografia para culto ao “novo santo”. Escolheu Celano para escrever e divulgar sua obra junto aos frades e dar início à construção da imagem de Francisco, um homem histórico e o fundador de uma das Ordens mais prósperas da Idade Média.

O historiador Grado Giovanni Merlo define *Vita Prima* como uma “hagiografia militante”<sup>209</sup>, porque demonstra as tensões e lutas que ocorriam no interior da Ordem. O autor por essa razão não é isento aos acontecimentos e querendo ou não, acaba por deixar transparecer sua corrente religiosa e na medida do possível tenta legitimar seu grupo de convívio.

Não existe uma obra desconectada de seu tempo, a produção hagiográfica também demonstra essa característica, Celano quando escreve defende de uma forma velada sua corrente de pensamento e grupo pertencente. Mesmo sendo uma obra com definição, que era divulgar e edificar o “santo”. Percebemos sua posição e a representação do Francisco, que para ele seria o ideal.

<sup>208</sup> FF (1C, capítulo 5, parágrafo 99, p. 250-251, grifo nosso).

<sup>209</sup> MERLO, Grado Giovanni. **Em nome de São Francisco:** história dos frades Menores e do franciscanismo até inícios do século XVI. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 19.



Suspirando e gemendo muito, olhavam para ele em lágrimas e começaram a clamar com voz embargada: "Pai, pai, que vamos fazer? Pobres de nós, por que nos abandonas? Por que nos deixas assim desamparadas? Por que não nos mandaste alegres à tua frente para onde vais e nos deixaste sofrendo deste jeito? Que mandas que façamos, presas neste cárcere, pois nunca mais virás visitar-nos, como costumavas? Contigo vai-se embora toda nossa consolação. Não haverá mais conforto igual para nós que nos enterramos para o mundo! Quem nos acudirá em tamanha **pobreza**, não só de méritos como de coisas? Ó pai dos pobres e amigo da **pobreza**! Quem nos socorrerá nas tentações, diz-nos tu, que passaste por tantas e eras um precavido conhecedor desses males! Quem nos consolará nas tribulações, diz-nos tu, socorro nas tribulações que nos assaltaram em demasia! Amarga separação e cruel ausência! Cruel morte, que trucidou milhares de filhos e filhas, privando-os de semelhante pai, apressando-te em levá-lo para longe sem retorno, ele a quem devemos o grande florescimento de nossos esforços, se é que alguma coisa temos!"

Mas o seu virginal pudor as impedia de chorar mais e não ficava bem chorar demais por ele, quando em sua morte tinham ocorrido tantos exércitos de anjos, alegrando-se os cidadãos dos céus e os que moram na casa de Deus. Entre a tristeza e a alegria, beijavam suas mãos irradiantes, com todo o fulgor de pérolas preciosas e faiscantes. Quando ele foi levado, fechou-se para elas a porta, que jamais poderá ser aberta para outra dor comparável.

Que grande compaixão tiveram todos pelo sofrido e piedoso lamento dessas senhoras! Que grandes foram, principalmente, os gemidos de seus filhos entristecidos!

Sua dor singular era comum a todos, sendo impossível para todos deixar de chorar quando os anjos da paz; choravam com amargura.<sup>210</sup>

Para Celano o momento que marca a elevação de Francisco aos céus, levado por anjos e esperado com alegria. Mas o que fazer sem a presença dele entre os frades? O próprio narrador se mostra sem rumo com a morte de Francisco, "pobres de nós, quem nos acudirá, quem nos consolará".

Essas são algumas das palavras do hagiógrafo para mostrar a falta de um norte para Ordem daquele momento em diante. Como manter a pobreza e praticá-la sem a figura de Francisco? Celano não possui uma resposta, mas também não deixa transparecer o caos que se instaura daquele momento em diante.

---

<sup>210</sup> FF (1C, capítulo 10, parágrafo 117, p. 265-266, grifo nosso).

Houve, de repente, uma mudança nas coisas, e um novo problema surgiu no mundo. Perturbou-se num momento o prazer da paz, acendeu-se o archote da inveja e a Igreja foi despedaçada por uma guerra dentro da própria casa. Os romanos, povo sedicioso e feroz, atacam como de costume seus vizinhos e estendem temerariamente suas mãos para as coisas sagradas. O egrégio Papa Gregório esforçou-se por conter o mal nascente, reprimir a crueldade, moderar o ímpeto, e defendeu a Igreja de Cristo como uma torre arrasadíssima. Sobrevêm muitos perigos, as violências se multiplicam, e no resto do mundo levanta-se contra Deus a cerviz dos pecadores. Que fazer? Prevendo o futuro com muita experiência, e avaliando o presente, o Papa abandonou Roma para livrar e defender o mundo das revoltas. Foi para a cidade de Rieti, onde foi honrosamente recebido, como convinha. Daí passou para Espoleto, honrado por todos com grande reverência. Lá esteve poucos dias, estudando a situação da Igreja, e depois, acompanhado pelos veneráveis cardeais, dirigiu-se bondosamente para as servas de Cristo, mortas e sepultadas para o mundo<sup>211</sup>. Sua vida santa, a **pobreza** altíssima e o gênero de vida perfeito comoveram o Papa e os outros até as lágrimas, incitando ao desapego do mundo e a uma vida santa. A humildade, mãe amável de todas as virtudes! O príncipe de toda a terra, sucessor do príncipe dos apóstolos, visita as pobrezinhas, desce até aquelas desprezadas e humildes encarceradas, e embora fosse uma humildade digna de um justo julgamento, não tinha exemplo anterior e nunca tinha sido vista nos séculos anteriores.<sup>212</sup>

Esse momento é escolhido por Celano para falar sobre os preparativos para a canonização. Mas vemos sua decepção com a Igreja, que se encontra corrompida e descrente. A uma tentativa de inserir o papa Gregório IX, como o salvador desta Igreja deteriorada em seus alicerces.<sup>213</sup>

A canonização de Francisco pode trazer alento para os insatisfeitos e controlar ânimos mais exaltados no interior da Ordem e fora dela. Já que era visto como um exemplo de “bom cristão” e “servo do Senhor”. Assim se encerra a análise da hagiografia escrita por Tomás de Celano, sob encomenda do papa Gregório IX. A pobreza para Celano estava em tudo que Francisco fez e viveu, desde sua juventude dissoluta até sua elevação aos céus.

<sup>211</sup> São as pobres damas, ou clarissas do mosteiro de São Paulo, perto do Espoleto.

<sup>212</sup> FF (1C, terceiro livro, parágrafo 122, p. 269-270, grifo nosso).

<sup>213</sup> URIBE, F. **Introduzione alle agiografie di S. Francesco e S. Chiara D'Assisi** (séc. XIII-XIV). Roma: Rattori, 1996. p. 68-69.

Para Celano, “Francisco viveu o verdadeiro cristianismo e praticou a verdadeira pobreza, para Cristo e por Cristo”. Talvez o hagiógrafo quisesse relatar mais, mas uma obra realizada sob encomenda traz desfavores. Não era de interesse da Igreja e nem do então papa Gregório IX, uma exaltação à pobreza dos primeiros cristãos, que Francisco seguia como modelo. E, sim uma obra que o retratasse como um perfeito cristão, obediente e submisso.

Mas hoje sabemos que Francisco não era bem assim. Só pelo fato de praticar e viver segundo o Evangelho, já era o suficiente para contrariar a imagem da Igreja, rica e cada vez mais distante dos pobres. Sem falar nas querelas que volta e meia abalavam sua estrutura, o poder disputado com os imperadores e príncipes (espiritual e temporal) só servia para torná-la mais longe do povo. Esse homem que soube viver o verdadeiro cristianismo era uma ofensa para os membros do alto clero. Celano mesmo escrevendo por encomenda consegue nos passar sua verdadeira visão de Francisco e do movimento franciscano. Sua *Vita Prima* se torna uma das fontes mais ricas para entendermos Francisco e sua pobreza.

A análise buscou entender qual era a definição de pobreza do autor e se essa definição era próxima ou não de Francisco. Entendemos que Celano, também coabitava do mesmo entendimento de Francisco sobre o que era a pobreza. Uma essência que se baseava em pilares como: caridade, humildade e simplicidade e esses três conceitos juntos formavam a “senhora pobreza”, que irá pautar todas as ações do “santo” desde sua conversão até sua morte.

### 3.2 *Legenda Trium Sociorum* de Ângelo, Leão e Rufino



Figura 3 - Os três companheiros apresentam a *Legenda*.

No ano de 1246, Leão, Rufino e Ângelo escrevem a “Carta de Grécio”, que marca o início da *Legenda* que seria escrita posteriormente e anexada à mesma. O ministro Geral da Ordem Frei Crescêncio de lesi solicita para os companheiros mais próximos de Francisco, para que arrolassem tudo o que se lembrassem do “bem aventurado” para a elaboração de uma nova hagiografia.

A vida de S. Francisco que nos foi transmitida sob o título da *Legenda dos Três Companheiros* foi concluída a 11 de agosto de 1246, num pequeno convento no vale de Rieti, Greccio, que retornará muitas vezes no curso dessa história. Esse eremitério foi a estadia preferida de Francisco, sobretudo nos últimos tempos de sua vida. Desse modo, tornou-o duplamente caro ao coração de seus discípulos (2Cel 35; 61; 1Cel 60; 84; 2Cel 45; 64). Desde os primeiros tempos da Ordem, converte-se também em quartel-general dos observantes e, ao longo dos séculos, permanece um dos centros mais puros da piedade franciscana.<sup>214</sup>

Os incumbidos desta missão foram os frades que viveram o franciscanismo primitivo ao lado de Francisco e se encontravam no eremitério Greccio isolados do restante da Ordem e dos conflitos que cada vez mais

<sup>214</sup> SABATIER, Paul. **Vida de São Francisco de Assis**. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2006. p. 61.

afastavam os frades do ideal primitivo de Francisco. Na verdade não encontraremos na historiografia franciscana a razão real para tal solicitação.

No século XIII em questão, as hagiografias franciscanas eram realizadas uma atrás da outra e cada qual representava um Francisco diferente, os interesses dos grupos prevaleciam sobre a verdadeira identidade de Francisco. Ao solicitar a escrita de uma nova hagiografia, Crescêncio ambicionava uma versão definitiva e mais fiel ao verdadeiro Francisco, mas que principalmente que retratasse o ideal proposto por ele para os frades. Muitos frades consideravam Crescêncio um defensor dos espirituais e do radicalismo proposto por esse grupo. A solicitação das memórias dos frades causou uma grande reação entre os frades, afinal o que poderia ser acrescentado à vida de Francisco que ainda não havia sido exposto nas várias hagiografias que circulavam entre os frades. Algumas inclusive de forma clandestina e muitas condenadas pela Igreja.<sup>215</sup>

A *Legenda dos Três Companheiros*, escrita no ano de 1246, apresenta a “Carta de Grécio”, como a parte inicial da hagiografia, não se encontra em ordem cronológica, trata a vida de Francisco através de fatos e atos, que ocasionaram sua santidade. Muitas dúvidas pairam sobre a autenticidade da legenda, alguns historiadores acham diferenças entre a Carta e o restante da legenda. Mas até o momento nada ficou realmente confirmado sobre essa obra. A única coisa certa consiste na afirmação sobre a participação dos três companheiros. Fernando Uribe assim se expressa sobre a questão:

Un'altra delle discussioni su questa leggenda si riferisce all sua integritá. Alcuni studiosi affermarono Che nel suo stato attualle é frammemtaria, adducendo i piú svariati argomenti come, per esempio, Che si tratta di un'opera scritta per gli zelanti, poi mutilata della autoritá dell'Ordine le quali reppresentavano Il gruppo dei lassisti, o Che i suoi autori venendo a conoscenza Che Tommaso da Celano stava redigendo la Vita secunda, decisero di sospendere Il loro lavoro, lasciandola incompleta. Per la maggioranza dei critici questa leggenda é integra, ma le loro regioni sono di diversa índole. Così, per esempio, alcuni

---

<sup>215</sup> Vide: MERLO, Grado Giovanni. Em nome de São Francisco: história dos Frades Menores e do franciscanismo até inícios do século XVI. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 138-156.

credettero Che lo SpecP di Sabatier non fosse altra cosa Che la TSoc originale ed integra; altri difesero l'integritá del texto tradiozionale, però tenendo conto Che dalle sue origini non é completo e Che in un determinato momento ricevette due capitoli in piú como complemento.<sup>216</sup>

Para Uribe toda a questão resida na autenticidade da fonte e sua exata datação, bem como na integridade do texto. Porém o autor não descarta a importância desta fonte para os estudos franciscanos. Segundo Uribe as fontes *Vita Secunda* e *Legenda dos Três Companheiros* apresentam a mesma data de elaboração, mas isso não as desqualifica na compreensão da Ordem e da vida de Francisco.

Sobre os três companheiros poucos dados nos foram deixados. Leão por muitos anos o braço direito de Francisco era seu secretário particular e fiel companheiro, chamado de “ovelhinha de Deus”. Poucos são os relatos biográficos sobre esse companheiro de Francisco, não se tem certeza nem do ano de seu nascimento. Porém, o período que passa ao lado de Francisco nos revela sua dedicação e fidelidade aos ideais franciscanos. Provavelmente tenha sido Leão o responsável pela escrita da carta, já que era notória sua versatilidade na escrita e na poesia.

Rufino era primo de Clara, nobre de Assis, que ao se deparar com Francisco e seu amor pela causa cristã resolve segui-lo; depois de muito hesitar-se, converteu a causa de Francisco. Viveu muitos anos como anacoreta e em contemplação. Resolveu seguir o caminho da mendicância e pregação, mas sua dificuldade na fala, algumas fontes relatam que ele possuía uma

---

<sup>216</sup> URIBE, Fernando. **Introduzione alle agiografie di S. Fancesco e S. Chiara D'Assisi (sec. XIII – XIV)**. Roma: Ratatori, 1996. p. 25-26. Tradução da autora: “Outra discussão desta lenda se refere a sua integridade. Alguns estudiosos dizem que em seu estado atual é fundamental, citando os temas mais variados, como por exemplo, que é um escrito para os zelosos, e depois sofreu cortes pelas autoridades da Ordem que representavam o grupo de conventuais ou que os membros estão conscientes de que Tomás de Celano estava escrevendo uma Segunda Vida, decidiu suspender o trabalho, deixando-o incompleto. Para a maioria dos críticos dessa biografia está intacta, mas as suas razões são de natureza diferente. Assim, por exemplo, alguns acreditavam que o *Espelho da Perfeição* de Sabatier não era nada, mas original e integra era o Tsoc (*Legenda Trium Socierum*), outros defenderam a integridade do texto tradicional, mas considerando que sua origem não está completa e que em algum momento recebeu dois capítulos a mais para complementá-lo”

acentuada gagueira. Mas isso não o impediu de se tornar um exemplo dentro da Ordem e um dos mais queridos por Francisco. Renunciou à sua riqueza e família para viver na pobreza e de acordo com a proposta franciscana.

Sua dedicação e fidelidade renderam a ele o título de “enfermeiro” de Francisco e o homem que sempre estava ao seu lado nos momentos decisivos de sua vida. Um dos frades mais tentados pelos demônios e diversas vezes salvo pela mão acolhedora de Francisco, como percebemos nesta citação:

Frei Rufino, um dos mais nobres homens de Assis e companheiro de S. Francisco, homem de grande santidade foi um tempo fortemente combatido e tentado pelo demônio, sobre a predestinação, de que ele estava todo melancólico e triste: porque o demônio lhe tinha posto no coração que estava danado e não era dos predestinados a vida eterna, e que se perdia o que ele fazia na Ordem. Durando aquela tentação muitos dias, e ele por vergonha não a revelando a S. Francisco, (...) Mas o que ao pai santo não disse Frei Rufino, revelou o Espírito Santo. Pelo que S. Francisco, vendo em espírito o tal perigo do dito frade, mandou Frei Masseo a ele; (...) E dito isso Frei Rufino levantou-se e foi a S. Francisco; e vendo-o vir de longe S. Francisco começou a gritar: “Ó Frei Rufino mauzinho, em quem acreditaste?” E Frei Rufino aproximando-se, ele lhe disse em ordem toda a tentação que tinha tido do demônio dentro e fora; (...) Então Frei Rufino, vendo S. Francisco lhe dizia assim por ordem todo o modo de sua tentação, compungido por suas palavras começou a chorar fortemente e a venerar S. Francisco e humildemente reconheceu sua culpa de ter-lhe ocultado a tentação. [...] <sup>217</sup>

Depois destes acontecimentos segundo nos relata a fonte, Rufino se tornou mais fiel e devotado a Francisco. Suas funções junto ao “santo” encontram-se em várias FF, ele é um dos companheiros mais retratados nas hagiografias franciscanas ao lado de Leão e Ângelo. Segundo as FF ingressou na Ordem por volta de 1210, para viver a pobreza evangélica e dedicar-se ao próximo.

Ângelo de Tancredi de Rieti era cavaleiro e um dos doze que se dirigiram a Roma para falar com o Papa Inocêncio III. Mas as FF nos relatam pouco sobre esse homem, a preocupação central dos hagiógrafos era

---

<sup>217</sup> FF (I Fioretti, capítulo 29, p. 1143-1144).

Francisco e suas ações que o levaram à santidade. Os outros eram meros coadjuvantes na vida de um “santo”.

Frei Ângelo não era diferente, não temos muitos dados biográficos sobre essa figura tão presente na vida de Francisco. Ângelo era o “guardião” de Francisco e o seguia a todos os lugares, além de auxiliá-lo na doença nos últimos anos de vida. Sua vida antes da conversão foi dedicada às armas, o que lhe causava após a conversão temores e tentações do período em que vivia em pecado. Segundo algumas FF, era tentado constantemente pelo demônio e tinha pavor do escuro até que Francisco lhe mostrou o caminho para controlar seus medos.

Esses são os três membros escolhidos por Crescêncio de Iesi para elaborar uma nova hagiografia sobre os feitos de Francisco. Uma das fontes mais comentadas pela historiografia e trabalhadas, pois nela percebemos a importância de Francisco como organizador de uma das Ordens mais prosperas da Idade Média. Os frades viam nele não apenas uma figura emblemática e carregada de carisma, mas sim um corregedor das “almas” em conflito sobre a verdadeira vocação. Na *Legenda dos Três Companheiros* encontramos vários relatos sobre esse Francisco doce e severo ao mesmo tempo, podemos ver em Francisco a dualidade paternalismo e maternalismo, ao mesmo tempo em que era extremamente bondoso, também era extremamente severo com aqueles que se desviavam do ideal franciscano.

Raoul Manselli, assim se expressa sobre essa hagiografia:

Ao lado de Tomás de Celano, é fundamental a obra conhecida como *Legenda trium sociorum*, a *Legenda dos Três Companheiros*, não porque estes sejam os autores, mas porque ela nos traz o eco – se direto ou indireto é difícil de certificar, como já dissemos – de pessoa ou pessoas que puderam seguir os anos assisenses de Francisco. Há um senso visual da realidade citadina do seu cotidiano; verifica-se uma concretude de relações humanas que pode nascer só de quem escreve quando conhece, sabendo também que a sua narração será seguida por gente em condições de controlá-la e de trabalhar contra qualquer tentativa de modificação em qualquer sentido da realidade. Exatamente o fato de limitar-se aos acontecimentos de Assis somente e de omitir o que não se refere a Assis, apenas sublinha a importância dela, também por



outros elementos não menos significativos como aqueles dos habitantes da cidade que zombam do santo ou que – estando ele já moribundo – aguardam a lenta agonia dele, temendo que de qualquer modo o seu corpo, destinado a tornar-se logo uma preciosa relíquia, não lhes seja tirado.<sup>218</sup>

A opção por esta FF reside no seu aspecto único de ser relatada pelos principais companheiros de Francisco e que participaram dos momentos mais decisivos de sua vida de maneiras bem peculiar (secretário, enfermeiro, confessor). Em função disso o Ministro Geral solicita a “Carta de Grécio” a esses três homens, com certeza encontramos uma hagiografia diferente das outras, mas que nos revela um Francisco mais próximo da realidade. A *Legenda dos Três Companheiros*<sup>219</sup> está dividida em uma Epístola (“Carta de Grécio” 11/08/1246) e mais 18 capítulos com 73 parágrafos. Vide anexo 2.

Esta é a estrutura organizacional da hagiografia escrita pelos três companheiros. Sistematizada de maneira que nos revela um Francisco preocupado com o que ele estava fundando, bem como com os vários tipos sociais que compunham a sua Ordem. Para os três companheiros Francisco sempre teve muito bem determinado os rumos que queria para seus irmãos. A pobreza na hagiografia é apresentada como a base para a perfeição alcançada por ele. Muitas vezes utilizam de técnicas de escrita para camuflar a “pobreza”, se valendo de palavras de igual valor ou que acabam remetendo a ela. Vejamos:

Partindo destes graus de virtudes naturais, chegou a tal perfeição que dizia a si mesmo, depois da conversão: “Se és generoso e cortês com os homens de quem não recebes coisa alguma, a não ser favores transitórios e de pouco proveito, é justo que, por amor de Deus, que é generosíssimo em retribuir, o sejas também com os pobres”. E, desde então, olhava-os com prazer, dando-lhes copiosas esmolas. Embora

<sup>218</sup> MANSELLI, op. cit, p. 47-48.

<sup>219</sup> “Em todos os manuscritos, esta Legenda é precedida de uma carta endereçada ao Ministro Geral e assinada pelos frades Leão, Rufino e Ângelo. É desta carta que a obra tirou o nome tradicional de Legenda dos Três Companheiros. É, hoje, portanto, certo que algum deles não é o autor do texto e que a carta, ou não está em seu lugar, ou então, o que me parece mais razoável, deve servir de prefácio a todo o “pacote” de documentos dos quais os Companheiros se teriam feito fiadores.” DESBONNETS, op. cit, p. 160.

comerciante, mostrava-se muito vaidoso em dissipar os bens terrenos.<sup>220</sup>

A perfeição é um dos conceitos mais presentes na *Legenda dos Três Companheiros*, mas ao ler cuidadosamente percebemos que está perfeição nada mais é do que a pobreza. Para chegar a “perfeição evangélica” Francisco renúncia a uma gama de oportunidades que sua condição social fatalmente lhe traria. Filho de rico comerciante tinha grandes possibilidades de alcançar um bom casamento e aumentar sua fortuna.

Sua renúncia a essas possibilidades o levou a uma condição de miséria e desapego dos bens materiais. Mas para a formação do “Homem santo” foram decisivas. A pobreza no ideário de Francisco sempre representou a base de sua “perfeita vida evangélica” e para seus primeiros companheiros um sonho a ser alcançado. O três companheiros tinham a exata noção da importância dessa pobreza para Francisco e de como isso causava constrangimentos na Ordem que naquele momento representava Francisco.

Não era do interesse da Igreja e nem mesmo dos membros mais conceituados dentro da Ordem que uma nova biografia trouxesse mais conflitos sobre a questão da “pobreza” para os frades, que já se encontravam divididos e perseguidos pelo radicalismo que muitos empregavam ao tratar deste assunto. Até os dias de hoje é uma grande incógnita a razão de tantas hagiografias sobre Francisco, cada qual gerando ainda mais dúvidas no interior da Ordem e externamente.

A *Legenda dos Três companheiros* não é diferente dos vários textos anteriores a ela, também lança dúvidas e questiona o verdadeiro franciscanismo praticado pelos frades.

A grande novidade nesta obra é quem a escreve, os frades mais próximos de Francisco. Todos sabiam da decepção que os rumos da Ordem traziam aos mais antigos, o franciscanismo primitivo estava entrando no esquecimento e o pequeno grupo que exigia um retorno era perseguido e coagido pela Igreja para não revelar suas verdadeiras aspirações. Uma volta às

---

<sup>220</sup> FF (LTC, capítulo 1, parágrafo 3, p. 648).

origens para a manutenção do ideário de Francisco. E, principalmente não ter bens no nome da Ordem e nem receber favores de membros da nobreza ou do clero.<sup>221</sup>

Mas é claro que isso não era um consenso entre todos os frades, havia os que desejavam um retorno às origens e aqueles que achavam necessário mais segurança e bens que consolidassem essa segurança.

Devemos nos lembrar que no ano de 1246, quando essa hagiografia foi escrita os frades Leão, Rufino e Ângelo encontravam-se afastados dos outros irmãos e isolados no Convento de São Damião para evitar que a presença deles entre os irmãos causasse constrangimento. Devido ao fato desses frades representarem a essência do franciscanismo vivido e praticado por Francisco, ou seja, viviam sem conforto, sem bens, com apenas duas túnicas e praticando a penitência. Agora eles tinham a oportunidade de expressar em palavras o cotidiano ao lado de Francisco e suscitar nos mais jovens o desejo de ser igual ao “pai seráfico”. Crescêncio de lesi foi destituído do cargo de Ministro Geral ao ser acusado de favorável aos grupos mais radicais no interior da Ordem. Sua solicitação pode ser entendida como uma última tentativa de trazer à tona um Francisco pobre e praticante da pobreza mais perfeita.

A hagiografia seria difundida e lida pelos frades, isso causaria uma crise ainda maior dentro da Ordem e levaria a um racha que perduraria até meados do século XIV.

Ao analisarmos a hagiografia percebemos um texto simples, mas ao mesmo tempo rico em detalhes do cotidiano franciscano. Coisas que em outras hagiografias nem são relatadas na *Legenda dos Três Companheiros* é rica em detalhes e ações de Francisco. Almoços em grupo, orações, divisão do pão, conselhos, vestimentas (descrições minuciosas de vestes) e muito mais, estes detalhes relatados nos levam a perceber a pobreza de uma maneira mais clara e concisa na vida de Francisco. Muitas vezes falam da “perfeição”, mas o que seria essa perfeição senão a pobreza, que ao ser vivida e praticada por Francisco o tornava mais próximo de Cristo e cada vez mais “perfeito”.

---

<sup>221</sup> MERLO, op. cit., p. 106-117.

Leão que ao longo da vida viveu como secretário de Francisco e é considerado pela historiografia o responsável por vários textos atribuídos a Francisco, como o homem que escrevia e escrevia bem. Também relata momentos em que no trato direto com o “santo” sentiu a pobreza como algo próximo e palpável. Para ele a pobreza era uma “esposa” que deveria ser tratada com respeito e carinho, o trabalho com os mais carentes era um reflexo desse amor, cuidar e servir aos mais pobres era o mesmo que servir ao “Criador”. Isso também está presente na legenda:

Desta maneira, transformado pela graça de Deus, embora ainda em hábito secular, desejava estar em alguma cidade, onde, desconhecido, pudesse tirar as próprias roupas e, em troca, vestir as roupas de algum pobre, para experimentar pedir esmolas pelo amor de Deus.

E por essa época foi ele a Roma em peregrinação. Entrando na igreja de São Pedro, observava as ofertas de certas pessoas e achou que eram muito pequenas, e disse consigo mesmo: "Se o Príncipe dos Apóstolos deve ser honrado com magnificência, como é que essa gente faz ofertas tão mesquinhas, aqui, onde repousa o seu corpo?" E levado de grande fervor, pôs a mão na bolsa, e tirando um punhado de moedas, atirou-as pela janelinha do altar com violência, fazendo tanto ruído, que todos os presentes muito se admiravam de tão magnífica oferta.

Depois saiu às portas da igreja onde havia muitos mendigos pedindo esmolas. Trocou, secretamente, os farrapos de um dos mais pobres e os vestiu, tirando as suas vestes. Colocou-se nos degraus da igreja a pedir esmola com os outros pobres em francês, pois gostava de falar esse idioma embora não o conhecesse perfeitamente.

Depois, tirou os farrapos e retomou suas vestes. Voltou a Assis e começou a rogar ao Senhor que lhe dirigisse os passos. Não revelava seu segredo a ninguém e, sobre isto, a nenhuma pessoa pedia conselho, exceto a Deus que começara a orientar o seu caminho, e, excepcionalmente, ao bispo de Assis, porque, naquele tempo, todos desconheciam a verdadeira **pobreza** que ele almejava *acima* de tudo neste mundo, na qual queria viver e morrer.<sup>222</sup>

Já no início da Legenda, ainda no princípio do processo de conversão Francisco ansiava estar entre os pobres e viver com eles. A narração da

---

<sup>222</sup> FF (LTC, capítulo 3, parágrafo 10, p. 653-654, grifo nosso).

hagiografia é carregada de mística e revelação ao longo da vida narrada pelos frades. Francisco é um homem “santo” muito antes da canonização. Desde sua vida dissoluta e frívola, já apresentava uma bondade ínfima.

A maior preocupação dos três companheiros era mostrar um Francisco santificado muito antes da canonização praticada pela Igreja. Na verdade para os companheiros, Francisco estava fadado à santidade e à pobreza evangélica, não como uma imposição, mas como uma opção.

Na mesma manhã, a mulher foi por acaso à igreja e vendo ali aqueles irmãos, tão devotos em oração, disse consigo mesma: "Se estes homens fossem vagabundos e ladrões, como o meu marido afirmava, não estariam por tanto tempo aqui rezando devotamente". Enquanto assim refletia, certo homem, chamado Guido, distribuía esmola aos pobres que permaneciam naquela igreja.

Chegou-se a eles e fez menção de dar-lhes algum dinheiro como aos outros. Mas eles não quiseram receber. Então perguntou: "Por que vós, sendo pobres, não recebeis dinheiro como os outros?" Respondeu Frei Bernardo: "E verdade que somos pobres, mas para nós a **pobreza** não pesa tanto como para os outros pobres, pois por graça de Deus, cujo desígnio estamos cumprindo, nos fizemos pobres voluntariamente". O homem ficou admirado do que ouvia e perguntou-lhes se já tinham possuído algo. Responderam-lhe que haviam possuído riquezas, mas que por amor de Deus tudo haviam distribuído aos pobres. Tais respostas foram dadas pelo próprio Frei Bernardo, que ocupava o segundo lugar depois do bem-aventurado Francisco, a quem hoje verdadeiramente consideramos como pai santíssimo. Bernardo desde o início assumiu o compromisso de anunciar a paz e a penitência e andou nas pegadas do santo de Deus. Depois de vender tudo o que possuía em favor dos pobres, conforme o conselho de perfeição evangélica perseverou até o fim na santíssima **pobreza**.

A referida mulher, vendo que os irmãos não haviam aceito o dinheiro, aproximando-se disse-lhes que de boa vontade os receberia em sua casa, se quisessem lá se hospedar. Os irmãos humildemente responderam: "Deus vos recompense pela boa vontade". Mas Guido, ouvindo que os irmãos não haviam podido encontrar hospedagem, levou-os a sua casa e lhes disse: "Eis o lugar preparado por Deus para vossa hospedagem. Ficai aqui conforme vos aprouver". Eles, dando graças a Deus, permaneceram junto dele por alguns dias, edificando-o por seu exemplo e palavra, no temor de Deus, de tal maneira que, a seguir, ele deu muitas esmolas aos pobres.<sup>223</sup>

---

<sup>223</sup> FF (LTC, capítulo 10, parágrafo 39, p. 674-675, grifo nosso).

Essa pobreza voluntária era o grande diferencial da Ordem Franciscana em relação às ordens já existentes. A maioria das ordens anteriores aos franciscanos fazia voto de pobreza, mas viviam enclausurados nos conventos ou mosteiros, os frades viviam entre o povo, no convívio direto com o pobre e praticando a pobreza.

Essa “novitas”<sup>224</sup> franciscana gerou vários conflitos internos e externos. Questionamentos sobre a pobreza praticada pela Igreja e pelos seus membros, os frades surgiam como uma novidade para retornar ao verdadeiro cristianismo.

O texto hagiográfico da *Legenda dos Três Companheiros* mostra claramente esse apego à pobreza desde os primórdios da Ordem.

Depois que voltou a Assis, certa noite foi escolhido como líder pelos seus companheiros, a fim de que, segundo sua vontade, ordenasse os gastos<sup>225</sup>. Mandou, pois preparar um suntuoso banquete, como muitas outras vezes havia feito. Após a refeição saíram de casa; os companheiros iam na frente cantando pelas ruas da cidade, e ele, sendo líder, um pouco atrás sustentando na mão um bastão. Não ia cantando, mas meditando com atenção. E, de repente, o Senhor o visitou, e seu coração ficou repleto de tanta doçura, que não podia nem falar, nem se mexer, e era incapaz de sentir ou de ouvir outra coisa, a não ser aquela doçura que de tal modo o alienava do sentido carnal, que, como ele mesmo disse depois, mesmo se naquele momento fosse cortado em pedaços, não poderia mover-se daquele lugar.

---

<sup>224</sup> Vide: BONI, Andrea. **Novitas francescana nel suo essere e nel suo divenire**. Roma, 1998.

<sup>225</sup> Todos os dados referidos no início deste capítulo pelos Três companheiros são exatos. A. Fortini encontrou nos Arquivos da Comuna de Assis documentos que mostram, até o século XV-XVI, a existência, em Assis, de uma companhia de jovens cujos membros se reuniam para comer, beber e cantar. O chefe - ou o potestade - desta companhia era eleito e carregava um bastão como insígnia de seu poder por causa deste detalhe, a companhia era conhecida como "Companhia do bastão". O chefe tinha o poder de condenar um dos comensais a pagar as despesas do banquete. Mas, para se coibir abusos. Os Estatutos da Companhia determinavam que a despesa não devia ultrapassar 10 soldos, sob pena de uma multa de 25 libras. Parece que ao escolherem Francisco para "potestade" da Companhia, seus companheiros sabiam que ele como um grande senhor pagaria a conta. E em vez de fazer as despesas como ele entendesse, faziam-nas segundo o capricho deles. (Cf. A. Fortini. *Nuova vita di San Francesco*. Assis, 1959, 11, p. 115-129).

Os companheiros olharam para trás e o viram distanciado. Aproximando-se, repararam, espantados, que ele se transformava por assim dizer em outro homem. E perguntaram-lhe: "Em que estás pensando? Por que não nos segues? Por acaso pensas em casar-te?" Respondeu-lhes com viva voz: "Dissestes a verdade, eu estava pensando em escolher uma esposa, a mais nobre, a mais rica e mais bela que jamais vistes". Zombaram dele. Francisco disse isto não por si mesmo, mas inspirado por Deus; pois essa esposa era a verdadeira religião que abraçou, mais nobre, mais rica e mais bela que as outras por causa da pobreza.<sup>226</sup>

Sempre veremos os companheiros exortando a pobreza e os benefícios que ela trouxe para Francisco e para aqueles que a abraçaram de coração. A *Legenda dos Três Companheiros* chega a ser um tratado de como viver a pobreza de uma forma evangélica e franciscana. Talvez entre as hagiografias escolhidas para essa tese seja a mais radical em relação à pobreza.

A representação de um Francisco pobre e perfeito, devido à prática desta pobreza é uma constante ao longo do texto. Agora imagine a ação de um texto como esse sobre frades divididos e sem um líder que causasse a união da Ordem sob um mesmo caminho. A Ordem no ano de 1246 sofria de duras acusações de outras ordens sobre a "pobreza absoluta" eram chamados de hipócritas e falsos.

Porque após a morte de Francisco não conseguiam mais manter o ideário primitivo vivo e mais, começavam a ter cargos dentro do alto clero e os favores se tornavam uma constante entre os irmãos. Onde estava o franciscanismo das origens, onde estava a pobreza? Esses questionamentos assolavam a Ordem e seus membros, como resolver essa questão? Talvez uma nova hagiografia acalmasse os ânimos ou não? No caso desta *Legenda*, acho que só levou ainda mais dúvidas e rachas para a Ordem. Seu teor era controverso sobre a principal questão "pobreza".

Tomando consigo a Frei Egídio, o bem-aventurado Francisco dirigiu-se à Marca de Ancona. Os outros dois partiram para outra região. E caminhavam pela Marca de Ancona, exultando de alegria no Senhor, enquanto o santo homem, em voz alta e

---

<sup>226</sup> FF (LTC, capítulo 3, parágrafo 7, p. 651-652, grifo nosso).

clara, cantava em francês os louvores do Senhor, bendizendo e glorificando a bondade do Altíssimo. Andavam tão alegres como alguém que tivesse encontrado um grande tesouro no campo evangélico da Senhora **Pobreza**, por cujo amor haviam desprezado, voluntária e generosamente, todas as coisas temporais, considerando-as como esterco. Disse pois o santo a Frei Egídio: "A nossa Ordem será semelhante a um pescador que atira as suas redes na água e recolhendo nelas grande multidão de peixes deixa os pequeninos na água e coloca os grandes nos cestos". Desta forma profetizou como a Ordem se espalharia.

Embora o homem de Deus ainda não pregasse propriamente ao povo, contudo, quando passava pelas cidades e aldeias, exortava a todos a amar e a temer a Deus e a fazer penitência dos pecados. Frei Egídio admoestava os ouvintes a que aceitassem as palavras de Francisco, pois eram ótimos os conselhos que lhes dirigia.<sup>227</sup>

A origem dos frades estava na absoluta pobreza e no bem estar que esta despertava neles. Para Leão, Rufino e Ângelo, a pobreza era a base da vida e obra de Francisco. Só poderia alcança - lá quem renunciasse às frustrações da "vida secular" para viver a "vida evangélica" de uma forma plena. Nos 18 capítulos desta hagiografia vemos uma busca frenética de Francisco e seus companheiros pela "perfeição evangélica", que podemos definir como "pobreza". Também temos o relato da repugnância que o dinheiro causava em Francisco e o quanto ele perseverou para que seus frades ficassem longe do dinheiro.

Depois de alguns dias, achegaram-se a eles outros três homens de Assis: Sabatino, Mórico e João de Capela, suplicando ao bem-aventurado Francisco para que os recebesse como irmãos. Ele os acolheu humilde e benignamente.

Mas andando pela cidade pedindo esmolas, quase nada recebiam, antes eram injuriados pelas pessoas que diziam terem eles deixado seus bens para comer os dos outros. E assim sofriam a máxima penúria. Seus parentes e consanguíneos também os perseguiram, e os outros da cidade os escarneciam como insensatos e estultos, porque naquele

---

<sup>227</sup> FF (LTC, capítulo 9, parágrafo 33, p. 670-671, grifo nosso).



tempo ninguém deixava seus bens para pedir esmolas de porta em porta.

O bispo da cidade de Assis, a quem freqüentemente o homem de Deus procurava para se aconselhar, recebeu-o benignamente e disse-lhe certa vez: "Vossa vida parece-me dura e áspera, sem os recursos dos bens temporais". Ao que o santo respondeu: "Senhor, se possuíssemos haveres, ser-nos-iam necessárias armas para nossa proteção. Pois é daí que surgem litígios e contendas que de muitas maneiras costumam impedir o amor de Deus e do próximo. Portanto, neste século não queremos possuir nada de temporal". Muito agradou ao bispo a resposta do homem de Deus, que desprezara todas as coisas transitórias e especialmente o dinheiro. Tanto as desprezou, que em todas as suas Regras muito recomendava a pobreza, querendo que todos os irmãos evitassem o dinheiro com todo o empenho.

Compilou, de fato, várias Regras e experimentou-as antes de redigir a última que legou aos irmãos. Numa delas, disse, como execração do dinheiro: "Nós que tudo deixamos, guardemo-nos de perder o reino dos céus por coisa tão mesquinha. E se encontrarmos dinheiro em algum lugar dele não façamos conta mais do que da poeira que calcamos aos pés".<sup>228</sup>

Encontramos na Legenda um retorno velado aos últimos apelos realizados por Francisco em seu "Testamento", quando implora para que preservem a pobreza, não recebam dinheiro, não possuam bens e se afastem das tentações ao longo do caminho. O "Testamento" é o último documento escrito por Francisco pouco antes de sua morte, considerado como uma das fontes mais reveladoras dos ideários franciscanos. Nele encontramos uma narração apelativa e ao mesmo tempo autoritária de Francisco para tentar levar os frades a um retorno para tudo o que mais ansiava para sua Ordem. Ao compararmos a "Legenda dos Três Companheiros" com o "Testamento" vemos uma narração que anseia pelo retorno às origens de uma forma extremamente apelativa e contundente.

Dentre as Fontes Franciscanas escolhidas para a pesquisa é sem dúvida a mais próxima das origens franciscanas, onde encontramos ainda vivo o cristianismo primitivo. As outras hagiografias são mais cuidadosas ao se

---

<sup>228</sup> FF (LTC, capítulo 9, parágrafo 35, p. 671-672, grifo nosso).

referir à pobreza na vida de Francisco. Os três companheiros não apresentam essa preocupação ao narrar os fatos na hagiografia.

Pouco seria honrar o santo de Deus apenas com objetos inanimados. Por isso o Senhor realizou inúmeras conversões e curas através do santo que, embora morto em seu corpo, vivia em espírito na glória. Tanto foi assim que pelos méritos de São Francisco muitas pessoas indiferentes de ambos os sexos, grandes e nobres com seus filhos, tomaram o hábito da Ordem após terem enviado aos mosteiros das damas pobres suas esposas e filhas.

Da mesma forma muitos homens sábios e letrados, leigos e clérigos prebendados, desprezando os atrativos da carne e a impiedade, e renunciando radicalmente aos desejos deste século, entraram na Ordem dos menores, conformando-se em tudo, segundo a medida da graça de Deus, à **pobreza** e aos vestígios de Cristo e de seu servo, o bem-aventurado Francisco.

A respeito de Francisco, que com toda certeza vive para sempre na vida da glória, se pode, portanto, com toda a razão afirmar o que se escreveu de Sansão: morrendo, matou muito mais do que matara enquanto vivia. A essa glória nos conduza, pelos méritos de nosso santíssimo Pai Francisco, aquele que vive e reina nos séculos dos séculos.<sup>229</sup>

Assim se encerra a *Legenda dos Três Companheiros* com mais um apelo para que os frades não se perdessem em coisas vãs e mantivessem sempre a memória de Francisco viva através de seus atos. A pobreza como uma “graça” concedida por Deus para a Ordem. E seria um desrespeito a Francisco se os frades deixassem de seguir seus ensinamentos e seu modo de vida. Fazem inclusive uma analogia com Sansão, que ao ter seus cabelos cotados perdeu sua força e desonrou os cristãos. Os frades que porventura não mantivessem os ideários de Francisco estariam matando sua alma e tudo que ele deixara.

---

<sup>229</sup> FF (LTC, capítulo 18, parágrafo 73, p. 697, grifo nosso).

### 3.3 *Legenda Maior* de Boaventura de Bagnoregio<sup>230</sup>



Figura 4 – *Legenda Maior*.

Boaventura escreve uma das hagiografias mais controversas da História Franciscana, não por seu caráter narrativo, mas pelo que gera sua escrita dentro e fora da Ordem. Boaventura ao escrever a *Legenda Maior* era Ministro Geral da Ordem e assume o comando diante de conflitos graves na estrutura da Ordem.

Os frades encontram-se divididos entre aqueles que defendiam o franciscanismo das origens e outro grupo que visava um crescimento econômico da Ordem. Caso mantivesse o ideário de Francisco e tudo o que solicitou ainda em vida, não poderiam assumir cargos eclesiásticos e nem mesmo receber nenhum tipo de dinheiro ou bem material, a não ser o necessário para viver (segundo a tradição franciscana primitiva<sup>231</sup>). Para uma

<sup>230</sup> João Fidanza conhecido como São Boaventura, foi versado em Teologia e Filosofia, participou das grandes discussões teológicas entre franciscanos e dominicanos. Escreveu várias obras defendendo a “pobreza franciscana” da acusação de mentirosa e falsa. Podemos citar: “Apologia dos Pobres” e “Questões disputadas sobre a perfeição evangélica”. Dentro da Ordem é tido como o “Doutor Seráfico”.

<sup>231</sup> FF (RB, capítulo 2, p. 132). Francisco determina na Regra: “Aqueles que querem abraçar esta vida, devem receber duas túnicas, sem capuz, cordão, calças, caparão que vá até o cingulo” estas determinações se encontram na Regra Bulada dos Frades Menores.

Ordem nas proporções que os franciscanos tomaram seria muito duro viver segundo os ideais de Francisco.

A *Legenda Maior* na visão de Boaventura seria um divisor de águas, antes uma infinidade de biografias que geravam conflitos entre os frades e desconfiança do clero, agora uma biografia definitiva e oficial para ser lida e divulgada como a única verdadeiramente legítima e a representação mais fiel de Francisco. Na apresentação da nova hagiografia no ano de 1263, no Capítulo de Pentecostes, Boaventura ordenou a apreensão de todas as hagiografias anteriores referentes ao “santo” para que fossem queimadas e a sua se tornasse a única biografia de Francisco. Era uma tentativa desesperada de realizar novamente uma unificação da Ordem em torno de uma única imagem de Francisco e que evitasse ainda mais conflitos na Ordem.

Sua obra está dividida em um Prólogo, 15 capítulos e um apêndice com milagres (vide anexo 3). O livro não pode ser entendido como uma narrativa histórica atual. Além do mais, ele parece querer tirar Francisco das contingências históricas e colocá-lo fora do tempo.

Pode ter sido influenciado por sua fonte principal, a Vida II de Celano, mas ele mesmo diz: "A história nem sempre segue a ordem cronológica dos fatos. A fim de evitar confusão, preferi ser mais sistemático. Por isso, ora agrupei acontecimentos que se deram em tempos diferentes, mas se referiam a assuntos semelhantes, ora separei outros que ocorreram ao mesmo tempo, mas se referiam a assuntos diferentes"<sup>232</sup>.

Mesmo afirmando que visitou os lugares em que o santo viveu e que conversou com pessoas do seu tempo, a maior parte dos fatos narrados pela *Legenda Maior* são tirados de Celano. Também utiliza citações do *Anônimo Perusino* e várias citações do Evangelho, para justificar Francisco como “o anjo do sexto selo”.

Para compreendermos melhor a obra de São Boaventura, vale ressaltar que foi escrita em um momento em que muitos frades eram acusados de

---

<sup>232</sup> SILVEIRA, Ildefonso; REIS, Orlando dos (Org.). **São Francisco de Assis: escritos e biografias de São Francisco de Assis; crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscanos**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 463.

"joaquimistas". Joaquim de Fiore foi um abade do sul da Itália, que viveu de 1135 a 1202. Ficou muito conhecido por suas profecias, em que dividia a história em grandes eras: A Era do Pai abrangia todo o tempo antes de Cristo. A Era do Filho devia chegar até 1260. A Era do Espírito Santo começaria em 1260.<sup>233</sup>

No último decênio antes de 1260, os religiosos estavam entusiasmados com essa proposta. Principalmente, os mais radicais (no interior da Ordem) exageravam no seu apego ao passado da Ordem e na vida praticada pelos primeiros frades. Pregavam uma retomada da Regra não Bulada de 1221, que para eles "seria a única verdadeira e pura", ainda não apresentava as várias sanções que seriam impostas ao longo da história franciscana. O "Testamento" também possuía um peso grande nas ideias dos mais radicais, apresentava a essência do franciscanismo e do ideário de Francisco. O "Testamento" era apenas simbólico e o que continha não guiava a vida de um frade.<sup>234</sup>

Boaventura pretendia com sua hagiografia romper as barreiras impostas pelos mais radicais e mostrar um Francisco atemporal, ou seja, fora de todas essas questões impostas pelo tempo e pelo crescimento exagerado da Ordem. Assim coube a ele realizar uma nova biografia de Francisco.

Apresentando Francisco como "Anjo do sexto Selo", Boaventura faz dele a figura central dessa história. Na *Legenda Maior*, Francisco é apresentado como "homem do outro mundo", "quase angelical", o "angélico Francisco". Bem diferente da *Legenda dos Três Companheiros*, onde percebemos uma preocupação em mostrar não apenas Francisco, mas também a sua vivência com seus companheiros.<sup>235</sup>

A obra de Boaventura está carregada de influências do autor e de seu tempo, os conflitos gerados pelos frades mais radicais se refletem em sua obra, que acaba por se tornar muito distante da representação do verdadeiro

---

<sup>233</sup> FALBEL, Nachman. Os espirituais franciscanos. São Paulo: Perspectiva, 1995. p. 49-77.

<sup>234</sup> FALBEL, op. cit., p.

<sup>235</sup> URIBE, op. cit., 226-236.

Francisco. Mas ao contrário do que possa se imaginar, a “pobreza” é uma constante na obra de Boaventura.<sup>236</sup>

A graça de Deus nosso Salvador manifestou-se nos últimos tempos em seu servo Francisco a todos os verdadeiros amantes da humildade e da santa **pobreza**. Nele podemos contemplar a superabundante misericórdia divina, ao mesmo tempo que somos incitados a renunciar à impiedade e à concupiscência deste mundo, experimentando com insaciável desejo uma sede de viver em conformidade com Cristo e com a santa esperança. Verdadeiramente pobre e penitente era ele, mas o Deus altíssimo voltou-se para sua pessoa com tão benigna condescendência, que não só o ergueu do pó da indigência e da vida mundana, como também o constituiu discípulo, guia e arauto da **perfeição evangélica**. Como um luzeiro ergueu-o para todos os que crêem, a fim de que, dando ele próprio testemunho da luz, preparasse ao Senhor os corações dos fiéis nas veredas da luz e da paz. Como estrela d'alva que brilha entre as nuvens (Eclo 50,8), ele orientou para a luz, com o clarão de sua vida e doutrina, aqueles que jaziam nas trevas e na sombra da morte. E como o arco-íris refulge entre as nuvens luminosas, mensageiro da verdadeira paz, portador do sinal de nossa aliança com o Senhor, anunciou aos homens a paz e a salvação, e foi designado por Deus, à imagem e semelhança do precursor, para que, preparando no deserto o caminho da mais alta **pobreza**, pregasse a penitência pelo exemplo e pela palavra.

Dotado antes de tudo dos dons da graça celeste, enriquecido sucessivamente pelos méritos de infinita virtude, repleto do espírito de profecia, **predestinado para um ministério angélico**, totalmente abrasado do fogo seráfico e arrebatado por um carro de fogo, depois de haver percorrido todos os graus da santidade, veio até nós "no espírito e no poder de Elias" (Lc 1,17), como demonstra sobejamente a sua vida. Por isso se pode afirmar que ele prefigura o anjo que sobe do oriente carregando o selo do Deus vivo, conforme a predição verídica do outro amigo do Esposo, o apóstolo e evangelista São João: "Ao abrir-se o sexto selo, vi outro anjo subindo ao nascente carregando o selo do Deus vivo." (Ap 7,12).<sup>237</sup>

Já no prólogo constatamos a preocupação de Boaventura em afirmar a predestinação de Francisco a fundar uma Ordem a serviço de Deus. A mística boaventuriana é uma constante no decorrer da obra. Constrói sua narração dando a Francisco qualidades angelicais ao longo de sua caminhada terrena. E a pobreza é uma confirmação dos dons divinos que Francisco adquiriu na sua

<sup>236</sup> FALBEL, op. cit., p. 103.

<sup>237</sup> FF (LM, prólogo, parágrafo 1, p. 461-462, grifo nosso).

caminhada. Boaventura realmente crê que Francisco é o “anjo do sexto selo” e desenvolveu sua narrativa para confirmar suas crenças.

Na verdade sua hagiografia não foge muito do modelo praticado durante quase toda a Idade Média, edificação do leitor e demonstração das características humanas e divinas do biografado. A grande novidade de sua obra seria a vinculação de Francisco ao “anjo do sexto selo”, profetizado por Joaquim de Fiore em suas profecias. Verificamos isso no decorrer da análise da biografia.

Tua primeira visão se realizou, anunciando que serias um dos chefes do **exército de Cristo**, munido pelo céu com as armas da cruz. A visão que tiveste de Jesus crucificado se realizou e foi aí que uma espada de dor traspassou tua alma; e também se realizou aquela visão em que ouviste a voz que vinha da cruz como do trono e do altar onde Cristo residia, como tu mesmo disseste, e nós cremos sem hesitar. Realizou-se a visão de Frei Silvestre: a cruz maravilhosa que saía de tua boca. Como também a de Frei Pacífico: as duas espadas cruzadas que traspassavam teu corpo; e a do angélico Frei Monaldo, que te viu elevado no ar, braços em cruz, durante o sermão de Santo Antônio sobre o título que encima a cruz: visões essas que não eram imaginações mas revelações do céu e às quais damos nossa fé mais irrestrita. Realizou-se enfim essa visão simultânea de um sublime serafim e de um humilde crucificado que, abrasando tua alma de amor e marcando teu corpo com estigmas, transformou-te no segundo anjo que sobe do Oriente e leva o sinal do Deus vivo (Ap 7,2); ela confirma as anteriores e delas recebe um testemunho acrescido. Sete vezes, portanto, a cruz de Cristo aparece a teus olhos ou é revelada em tua pessoa aos olhos de teus companheiros. As seis primeiras eram como degraus para chegares à sétima na qual enfim repousaste. Essa cruz de Cristo, efetivamente, te foi proposta no início de tua conversão e a aceitaste. Levaste-a continuamente em seguida durante tua vida de perfeição e deste dela um exemplo aos outros. E agora ela nos mostra com tal evidência tua chegada ao cume da **perfeição do Evangelho**, que nenhum homem verdadeiramente religioso poderá rejeitar, nenhum homem realmente fiel poderá atacar, nenhum homem efetivamente humilde poderá desprezar essa prova da sabedoria cristã escrita em tua carne. Ela é digna de nosso respeito e de nossa fé, pois é obra do próprio Deus.<sup>238</sup>

---

<sup>238</sup> FF (LM, capítulo 13, parágrafo 10, p. 562-563, grifo nosso).

Francisco é investido da forma angelical na recepção dos estigmas, Boaventura consolida sua visão profética do seu biografado. “O anjo do sexto selo” torna-se uma realidade na visão mística de Boaventura. Utiliza seus conhecimentos de mestre para criar um clima de nascimento de um “anjo” pautado nas profecias joaquimistas.

Entenda-se pelo termo joaquimismo o conjunto de ideias e teorias do Abade Joaquim de Fiore, e por joaquimitas os seus seguidores. Historiadores da Ordem também mencionam frades “espirituais”, que às vezes confundem com joaquimitas. Diríamos que eram da ala direita, rigoristas que se opunham ao grosso da Ordem, nem todos eram joaquimitas.<sup>239</sup>

Dessa forma, constatamos que, ao escrever sua obra depara-se com uma infinidade de fontes para consulta, principalmente, as hagiografias anteriores a dele, mas não se preocupa em demonstrar que consultou outras fontes. Vejamos, no prólogo, o que diz:

Desejando ter plena certeza da verdade de sua vida e uma visão bem clara a respeito dela, antes de deixá-la por escrito à posteridade, dirigi-me à terra natal e aos lugares em que ele viveu e morreu. Pude aí encontrar-me com alguns de seus amigos mais achegados que ainda viviam e entrevistá-los demoradamente, sobretudo aqueles que tiveram experiência de primeira mão de sua santidade e que procuraram imita-lo. Na descrição, porém, daquilo que Deus se dignou realizar por meio de seu servo, resolvi **evitar o estilo literário afetado**, pois ao leitor devoto aproveita mais a palavra simples do que a eloquência rebuscada. A história nem sempre segue a ordem cronológica dos fatos. A fim de evitar confusão, preferi ser mais sistemático. Por isso, ora agrupei acontecimentos que se deram em tempos diferentes, mas se referiam a assuntos semelhantes, ora separei outros que ocorreram ao mesmo tempo, mas se referiam a assuntos diferentes.<sup>240</sup>

Temos à nossa frente uma representação de um Francisco idealizado para romper as barreiras da resistência dos mais radicais e mostrá-lo como

<sup>239</sup> SILVEIRA, Ildelfonso. **O passado interroga São Francisco**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 11.

<sup>240</sup> FF (LM, prólogo, parágrafo 4, p. 463, grifo nosso).



uma figura ímpar, um indivíduo maior que qualquer discussão a favor deste ou daquele grupo.

Para os frades um homem atemporal e, portanto sem ideário, mas com uma proposta universal de ser um exemplo da vida cristã. Simples e sem conflitos. Também não podemos deixar de ressaltar na obra de Boaventura a obediência.

Naquela noite, enquanto dormia, Deus em sua bondade mostrou-lhe em visão magnífica um grande palácio de armas que levavam a cruz de Cristo marcada nos brasões. Mostrava-lhe assim que a gentileza que ele praticara com o pobre cavaleiro por amor ao Grande Rei seria recompensada de modo incomparável. Perguntou Francisco para quem era tudo aquilo. E uma voz do céu lhe respondeu: "Para ti e teus soldados". Ainda não tinha experiência em interpretar os divinos mistérios e ignorava a arte de ir além das aparências visíveis até as realidades invisíveis. Por isso estava convencido, ao acordar, que essa estranha visão lhe garantia um imenso sucesso para o futuro. Entregue a essa ilusão, decide alistar-se no exército de um conde, grande senhor da Apúlia, na esperança de conquistar, sob suas ordens, essa glória militar que lhe prometia aquela visão.

Põe-se a caminho e chega à cidade seguinte. Durante a noite ouve o Senhor lhe dizer em tom familiar: "Francisco, quem pode fazer mais por ti: O senhor ou o servo, o rico ou o pobre?" Francisco responde que é o senhor e o rico, evidentemente. E o Senhor lhe retruca: "Por que então deixas o Senhor para te dedicares ao servo? Por que escolhes um pobre em vez de Deus que é infinitamente rico?" "Senhor, responde Francisco, que quereis que eu faça?" E Deus lhe disse: "Volta para tua terra, pois a visão que tiveste prefigura um acontecimento totalmente espiritual que se realizará não da maneira como o homem propõe, mas assim como Deus dispõe". De manhã, Francisco tratou de voltar para Assis. Estava sobremodo alegre e o futuro não lhe dava preocupação; era já um modelo de **obediência** e aguardou a vontade de Deus.<sup>241</sup>

Já no início deparamos com a obediência na vida de Francisco e posteriormente na Ordem. Sendo proposta como uma regra para se chegar a "perfeição evangélica" tão almejada pelos frades. Um conceito leva ao outro, e a pobreza aparece como consequência dessa busca evangélica.

---

<sup>241</sup> FF (LM, capítulo 1, parágrafo 3, p. 466, grifo nosso).

Entre outros dons e carismas que o Doador de todos os bens concedeu a Francisco, houve um privilégio singular: o de crescer nas riquezas da simplicidade através do amor pela altíssima **pobreza**. Considerando o santo que esta virtude havia sido familiar ao Filho de Deus e vendo-a quase desterrada do mundo, quis torná-la sua esposa, amando-a com amor eterno, e por ela não só deixou pai e mãe, mas generosamente distribuiu tudo quanto possuía. Ninguém foi tão ávido de ouro quanto o foi Francisco da **pobreza** e ninguém pôs tanto cuidado em guardar seus tesouros como o foi ele em conservar tão preciosa pérola. Por isso nada o ofendia tanto como ver em seus irmãos qualquer coisa que não estivesse inteiramente de acordo com a **pobreza**. E na verdade, o santo, desde o início de sua vida religiosa até a morte, possuiu estas riquezas: a túnica, o cordão e as roupas de baixo; e vivia contente. Muitas vezes recordava, sem poder conter as lágrimas, a **pobreza** de Cristo e de sua Mãe. Afirmava que esta é a rainha das virtudes, porque a vemos brilhar com pleno fulgor mais do que todas as outras, no Rei dos reis e na Rainha sua Mãe<sup>242</sup>. Por essa razão, certa vez, reunidos os irmãos e tendo-lhe um deles perguntado qual a virtude mais apropriada do que qualquer outra para se captar a perfeita amizade de Cristo, respondeu como quem descobre um segredo íntimo do coração: "Sabei, irmãos, que a **pobreza** é o caminho mais seguro para a salvação, como fundamento que é da humildade e raiz de toda perfeição, e seus frutos, embora ocultos, são múltiplos e abundantíssimos. Essa virtude é aquele tesouro evangélico escondido no campo; para comprá-lo se deve vender tudo e por seu amor desprezar tudo o que não se pode vender".<sup>243</sup>

O mais interessante da obra de Boaventura é que mesmo sendo uma biografia de cunho pacifista (acalmar os ânimos dos mais radicais), a "pobreza" aparece diversas vezes ao longo do texto, dando-nos a idéia de que a pobreza é à base do ideário de Francisco. Porém, ele reforça a condição da Igreja como a verdadeira representante desta pobreza cristã.

O servo de Deus entregou-se imediatamente à oração fervorosa e com suas humildes súplicas obteve do Senhor que lhe revelasse o que deveria falar ao Pontífice e que este sentisse em seu íntimo os efeitos da inspiração divina. Como Deus lhe havia sugerido, contou ao Pontífice a parábola de um rei muito rico que, feliz, desposara uma bela senhora pobre e dela tivera vários filhos com a mesma fisionomia do rei, pai

---

<sup>242</sup> Francisco sempre se refere à **pobreza** da Santíssima Virgem ao se referir à de Jesus. (Grifo nosso).

<sup>243</sup> FF (LM, capítulo 7, parágrafo 1, p. 507, grifo nosso).

deles, e que por isso foram educados em seu palácio. E acrescentou à guisa de explicação: "Não há nada a temer que morram de fome os filhos e herdeiros do Rei dos céus, os quais, nascidos por virtude do Espírito Santo, à imagem de Cristo Rei, de uma mãe pobre, serão gerados pelo **espírito da pobreza numa religião sumamente pobre**. Pois se o Rei dos céus promete a seus seguidores a posse de um reino eterno, quanto mais seguros podemos estar de que lhes dará também todas aquelas coisas que comumente não nega nem aos bons nem aos maus!" O Vigário de Cristo ouvira com muito interesse a parábola e sua explicação; estava maravilhado e já não duvidava de que Cristo havia falado pela boca deste homem. Tivera, aliás, pouco tempo antes uma visão em que o Espírito de Deus lhe mostrara a missão a que Francisco estava destinado. De fato, vira em sonho a basílica do Latrão prestes a ruir e um homem pobrezinho, pequeno e de aspecto desprezível, que a sustenta com os ombros para não cair. E concluiu o Pontífice: "Este é, na verdade, aquele que com seu exemplo e doutrina há de sustentar a **santa Igreja de Deus**". Por essa razão anuiu benignamente ao pedido do santo, e daí em diante o teve sempre em grande estima. Concedeu-lhe, pois o que pedia, prometendo-lhe conceder muito mais para o futuro. Aprovou também a Regra e deu-lhe a missão de ir por todo o mundo pregar a penitência. Mandou igualmente impor tonsuras em todos os leigos companheiros de Francisco para lhes permitir pregar a palavra de Deus sem empecilhos<sup>244</sup> <sup>245</sup>.

Devemos lembrar que a "Legenda Maior" é uma hagiografia oficial e por esta razão o discurso estará sempre vinculado à Igreja. Boaventura como Ministro Geral da Ordem dos Frades Menores era o responsável em promover o bem estar entre os frades e a Igreja, condenando os desvios e a desobediência. Isso será presente em sua obra.

O homem de Deus detestava a soberba, origem de todos os males, e a desobediência, filha da soberba; mas estava sempre disposto a acolher toda atitude humilde de penitência e arrependimento. Certa vez, apresentaram-lhe para o justo castigo um irmão acusado de desobediência. Por sinais que não o enganavam, o homem de Deus percebeu que o irmão estava sinceramente arrependido e imediatamente se dispôs ao perdão, tanto amava ele a humildade. Todavia, para evitar que a facilidade do perdão fosse para os outros um incentivo para faltarem, ordenou que lhe tirassem o capuz e o lançassem às chamas. Cumpria mostrar a todos o rigor que merecem as

<sup>244</sup> A tonsura transformava-os em clérigos, quer dizer, subtraía-os da Jurisdição dos príncipes, colocando-os sob a da Igreja.

<sup>245</sup> FF (LM, capítulo 3, parágrafo 10, p. 480-481, grifo nosso).

faltas à obediência. Depois de algum tempo mandou que retirassem do fogo o capuz para restituí-lo ao irmão, humilde e arrependido. Retiraram então o capuz do meio do fogo. E que maravilha! O capuz não tinha o menor sinal de queimadura! Deus assim demonstrava com um só milagre a virtude do santo e a humildade do penitente.

A humildade de Francisco merece pois ser Imitada. Ele conseguiu tal mérito ainda neste mundo que fez o próprio Deus condescender com seus desejos, mudou os afetos do coração humano, reprimiu com seu poder a presunçosa malícia dos demônios e, com apenas um gesto de sua vontade, apagou a voracidade das chamas. Esta virtude é, na verdade, a que, exaltando os homens, obriga ao humilde a dar a todos o merecido respeito e faz, por outro lado, que todos o honrem e glorifiquem.<sup>246</sup>

Cabe aqui, ressaltar que a *Legenda Maior* é uma obra hagiográfica realizada em contexto específico que acabou por obrigar Boaventura a ser extremamente radical em sua argumentação para torná-la mais convincente aos olhos do seu leitor (os frades). Tenta de todas as maneiras mistificar a fundação da Ordem e criar em torno de Francisco uma determinação angelical para legitimar sua figura e claro sua Ordem. Talvez isso levasse a uma diminuição dos conflitos existentes em torno da Ordem e principalmente em relação ao que realmente Francisco almejava para os frades.

Boaventura era um homem extremamente culto e versado nas letras, escrever para ele não era uma árdua tarefa como afirma no prólogo da legenda. A nosso ver a grande questão era como convencer, para esse propósito ele utiliza a mística e a idealização de Francisco atemporal e angelical.

Muito antes de se converter, para Boaventura “Francisco já era angelical nas ações e realizações”. Sua preocupação em torná-lo o “anjo do sexto selo” e confirmar sua predestinação, talvez possa tê-lo levado a se perder ao longo da narrativa, que acaba por ser incisiva na pobreza e na união da Ordem com a mesma. Sua narrativa se mostra falha em vários pontos e uma repetição do que encontramos em 1C e 2C. Mesmo que o autor afirme que não consultou outras hagiografias e se pautou apenas em depoimentos dos companheiros

---

<sup>246</sup> FF (LM, capítulo 6, parágrafo 11, p. 506, grifo nosso).

que ainda se encontravam em condições de contribuir com a narrativa hagiográfica.

E dizia: "Quem pretende chegar ao cume da pobreza deve renunciar não somente à prudência segundo o mundo, mas também às letras e às ciências; assim despojado daquilo que ainda é uma forma de posse, proclamará o poder do Senhor (cf. Si 73,15-16) e se oferecerá nu ao abraço do Crucificado. Aquele que guarda sua reserva de amor-próprio no íntimo do coração ainda não renunciou inteiramente ao mundo". Em seus sermões aos irmãos sobre a pobreza, muitas vezes citava esta passagem do Evangelho: "As raposas têm suas covas e os passares seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça" (Mt 8,20). Concluía daí que os irmãos não devem construir senão casas pequenas e pobres, como os pobres fazem, nem se instalar nelas como proprietários mas comportar-se como peregrinos e estrangeiros na casa dos outros. Ser peregrino, dizia ele, é ser recebido na casa dos outros, ter nostalgia da pátria e irradiar a paz à sua passagem. Mandava mesmo derrubar casas já construídas ou fazia sair delas os irmãos, quando as considerava contrárias à pobreza evangélica por terem Os irmãos aceito a propriedade delas ou exagerado seu conforto. Para ele a **pobreza** era a pedra fundamental da Ordem, fundamento de todo esse edifício que permanecerá sólido enquanto ela for sólida e se um dia ela desaparecer, ficará completamente destruído.<sup>247</sup>

A narrativa boaventuriana se pauta nos conhecimentos prévios do autor. Sua mística esta presente de forma incisiva ao construir a história de Francisco em torno de sua caminhada para se tornar o "anjo do sexto selo". Vários autores definem Boaventura como o homem que muda os rumos da Ordem, até meados do século XIX a imagem de Francisco era a idealizada por Boaventura.

Isso necessariamente não significa que ele tenha conseguido frear os ímpetos dos frades mais radicais, pelo contrário acabou por gerar ainda mais dúvidas sobre o real ideal de pobreza praticado pelo "santo". O Francisco de Boaventura era muito mais próximo da pobreza do que o de Tomás de Celano, por exemplo. Basta vermos a quantidade de vezes que Boaventura usa a palavra "pobreza", 49 vezes ele utiliza esse conceito em sua hagiografia para

---

<sup>247</sup> FF (LM, capítulo 7, parágrafo 2, p. 508, grifo nosso).

construir um Francisco angelical e atemporal. Já em Vita Prima a palavra “pobreza” aparece apenas 15 vezes e mais uma vez em uma nota explicativa à hagiografia. A utilização do conceito de pobreza a está relacionado às ações cotidianas de Francisco em relação aos seus irmãos como exemplos a serem seguidos.

Assim, podemos pensar na real intenção de Boaventura ao escrever sua obra, ou seja, acabar de uma vez por todas com as dúvidas sobre o teor sagrado de Francisco e de sua Ordem. Também utiliza outro recurso hagiográfico um excesso de citações bíblicas para reforçar e legitimar sua construção (apóia-se nos Evangelhos para tornar seu texto mais “sagrado”, como ele mesmo fala “foi inspirado por Ele”). Nada mais convincente que trechos bíblicos para reforçar a idéia de um Francisco predestinado a ser “anjo”. Veja um trecho que reforça nossa constatação:

A **humildade**, defesa e ornamento de todas as virtudes, havia cumulado o homem de Deus de bens superabundantes. Aos próprios olhos, era apenas um pobre pecador. Na realidade, porém, era o espelho resplendente de toda santidade. Como um arquiteto prudente (cf. 1Cor 3,10), que começa pelas fundações, ele se empenhou de corpo e alma a construir unicamente sobre a humildade, conforme aprendera de Cristo. "O Filho de Deus, dizia ele, deixando o seio do Pai, desceu das alturas do céu até a nossa miséria para nos ensinar a **humildade**, Ele, que é o Senhor e o Mestre, tanto pelo exemplo quanto pela palavra". Por isso, como verdadeiro discípulo de Cristo, procurava diminuir-se aos próprios olhos e dos demais, recordando as palavras do Mestre: "O que para os homens é estimável, é abominável perante Deus" (Lc 16,15). E gostava de repetir esta máxima: "O homem é o que é diante de Deus, nem mais nem menos". Por isso considerava insensatez consumada envaidecer-se alguém com os favores do mundo, e conforme essa doutrina, se alegrava particularmente com as ofensas que recebia e se entristecia quando alguém o louvava. Pois preferia ouvir a seu respeito vitupérios e não louvores, sabendo que aqueles contribuíam eficazmente para sua própria emenda, enquanto os louvores poderiam causar-lhe algum dano à alma. Segundo esse princípio, quando as pessoas exaltavam sua elevada santidade, costumava ordenar a um dos irmãos que, sem receio, lhe dirigisse palavras de desprezo e humilhação. E quando o religioso, forçado pela obediência, o chamava de rústico, grosseiro, homem iletrado ou inútil para tudo, cheio de santa alegria, que se refletia em seu semblante, Francisco lhe respondia: "Bendiga-te o Senhor, meu filho, pois

és o único que dizes a verdade, e são estas as palavras que sempre deveria ouvir o filho de Pedro Bernardone".<sup>248</sup>

O apóstolo preferido de Boaventura era Mateus, que aparece 13 vezes na *Legenda Maior*, também utiliza outros trechos do Evangelho como: Lucas, Isaías, Coríntios, Eclesiásticos, Ezequiel, entre outros. Seu texto se apóia numa narrativa bíblica para narrar os passos de Francisco até se tornar “o anjo do sexto selo” e associa esse fato ao Tau<sup>249</sup> (símbolo cristão).

Cresciam cada dia mais em mérito os pobrezinhos de Cristo, e a fama de que gozavam se espalhou como um perfume, atraindo de todos os pontos da terra homens que queriam conhecer nosso bem-aventurado Pai. E até mesmo um poeta mundano, outrora coroadado pelo imperador e apelidado posteriormente “Rei das Canções”, desejou conhecer esse homem de Deus, de cujo desprezo pelo mundo todos falavam. Encontrou-o, por acaso, pregando num mosteiro de São Severino, e ali a mão do Senhor pousou sobre ele: viu Francisco, pregador da cruz de Cristo, atravessado por duas espadas brilhantes e postas em forma de cruz; uma delas descia da cabeça aos pés e a outra se dirigia, penetrando pelo peito, desde a extremidade de uma mão até a da outra. O poeta não conhecia a Francisco pessoalmente, mas percebeu que a pessoa que lhe aparecia naquele milagre não poderia ser outra. Ficou estupefato ante aquela visão que Deus lhe mostrava e imediatamente resolveu encetar uma vida mais santa; a palavra do santo levou-o à compunção, como se uma espada espiritual saindo de sua boca o tivesse traspassado. Por isso, desprezando todas as pompas e vaidades do mundo, uniu-se a Francisco e abraçou resolutamente seu gênero de vida, professando a Regra da Ordem. E como o Seráfico Pai muito se alegrou ao vê-lo convertido das iniquidades do mundo à tranquila paz de que gozam os verdadeiros discípulos de Cristo, quis que na Ordem fosse conhecido com o nome de Frei Pacífico. Muito santo se tornou Pacífico mais tarde; e antes de ir à França, em que foi o primeiro ministro provincial, foi agraciado por Deus com uma visão. Um grande Tau apareceu várias vezes na testa de Francisco, iluminando e adornando maravilhosamente a sua face com singular variedade de cores. E na verdade o santo nutria grande veneração e afeto pelo sinal Tau. E mesmo o recomendava muitas vezes por palavras e o escrevia de próprio punho sobre as cartas que enviava, como se sua missão consistisse, conforme a palavra do

<sup>248</sup> FF (LM, capítulo 6, parágrafo 1, p. 498-499, grifo nosso).

<sup>249</sup> “O texto bíblico que mais influenciou na formação do simbolismo penitencial e salvífico cristão do Tau foi o capítulo IX do livro do Profeta Ezequiel.” BIGI, Mariano. **O Tau**: um sinal, uma espiritualidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 29.

profeta, em "marcar com um Tau a fronte dos homens que gemem e choram" (Ez 9,4), convertidos sinceramente a Cristo.<sup>250</sup>

A crença de Boaventura na predestinação de Francisco e claro da Ordem (fadada a ser composta por anjos) crescem a cada capítulo da legenda. Mais adiante ele reforça a idéia da fundação de um exercito de Cristo, chefiado por Francisco.

Tua primeira visão se realizou, anunciando que serias um dos chefes do **exército de Cristo**, munido pelo céu com as armas da cruz. A visão que tiveste de Jesus crucificado se realizou e foi ai que uma espada de dor traspassou tua alma; e também se realizou aquela visão em que ouviste a voz que vinha da cruz como do trono e do altar onde Cristo residia, como tu mesmo disseste, e nós cremos sem hesitar. Realizou-se a visão de Frei Silvestre: a cruz maravilhosa que saia de tua boca. Como também a de Frei Pacífico: as duas espadas cruzadas que traspassavam teu corpo; e a do angélico Frei Monaldo, que te viu elevado no ar, braços em cruz, durante o sermão de Santo Antônio sobre o titulo que encima a cruz: visões essas que não eram imaginações, mas revelações do céu e às quais damos nossa fé mais irrestrita. Realizou-se enfim essa visão simultânea de um sublime serafim e de um humilde crucificado que, abrasando tua alma de amor e marcando teu corpo com estigmas, transformou-te no segundo anjo que sobe do Oriente e leva o sinal do Deus vivo (Ap 7,2); ela confirma as anteriores e delas recebe um testemunho acrescido. **Sete vezes**, portanto, **a cruz de Cristo** aparece a teus olhos ou é revelada em tua pessoa aos olhos de teus companheiros. As seis primeiras eram como degraus para chegares à sétima na qual enfim repousaste. Essa cruz de Cristo, efetivamente, te foi proposta no início de tua conversão e a aceitaste. Levaste-a continuamente em seguida durante tua vida de perfeição e deste dela um exemplo aos outros. E agora ela nos mostra com tal evidência tua chegada ao cume da **perfeição do Evangelho**, que nenhum homem verdadeiramente religioso poderá rejeitar, nenhum homem realmente fiel poderá atacar, nenhum homem efetivamente humilde poderá desprezar essa prova da sabedoria cristã escrita em tua carne. Ela é digna de nosso respeito e de nossa fé, pois é obra do próprio Deus.<sup>251</sup>

<sup>250</sup> FF (LM, capítulo 4, parágrafo 9, p. 487-488).

<sup>251</sup> FF (LM, capítulo 13, parágrafo 10, p. 562-563, grifo nosso).



Tudo na hagiografia de Boaventura nos leva a crer que Francisco era o “anjo do sexto selo”, “o escolhido por Cristo”, “angelical”, “o perfeito”. Termos que utiliza para designar Francisco ao longo da narrativa, fora estes encontramos muitos outros. Sua preocupação maior ao narrar a vida de Francisco foi mistificá-lo de maneira a não pairar dúvidas sobre sua predestinação divina e, por conseguinte de sua Ordem.

Não podemos deixar de pensar na situação conflitante pela qual passava a Ordem e seus membros no ano de 1263, quando Boaventura apresenta a Ordem a “nova vida”. Alguns anos antes no Capítulo de Narbonne em 1260; Boaventura elaborou as constituições de Narbonne, num esforço para manter a Ordem de acordo com a proposta do fundador.

Segundo Nachman,

pelas próprias constituições, vemos uma série de abusos difundidos que São Boaventura visou eliminar e que iam ao encontro das críticas dos Espirituais, mas que também revelam o desenvolvimento alcançado pela Ordem.<sup>252</sup>

Essas constituições foram uma ultima tentativa de manter a Ordem unificada, a legislação empregada por Boaventura não agrada a todos e acaba por gerar desconforto no interior da Ordem.

A hagiografia seria para Boaventura uma forma de novamente agregar os irmãos em prol de um único modelo de fundador, mais voltado para a conciliação do que para o conflito. Um Francisco “pacifista” e ao mesmo tempo norteador de homens e mentes. Sua hagiografia preocupa-se com a pobreza praticada e vivida por Francisco, como um exemplo a ser seguido pelos seus frades e utilizada como modelo de conduta para seus irmãos.

Talvez as críticas realizadas ao longo da história contra Boaventura tenham sido muito duras e não tenham visto a real intenção de seus gestos e ações. Quando ordena a destruição de todas as hagiografias anteriores, vemos

---

<sup>252</sup> FALBEL, Nachman. **Os espirituais franciscanos**. São Paulo: Perspectiva, 1995. p. 101.

nesse ato uma última tentativa de evitar várias leituras distorcidas sobre Francisco e seu ideal de pobreza. Uma única obra circulando entre os frades amenizaria essa situação, com apenas uma versão dos fatos e uma só pobreza idealizada, a pobreza boaventuriana.

#### 4. CONCLUSÃO

O trabalho de análise das hagiografias mostrou uma clara intencionalidade na escrita de tantas obras de um mesmo gênero num espaço temporal tão breve. Tomás de Celano por ser o primeiro contou com uma documentação mais vasta e recente sobre a obra e a vida de Francisco. Também vale ressaltar que a pressão sobre o que ele deveria ou não escrever na hagiografia era bem menor do que nos seus predecessores. Os conflitos eram mais brandos e menos visíveis dentro e fora da Ordem. Se realmente havia uma corrente de opositores ao crescimento sustentável da Ordem, isso não podemos afirmar com certeza, o que podemos salientar era que a Ordem crescia num ritmo acelerado e o ingresso de homens letrados trouxe com eles novas exigências para o interior da Ordem, e uma dessas necessidades era o estudo e com o conhecimento um gradativo afastamento da “pobreza vivida”.

No tempo de Celano isso não era tão visível, como nos dos outros hagiógrafos franciscanos. A tendência mais radical dos grupos que começavam a se formar era pouco contundente, como veremos nos anos que se seguiram. Para Celano “a pobreza era parte da doutrina de vida de Francisco e de seus frades” para nós esta dualidade pobreza/vida é clara na hagiografia, por essa razão a pobreza é mencionada exaustivamente sem nenhum constrangimento para o narrador que naquele momento ainda não sofria com as acusações que anos depois iria pesar sobre a Ordem. Mas, como já havia refletido não era um ponto de conflito na Ordem, havia apenas especulações menores sobre o “usus pauper”.

No decorrer de *Vita Prima* notamos que o conceito é empregado para reforçar a santidade e abnegação de Francisco. Ocorre uma associação do conceito de pobreza com outros complementares “castidade, caridade, humildade, abnegar, etc.” Porém isso não é o grande diferencial da sua obra, mas a colocação de Francisco como “novo Cristo”, que traz consigo a *novitas* franciscana.

A pobreza assume em Celano uma essencialidade, mesmo sendo uma obra oficial, o apego a origem franciscana se torna uma constante. “O tempo

em que os frades não temiam nada, porque o Senhor estava com eles, e ele provinha”.<sup>253</sup>

A crescente entrada de homens letrados na Ordem pode ser verificada na hagiografia de Celano que ao fazer a reconstrução de seu personagem “Francisco” deixa claro os cuidados que os superiores deveriam ter ao lidar com esse tipo de homem, cada vez mais comum na Ordem.

Tomás de Celano era um homem culto, como pode-se verificar ao longo da tese, mas também se mostrava preocupado com o afastamento cada vez maior dos frades do ideal franciscano, quando me refiro a esse ideal, me refiro a proximidade com a pobreza absoluta tão fortemente defendida por Francisco. Em vários momentos na hagiografia deparamo-nos com suas sutis repreensões sobre esse continuo afastamento da pobreza.

Grande era seu regozijo de nada verem, nem possuírem que os pudesse prender as coisas vãs e agradáveis aos sentidos. Por isso iniciaram aí sua aliança com a **santa pobreza** e, extraordinariamente consolados pela falta de todas as coisas que são do mundo, pensaram em ficar ali para sempre. Pondo de lado toda solicitude pelos bens terrenos, só lhes interessava a consolação de Deus. [...]<sup>254</sup>

Ao contrário de Sabatier que ao analisar a obra *Vita Prima* tentou descaracterizá-la dizendo se tratar de uma desvirtuada pelas influências eclesiásticas sobre a elaboração da mesma, nós vemos uma proximidade sem igual da obra com a pobreza absoluta tão reivindicada e vivida por Francisco.

Já na *Legenda dos Três Companheiros* notamos uma necessidade notória de afirmar as bases de quem foi e o que fez Francisco? Uma urgência imensa de demonstrar as bases conceituais do que praticava e acreditava o fundador da Ordem dos Frades Menores. Ninguém melhor para essa missão que os três companheiros mais presentes na vida de Francisco nos seus últimos anos de vida: Leão, Rufino e Ângelo. “A Carta de Grécio” marca a introdução dessa Legenda, e acaba por ser um apelo às origens, traz à tona

<sup>253</sup> FF (1C, capítulo 15, parágrafo 39, p. 207).

<sup>254</sup> FF (1C, capítulo 14, parágrafo 35, p. 203-204, grifo nosso).

um Francisco extremamente ligado aos companheiros, que tem na pobreza a base de conduta para a vida em comunidade. Ao lermos a *Legenda* sentimos que estamos dentro da Ordem e de frente para uma questão que para os franciscanos sempre foi conturbada a “pobreza”, qual pobreza é a ideal e qual pobreza é a que Francisco idealizou para seus frades?

Talvez nunca cheguemos, a saber, mas podemos levantar hipóteses para essa questão conflituosa. As hagiografias são o reflexo de uma necessidade inerente a Ordem, afirmar frente à Igreja e a própria Ordem que a pobreza é pensada e não mais vivida, a necessidade levou a esta conduta, não teria como manter uma Ordem com as proporções dos franciscanos, sem fazer uma remodelação da conduta praticada. Se antes viviam a pobreza, hoje pensam essa pobreza, em várias obras teológicas e filosóficas. E, as hagiografias são a afirmação mais contundente desta necessidade de mudança, várias foram escritas para mostrar a ruptura de uma mentalidade para outra, um Francisco que vive, mas que deseja que seus frades pensem e sintam essa pobreza, através da caridade, humildade, fraternidade, castidade, etc. Quando confrontamos os textos hagiográficos percebemos justamente essa mudança, da pobreza vivida em Francisco e pensada em seus frades.

Através das páginas da *Legenda dos Três Companheiros* a pobreza é vivida (em atos e ações) da vestimenta ao alimento, tudo deve ser carregado de humildade. Eles também representam um Francisco decididamente irreversível em relação a prática religiosa que deveria ser realizada pelos frades. Os desvios eram severamente punidos ou repelidos. Não aceitava o afastamento da pobreza e do que ele considerava correto.

Vemos um Francisco como um “Cristo pantocrator” que julga e segue os passos daqueles que cometem desvios. Francisco para os três companheiros era severo e meigo ao mesmo tempo, tinha a severidade do “pai” e a doçura da “mãe”. A pobreza era parte da perfeição evangélica desejada e vivida por Francisco.

Leão que era o secretário de Francisco, dizia “Francisco é o próprio reflexo da perfeita pobreza”. Apesar de toda essa conceitualização da pobreza na *Legenda dos Três Companheiros* a pobreza não é o essencial, pois

Francisco seria a personificação da pobreza e cada vez que seu nome é citado temos um reforço do conceito.

No ano de 1246, a Ordem está dividida entre os conventuais e os espirituais e toda a tentativa de união acabava por se tornar um ato de mais desunião, com certeza Leão, Rufino e Ângelo ao realizarem a recordação dos tempos que viveram ao lado de Francisco pretendiam realizar a unificação em prol do fundador. Mas o efeito foi justamente o contrário, mais acusações, mais desunião e novamente a busca incessante pela reconstituição de um Francisco ideal ou pobreza ideal.

Boaventura em sua “Legenda Maior” faz uma descaracterização dos Franciscos anteriores para suplementar as necessidades da Ordem com o seu Francisco, um de seus atos mais discutidos e repreendidos foi quando ordenou que todas as obras hagiográficas anteriores a sua fossem queimadas e que os frades só lessem a sua que a partir daquele momento seria única oficial e legítima. É claro que isso pouco adiantou na prática, já que o conflito era inevitável, as acusações eram frequentes sobre os franciscanos. Boaventura como excelente teólogo recriou um “Francisco angelical”, “anjo do sexto selo”, “dotado de dons divinos”, sua criação era teologia pura, fundamentado nos Evangelhos e profecias joaquimitas. A pobreza uma consequência de sua figura angelical e carregada de simbolismo. Na obra verificamos as qualidades de Boaventura em prender o leitor as características inerentes do “anjo”, um exemplo de desapego material, castidade, fidelidade a Igreja, obediência, humildade, caridade, entre outras.

Para Boaventura, os frades que lessem a Legenda teriam a necessidade de seguir seus passos para estarem mais próximos de seu melhor exemplo, Francisco (considerado o ponto inicial de toda Ordem). O que Boaventura não contava era que a Ordem já possuía uma consciência de quem era Francisco e o que ele representava.

As hagiografias anteriores reforçaram o abismo existente entre vários frades que não coabitavam as mesmas ideias uns dos outros. Havia dentro da Ordem os radicais, moderados e brandos, ou seja, os que queriam um retorno as origens, os queriam crescer, mas sem se afastar das origens e o que

desejavam o poder (conventos, universidades, estudos, segurança) e o simbolismo de Francisco.

Boaventura escreve para diminuir as diferenças entre os frades e unificá-los. Não podemos deixar de salientar que Boaventura foi com toda a certeza o último grande unificar da Ordem, suas ideias são vistas em várias sumas teológicas que tinham como objetivo primordial defender os franciscanos de várias acusações como ficou destacado ao longo da tese.

Ao compararmos as três hagiografias utilizadas para essa tese, inevitavelmente se deparamos com três propostas de pobreza, cada qual com intenções bem delineadas e de acordo com os interesses expostos naquele momento. Não devemos dar uma conclusão fechada, mas podemos declarar que a pobreza era inerente aos franciscanos e ao próprio Francisco, sem ela não teríamos os franciscanos, que afinal das contas nascem apoiados na pobreza.

A Ordem dos Frades Menores é o reflexo de seu fundador e a necessidade de definir a pobreza se torna cada vez mais frequente, as hagiografias franciscanas refletem essa necessidade e a cada nova hagiografia uma nova pobreza é colocada em voga. A partir da pobreza podemos refletir sobre a importância do conceito para Ordem e para o próprio Francisco. Os textos hagiográficos nos permitem essa reflexão, com uma leitura mais apurada e detalhada, sim.

Na nossa análise percebemos a importância da pobreza e principalmente sua mudança para cada autor, bem como para cada frade. Se olharmos hoje, ainda veremos essa preocupação em definir a “pobreza franciscana”, que definimos como uma junção de outros conceitos como caridade, humildade e fraternidade.

## **5. CRONOLOGIA FRANCISCANA (século XII e XIII)**

**1182** – Nascimento de Giovanne di Pietro di Bernardone, posteriormente chamado de Francisco.

**1200** – Revolta dos burgueses contra a opressão dos Senhores feudais. Tomada de la Rocca e fundação da República de Assis.

**1202** – Derrota dos assisianos na ponte São João. Francisco é feito prisioneiro por quase um ano, começa a mudança de atitude e mentalidade, que Tomás de Celano considera como o início do processo de conversão, ou seja, uma conversão gradual.

**1203** – Seu pai Pedro Bernardone paga para obter a liberdade de Francisco.

**1204** – Francisco apresenta momentos de euforia, com outros de intensa tristeza. Isso acontece no intervalo de suas febres delirantes.

**1205** – O encontro com o leproso no caminho de Espoleto.

**1206** – Ocorrem as primeiras manifestações do crucificado em São Damião. Francisco em praça pública renúncia aos bens paternos.

**1208** – Francisco termina a restauração da igreja de São Pedro della Spina, conhece a Porciúncula.

**1209** – 24 de fevereiro: Francisco implora que Cristo lhe mostre que caminho seguir, abre o Evangelho na Porciúncula e vê através das Escrituras que caminho seguir. Pega seus onze discípulos e parte para Roma. Aprovação da Regra ou proto-Regra por Inocêncio III.

**1212** – Clara pede para seguir Francisco, ocorre a vestição de Santa Clara na Porciúncula. Sua saída para o Oriente a fim de pregar o Evangelho falha.

**1214** – Francisco contrai uma doença, que irá acompanhá-lo por toda a sua vida, sua viagem para o Marrocos é interrompida. Retorna para Assis.

**1215** – IV Concílio de Latrão, onde ocorre o encontro de Francisco e Domingos.



**1216** – Capítulo de Pentecostes na Porciúncula. Morte de Inocêncio III em Perúgia para assumir o trono papal é eleito Honório III. A indulgência da Porciúncula.

**1217** – Capítulo das Esteiras: divisão da Ordem em províncias e decisão de enviar missionários ao estrangeiro.

**1218** – O Cardeal Hugolino é nomeado, a pedido do próprio Francisco, protetor da Ordem dos Frades Menores.

**1219** – Capítulo de Pentecostes. Partida de Francisco para o Egito e acaba por contrair tracoma.

**1220** – 29 de setembro. Francisco abandona o governo da Ordem e nomeia Pedro de Catânia como “prelado” da Ordem.

**1221** – Morte de Pedro de Catânia. Elias de Cortona torna-se novo “prelado” da Ordem. Redação e publicação da Segunda Regra (Primeira Regra que se conservou), conhecida como Regra não Bulada.

**1223** – Redação da nova Regra. O papa aprova-a pela *bula Solet Annuere* (23 de novembro) pelo papa Inocêncio III.

**1224** – 17 de setembro, Francisco recebe os estigmas no Monte Alverne.

**1225** – Francisco compõe o "Cântico do Sol", considerada uma das grandes obras da literatura.

**1226** – 3 de outubro: Francisco morre na Porciúncula aos 44 anos.

**1227** – Morte de Honório III. Eleito para seu lugar Gregório IX.

**1228** – 16 de julho: ocorre uma solenidade para realizar sua canonização. Carta *Sicut phialae aureae* (documento de santidade de Francisco, serve para comunicar decisões pontifícias) de Gregório IX.

**1228-1229** – Redação da *Legenda beati Francisci*, por Tomás de Celano.

**1229** – Carta *Sicut manifestum est* (contém importantes reflexões teológicas sobre a pobreza), de Gregório IX.

**1230** – 25 de maio: seus restos mortais são trasladados para a Basílica Patriarcal de Assis, construída para esse fim. Carta *Quo elongati* (torna o Testamento de Francisco apenas simbólico e não com valor institucional) de Gregório IX.

**1231** – Morre Frei Antônio de Pádua.

**1232** – Frei Elias eleito Ministro Geral, no capítulo de Rieti.

**1239** – Deposição de Frei Elias. Eleição de Frei Alberto de Pisa como Ministro geral. São constituídas o número de 32 Províncias na Ordem.

**1244** – Eleição de Frei Crescêncio de Iesi para Ministro Geral no capítulo geral de Genova. Frei Crescêncio é o que encomenda aos três companheiros para reunirem as recordações sobre Francisco.

**1245** – Carta *Ordinem vestrum* (anulava alguns parâmetros contidos na *Regula Bullata*), de Inocêncio IV.

**1246** – Redação da *Carta de Grécio* introdução a *Legenda trium socierum* por Leão, Rufino e Ângelo.

**1246-1247** – Redação do *Memoriale in desiderio animae* (também a pedido de Frei Crescêncio de Iesi, uma lembrança narrada por Tomás de Celano).

**1252** – Abertura da polêmica parisiense entre mestres seculares e mestres regulares. Questões envolvendo o abade Joaquim de Fiore e suas teorias. Vários franciscanos foram punidos pelo seu radicalismo.

**1253** – Morre Frei Elias. Morte de Clara de Assis.

**1257** – Eleição para Ministro geral Boaventura de Bagnoregio, no capítulo geral de Roma.

**1260** – Publicação das novas Constituições no capítulo geral de Narbona.

**1263** – Aprovação da *Legenda Maior* de Frei Boaventura de Bagnoregio, no capítulo geral de Pisa.

**1266** – No capítulo geral de Paris fica ordenado a destruição de todas as hagiografias anteriores a de Boaventura.

**1269** – Boaventura escreve a *Apologia pauperum* realizada com intuito de defender os franciscanos sobre o *usus pauper*.

**1271** – Frei Leão muito doente e perto da morte recebe a visita de frades espirituais.

**1273** – Boaventura nomeado cardeal.

**1274** – Morre Boaventura, após participar do II Concílio de Lion.

## 6. REFERÊNCIAS

### 6.1 FONTES

ACTA Ordinis Fratrum Minorum, Ano CVVI Fasc. I Ianuarii; aprilis, 2002, Cúria Geral dos Frades Menores.

BIBLIOTECA de autores cristianos. Obras de San Buenaventura. **Cuestiones disputadas sobre la perfección evangélica. – Apología de los pobres.** Madrid: La Editorial Catolica, 1949.

BOAVENTURA, S. **Legenda Maior.** Rio de Janeiro: Vozes, 1982.

BONAVENTURA, S. **Legenda maior e legenda menor:** vida de São Francisco de Assis. Petrópolis: Vozes, 1979.

BONAVENTURA DE BAGNOREGIO. **Escritos Filosófico-Teológicos.** Porto Alegre: Edipucrs, 1999. (col. Pensamento Franciscano, I).

SÃO BOAVENTURA. Itinerário da Mente para Deus. In: *Obras Escolhidas.* Org.

Luis A. De Boni. Caxias do Sul: Livraria Sulina Editora, 1985.

SÃO BOAVENTURA. *Obras Escolhidas.* Org. Luis A. De Boni. Caxias do Sul: Vozes/Livraria Sulina Editora, 1983.

CELANO, T. **Vida de São Francisco de Assis.** Petrópolis: Vozes, 1980.

ESSER, K. **Opuscula Sancti Patris Francisci Assisiensis.** Grottaferrata (Roma): Collegio S. Bonaventura, 1978.

FONTES FRANCISCANI. Assisi: Edizione Porziuncola, 1995.

FONTI FRANCESCANI I: scritti e biografie di san Francesco d'Assisi; cronache e altre testimonianze del primo secolo francescano, scritti e biografie di santa Chiara d'Assisi. v. I. Bologna: Edizione speciale per le famiglie francescane, 1977.

FONTI FRANCESCANI II: cronache e altre testimonianze del primo secolo francescano, scritti e biografie di santa Chiara d'Assisi. v. II. Bologna: Edizione speciale per le famiglie francescane, 1977.

LE SACRE nozze del Beato Francesco con Madonna Povertà. Milano: Editrice Vita e Pensiero, 1963.

SILVEIRA, Ildefonso; REIS, Orlando dos (Org.). **São Francisco de Assis: escritos e biografias de São Francisco de Assis; crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscanos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

## 6.2 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A RELIGIÃO: o seminário de Capri. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

ACTA Ordinis Fratrum Minorum, Ano CVVI Fasc. I Ianuarii; aprilis, 2002, Cúria Geral dos Frades Menores.

BARRACLOUGH, G. **Os Papas na Idade Média**. Lisboa: Verbo, 1973.

BARTOLI, M. **Clara de Assis**. Petrópolis: Vozes, 2001.

BAUMGARTNER, M. **A Igreja no Ocidente: das origens às reformas no século XVI**. Lisboa: Edições 70, 2001.

BERLIOZ, J. (Org.). **Monges e religiosos na Idade Média**. Lisboa: Terramar, 1996.

BERNARDI, Orlando. Solidariedade de Francisco de Assis com os pobres. In: MOREIRA, Alberto da Silva. **Herança Franciscana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

BIGI, M. **O Tau: um sinal, uma espiritualidade**. Petrópolis: Vozes: FFB, 2004.

BLOCH, M. L. B. **A sociedade feudal**. Paris: Albin Michel, 1968.

BOFF, L. **A Pobreza no Mistério do homem e de Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1974.

BOFF, L. **São Francisco de Assis: ternura e vigor**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BONI, A. **As três Ordens Franciscanas**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BONI, Andrea. **Novitas francescana nel suo essere e nel suo divenire**. Roma, 1998.

BONI, A. **Regole Religiose di ieri e di oggi**. Roma: Edizioni Studium, 1999.

BURR, David. **De usu paupere - The Quaestiones and the Tractatus**. Firenze: Perth, 1992.

BURR, David. **Olivi e la povertà francescana: la origini della controversia sull'usus pauper**. Milano: Edizioni Biblioteca Franciscana, 1992.

CADIOU, François; et. al. **Como se faz a história**: historiografia, método e pesquisa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. A tipologia da santidade na Península Itálica entre os séculos XI e XIII. In: SILVA, Andréia C. L. F. da; SILVA, Leila R. (Org.) **Atas da IV Semana de Estudos Medievais do Programa de Estudos Medievais da UFRJ**. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 2001.

CARVALHO, Fabrícia A. T. O discurso de controle da Igreja no século XIII. SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da; SILVA, Leila Rodrigues. (Org.) **Atas da VI Semana de estudos Medievais do Programa de Estudos Medievais da UFRJ**. Rio de Janeiro: IFCS, 2006.

CASTANHARO, Marcio Luiz. **A contemplação de Deus na Obra Itinerarium Mentis In Deum de São Boaventura**. In: COSTA, S.; SILVA, A. C. L. F.; SILVA, L. R. (Org.) **Atas do Ciclo Tradição Monástica e o Franciscanismo**. Rio de Janeiro: Vozes/FFB, 2002.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. (F. Comesu, Trad.). São Paulo: Contexto, 2002.

CONTI, M. **Estudos e Pesquisas sobre o franciscanismo das origens**. Petrópolis: Vozes, 2004.

COSTA, S.; SILVA, A. C. L. F.; SILVA, L. R. (Org.) **Atas do Ciclo: A Tradição Monástica e o Franciscanismo**. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2003.

COVI, E.; RAURELL, F. **Metodi di lettura delle Fonti Francescane**. Roma: Collegio S. Lorenzo da Brindisi, 1988.

DE BONI, Alberto Luis. *São Boaventura: Obras Escolhidas*. Caxias do Sul:

DELEHAYE, Hippolyte. Apud. FORTES, Carolina Fortes. A produção literária dominicana no século XII: uma breve visão sobre a hagiografia. In: COSTA, Sandro da; SILVA, Andréia C. L. F. da; SILVA, Leila R. (Org.) **Atas do Ciclo: A Tradição Monástica e o Franciscanismo**. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2003.

DESBONNETS, T. **Da intuição a instituição**. Petrópolis: CEFEPAL, 1987.

DESBONNETS, T. **Legenda trium sociorum**: edition critique. Grottaferrata: Collegii S. Bonaventurae ad Claras Aquas, 1974.

DICIONÁRIO Franciscano. Petrópolis: Vozes, 1999.

DICIONÁRIO Teológico Histórico. Curitiba: Paulus, 1995.

DICIONÁRIO Temático do Ocidente Medieval. Bauru/SP: Edusc, 2006. 2v.

DIRETÓRIO DA REGRA DE SÃO FRANCISCO: editado, como manuscrito, pelos Franciscanos da Alemanha. Petrópolis: Vozes, 1958.

DOLSO, M. T. **“Et sint Minores”**: Modelli di vocazione e reclutamento dei frati Minori nel primo secolo francescano. Milano: Edizioni Biblioteca Francescana, 2000.

DUBY, G. **As três ordens ou o imaginário do feudalismo**. Lisboa: Estampa, 1982.

DUBY, G. **O tempo das catedrais**: a arte e a sociedade, 980-1420. Lisboa: Editorial Estampa, 1979.

DUFFY, E. **Santos e Pecadores**: história dos Papas. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.

EINAUDI: Mytos-logus. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989.

ELCID, D. **Companheiros primitivos de São Francisco**. Portugal/Braga: Ed. Franciscana, 1995.

ENGLEBERT, Omer. **Vida de São Francisco de Assis**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1978.

ESCOBAR, F. U. **Strutture e specificità della vita religiosa**: secondo la regola di S. Benedetto e gli opuscoli do S. Francesco D’Assisi. Roma: Studia Antoniana, 1979.

ESSER, K. **Origens e espírito primitivo da Ordem Franciscana**. Petrópolis: Vozes, 1972.

FALBEL, N. **Heresias Medievais**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

FALBEL, N. **Os espirituais franciscanos**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

FASSINI, D. **Legenda dos Três Companheiros**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

FLOOD, David. **Frei Francisco e o movimento franciscano**. Petrópolis: Vozes/ Cefepal, 1986.

FORTES, Carolina Coelho. Pressupostos teóricos para o estudo da hagiografia. In: SILVA, Andréia C. L. F. da; SILVA, Leila R. (Org.) **Atas da IV Semana de Estudos Medievais do Programa de Estudos Medievais da UFRJ**. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 2001.

GEMELLI, A. **O franciscanismo**. Petrópolis: Vozes, 1945.

GEREMEK, B. **A piedade e a força**: história da miséria e da caridade na Europa. Lisboa: Terramar, 1986.

GOSRKY, I. **São Francisco de Assis e o espírito franciscano**. São Paulo: Editora Agir, 1983.

GRATIEN DE PARIS. **Histoire de la fondation et de l'évolution de l'Ordre des Freres Mineurs au XIII siècle**. Roma: Istituto Storico dei Cappuccini, 1982.

HARDICK, Lothar. **Pobreza, pobre**. In: DICIONÁRIO FRANCISCANO. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

HEERS, J. **História Medieval**. São Paulo: Difel, 1981.

HERANÇA FRANCISCANA. (Org.) MOREIRA, A. S. Petrópolis: Vozes, 1996.

HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA: da Europa feudal à Renascença. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. v. 2.

HUIZINGA, J. **O declínio da Idade Média**. Lisboa: Editora Ulisseia, 1920.

JOERGENSEN, Johannes. **São Francieco de Assis**. Petrópolis: Vozes, 1932.

KOSER, C. **O pensamento franciscano**. Petrópolis: Vozes, 1999.

LAMBERT, M. D. **Povertá francescana**: la dottrina dell'assoluta povertá di Cristo e degli apostoli nell'ordine Francescano (1210-1323). Milano: Edizioni Biblioteca Francescana, 1995.

LAMBERTINI, R.; TABARRONI, A. **Dopo Francesco**: l'ereditá defficile. Torino: Ed. Gruppo Abele, 1989.

LARRAÑAGA, I. **O irmão de Assis**. São Paulo: Paulinas, 2001.

LE GOFF, J. **A bolsa e a vida**. Lisboa: Teorema, 1987.

LE GOFF, J. **A Civilização do Ocidente Medieval**. Lisboa: Estampa, 1982. 1v.

LE GOFF, J. **A Civilização do Ocidente Medieval**. Lisboa: Estampa, 1982. 2v.

LE GOFF, J. **O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente Medieval**. Lisboa: 70 edições, 1983.

LE GOFF, J. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LE GOFF, J. **São Luís**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais da Idade Média**. Trad. Margarida Sérulo

LE GOFF. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LECLERC, E. **Francisco de Assis**: o retorno ao Evangelho. Petrópolis: Vozes, 1983.



LOYN, Henry R. (Org.). **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

LUCAS, Maria Clara Almeida. **Hagiografia Medieval Portuguesa**. Portugal: Instituto de Cultural e Língua Portuguesa, 1984.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas/SP: Pontes, 1997.

MANSELLI, R. **Francesco e i suoi compagni**. Roma: Istituto Storico dei Cappuccini, 1995.

MANSELLI, R. **São Francisco**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MERLO, G. G. **Em nome de São Francisco**: história dos Frades Menores e do franciscanismo até inícios do século XVI. Petrópolis: Vozes, 2005.

MERLO, G. G. **Intorno a frate Francesco**: quattro studi. Milão: Edizioni Biblioteca Francescana, 1993.

MESSA, P. **Le fonti patristiche negli scritti di Francesco di Assisi**. Assisi: Edizioni Porziuncola, 1999.

MICCOLI, G. **Francesco d'Assisi e l'Ordine dei Minori**. Milão: Ed. Biblioteca Francescana, 1999.

MICCOLI, G. **Francisco de Assis**: realidade e memória de uma experiência cristã. Petrópolis: FFB, 2004.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

MOLLAT, M. **Os pobres na Idade Média**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

NICOLOSI, S. **Medioevo francescano**: S. Francesco d' Assisi, S. Bonaventura da Bagnoregio, S. Bernardino de Siena. Roma: Borla, 1984.

NIGG, W. **O Homem de Assis**: Francisco e seu mundo. Petrópolis: Vozes, 1975.

NOSSO IRMÃO: Francisco de Assis. Petrópolis: Vozes, 1975.

ORLANDI, E. (org.). **Palavra, Fé, poder**. Campinas, SP: Pontes, 1987.

PAOLAZZI, C. **Lettura degli "Scritti" di Francesco d'Assisi**. Milano: Edizioni O. R., 1992.

PEDROSO, J. C. C. **Fontes Franciscanas**: apresentação geral. Piracicaba: Centro Franciscano de Espiritualidade, 1998.

PINTARELLI, Ary E. **Cavaleiros da Dona Pobreza**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

POLIDORO, G. **Francisco**. Petrópolis: Vozes, 1999.

PRANGENBERG, E. **Francisco entre os seculares**. Rio de Janeiro: Tópicos histórico-sociais, Ed. do Autor, 1996.

REHFELD, Walter I. **Tempo e religião**: a experiência do homem bíblico. São Paulo: Perspectiva/USP, 1988.

NASCIMENTO, Carlos Arthur Ribeiro do. **Um mestre no ofício**: Tomás de Aquino. São Paulo: Paulus, 2011.

ROTZETTER, A. **Clara de Assis**: a primeira mulher franciscana. Petrópolis: Vozes, 1994.

SABATIER, P. **Estudos inéditos sobre São Francisco de Assis**. Lisboa: Edições Franciscanas, 1932.

SABATIER, Paul. **Vida de São Francisco de Assis**. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2006.

SILVA, Andréia C. F. da. Moda, santidade e gênero na obra hagiográfica de Tomás de Celano. In: COSTA, Sandro da; SILVA, Andréia C. L. F. da; SILVA, Leila R. (Org.) **Atas do Ciclo**: A Tradição Monástica e o Franciscanismo. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2003.

SILVEIRA, I. **“Senhora” Pobreza**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SILVEIRA, I. **Itinerário de Francisco de Assis**. Petrópolis: Vozes, 1981/9.

SILVEIRA, I. **O Passado interroga São Francisco**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVEIRA, I. **O que é franciscanismo?** Bragança Paulista: USF/IFAN, 1996.

SILVEIRA, I. **Retrato de Santa Clara de Assis**: na literatura hagiográfica. Petrópolis: Vozes, 1995.

SILVEIRA, I. **São Francisco de Assis**: ensaio de leitura de fontes. Petrópolis: Vozes, 1990.

SOCIETÀ Internazionale di studi francescani. **Chi erano gli spirituali**. Atti del III Convegno Internazionale. Assisi: s. n., 1976.

SOCIETÀ Internazionale di studi francescani. **La Povertà del secolo XII e Francesco d’Assisi**. Atti del II Convegno Internazionale. Assisi: s. n., 1975.

SOUZA, A. C. M. **Literatura e sociedade**. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

- SPINA, S. **A cultura literária Medieval**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997.
- SPOTO, Donald. **Francisco de Assis: o santo relutante**. Rio de Janeiro, 2010.
- STICCO, M. **São Francisco de Assis**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- TEIXEIRA, Celso Márcio. O contexto religioso do surgimento do Movimento de Francisco de Assis. In: **Atas do Ciclo Tradição Monástica e Franciscanismo**. Rio de Janeiro: Fábrica do livro, 2003.
- URIBE, F. **Introduzione alle agiografie di S. Francesco e S. Chiara D'Assisi** (séc. XIII-XIV). Roma: Ratatori, 1996.
- URIBE, F. **Pelos caminhos de Assis**. Bragança: USF, s/d.
- VERGER, J. **As Universidades na Idade Média**. São Paulo: UNESP, 1990.
- VITRY, J. **Historia Occidental**. Lisboa: Edições Franciscanas, 1972.
- WADDINGUS, L. **Annales Minorum**. Firenze: Quaracchi, 1933.

## 7. ANEXOS

### **Anexo 1-** Estrutura *Vita Prima*:

Cap. 1. Conduta e mentalidade mundanas de Francisco

Cap. 2. O senhor transforma seu coração por meio de uma doença e de um sonho

Cap. 3. Transformado de espírito, mas não de corpo, fala alegoricamente de um tesouro encontrado e de uma noiva

Cap. 4. Vende tudo e despreza o dinheiro recebido

Cap. 5. Perseguido e aprisionado pelo pai

Cap. 6. É libertado por sua mãe. Despoja-se da roupa diante do bispo de Assis

Cap. 7. Assaltado por ladrões, é jogado na neve. Servidor dos leprosos

Cap. 8. Restauração da igreja de São Damião. A vida das religiosas que ali moravam

Cap. 9. Francisco muda o hábito e repara a igreja de Santa Maria da Porciúncula. Tendo ouvido o Evangelho, abandona tudo. Imagina e faz o hábito que os frades usam

Cap. 10. A pregação do Evangelho e o anúncio da paz. Conversão dos seis primeiros frades

Cap. 11. Espírito profético e advertências de São Francisco

Cap. 12. Envia-os, dois a dois, pelo mundo. Logo se reúnem de novo

Cap. 13. Escreve a Regra quando tem apenas onze irmãos. O papa Inocêncio a confirma. Visão da árvore

Cap. 14 Volta de Roma para o vale de Espoleto. Uma pausa no caminho.

Cap. 15 Fama de Francisco. Conversão de muitos. Como a Ordem se chamou dos Frades Menores. Instruções de São Francisco aos que entram na Ordem

Cap. 16 A estadia em Rivotorto e a guarda da pobreza

Cap. 17 São Francisco ensina os irmãos a rezar. Obediência e simplicidade dos frades

Cap. 18 O carro de fogo. Conhecimento das coisas ausentes

Cap. 19 Cuidado pelos irmãos. Desprezo de si mesmo e verdadeira humildade

Cap. 20 Seu desejo de martírio leva-o à Espanha e depois à Síria. Por sua intercessão, Deus livra os marinheiros do perigo, multiplicando a comida

Cap. 21 Pregação aos pássaros e obediência das criaturas

Cap. 22 Pregação de São Francisco em Áscoli. Doentes curados por objetos tocados por ele

Cap. 23 Cura de um coxo em Toscanella e de um paralítico em Narni

Cap. 24 Restitui a vista a uma cega. Cura as mãos encolhidas de uma mulher em Gúbio

Cap. 25 Livra um irmão de uma doença epilética, isto é, de um demônio, e uma pessoa em São Geminiano

Cap. 26 Expulsão de um demônio também na cidade de Castelo

Cap. 27 Clareza e firmeza do pensamento de São Francisco. Pregação diante do Senhor Papa Honório. Confia a si mesmo e a seus frades nas mãos de Hugolino, bispo de Óstia

Cap. 28 Caridade e compaixão para com os pobres. O que fez por uma ovelha e uns cordeirinhos

Cap. 29 Seu amor pelo Criador em todas as criaturas. Descrição de sua personalidade e de seu aspecto exterior

Cap. 30 Prepara um presépio no dia de Natal

O segundo livro está dividido em 10 capítulos e 31 parágrafos, assim organizados:

Cap. 1 Começa o segundo livro, que narra apenas os dois últimos anos e a morte feliz de nosso bem-aventurado pai

Cap. 2 O maior desejo de São Francisco. Compreende a vontade de Deus a seu respeito ao abrir o livro

Cap. 3 Aparição do Serafim crucificado

Cap. 4 Fervor de São Francisco. Sua doença da vista

Cap. 5 Recebido em Rieti por Hugolino, bispo de Óstia. Prenuncia-lhe o santo que seria bispo de todo o mundo

Cap. 6 Comportamento dos irmãos que cuidam de São Francisco. Como deseja viver

Cap. 7 Volta de Sena para Assis. Permanência em Santa Maria da Porciúncula. Benção para os frades

Cap. 8 Suas últimas palavras, desejos e atos

Cap. 9 Lamentação dos frades e sua alegria ao lhe descobrirem os sinais da cruz. As asas do Serafim

Cap. 10 Pranto das senhoras em São Damião. Louvor e glória de seu sepultamento

Finalmente, Celano conclui sua hagiografia com o terceiro livro (sem capítulos e com 8 parágrafos) e um apêndice de Milagres (sem capítulos e com 8 parágrafos) e um epílogo contendo 1 parágrafo, assim expostos:

Começa o terceiro livro, sobre a canonização do bem-aventurado pai São Francisco e seus milagres (terceiro livro)

Paralíticos (Milagres)

Cegos

Possessos do demônio

Enfermos libertados da morte. Um inchado, um hidrópico, um artrítico, paralíticos e outros enfermos diversos

Leprosos

Surdos e mudos

Epílogo

## **Anexo 2 – Estrutura Legenda dos Três Companheiros:**

### Epístola

Capítulo 1 – Do nascimento, da vaidade, da fidalguia e da prodigalidade de Francisco, e como, daí, chegou à generosidade e à caridade para com os pobres

Capítulo 2 – Como foi preso em Perusa e das duas visões que teve quando desejava entrar para a milícia

Capítulo 3 – Como o Senhor primeiro visitou seu coração com admirável doçura, em virtude da qual começou a crescer pelo desprezo de si mesmo e de todas as vaidades, bem como pela oração, pelas esmolas e pelo amor à pobreza

Capítulo 4 – Como, a partir dos leprosos, começou a vencer-se a si mesmo e a sentir doçura naquelas coisas que antes lhe pareciam amargas

Capítulo 5 – Da primeira vez em que o Crucificado lhe falou e como, desde esse momento até a morte, trouxe a paixão de Cristo em seu coração

Capítulo 6 – Como pela primeira vez fugiu às perseguições do pai e dos parentes, ficando com o sacerdote de São Damião, igreja onde jogara dinheiro a uma janela

Capítulo 7 – De seu grande trabalho e aflição na reforma da igreja de São Damião, e como, mendigando, começou a vencer-se a si mesmo

Capítulo 8 – Como, ouvidos e entendidos os conselhos de Cristo no Evangelho, imediatamente mudou o hábito exterior e vestiu um novo hábito de perfeição, interior e exteriormente

Capítulo 9 – De como Frei Silvestre foi chamado e da visão que teve antes de ingressar na Ordem

Capítulo 10 – Como predisse a seis de seus companheiros as coisas que haviam de suceder-lhes ao irem pelo mundo exortando-os à paciência

Capítulo 11 – Da admissão de quatro novos irmãos, da ardentíssima caridade que os primeiros irmãos tinham uns para com os outros, da solicitude no trabalho e na oração e da sua perfeita obediência

Capítulo 12 – Como o bem-aventurado Francisco, com os onze companheiros, foi à Cúria do papa notificar-lhe seu propósito e conseguir a aprovação da Regra que havia escrito

Capítulo 13 – Da eficácia da pregação de Francisco, de sua primeira morada, como os irmãos ali estavam e como dali saíram

Capítulo 14 – Do capítulo que se realizava duas vezes por ano em Santa Maria da Porciúncula

Capítulo 15 – Da morte do Cardeal João, primeiro protetor, e da nomeação do Cardeal Hugolino, bispo de Óstia, como pai e protetor da Ordem

Capítulo 16 – Da eleição dos primeiros ministros e como foram enviados pelo mundo

Capítulo 17 – Da morte santíssima do bem-aventurado Francisco e como ele, dois antes, havia recebido os estigmas de nosso Senhor Jesus Cristo

Capítulo 18 – De sua canonização



**Anexo 3** – Estrutura da *Legenda Maior*:

Prólogo

Cap. 1 Sua vida no mundo

Cap. 2 Conversão definitiva e restauração de três igrejas

Cap. 3 Fundação da Ordem e aprovação da Regra

Cap. 4 Progresso da Ordem sob sua direção e confirmação da Regra aprovada anteriormente

Cap. 5 Austeridade de vida e como as criaturas lhe proporcionam consolo

Cap. 6 Humildade e obediência, favores com que Deus o cumulava

Cap. 7 Amor à pobreza e intervenções miraculosas nas necessidades

Cap. 8 Seu sentimento de compaixão e o amor que as criaturas lhe devotavam

Cap. 9 Fervor de sua caridade e desejo do martírio

Cap. 10 Zelo na oração e poder de sua prece

Cap. 11 Conhecimento das Escrituras e espírito de profecia

Cap. 12 Eficácia de sua pregação e poder de curar

Cap. 13 Os sagrados estigmas

Cap. 14 Sua admirável paciência e morte

Cap. 15 Sua canonização e trasladação de seus restos mortais

Alguns milagres realizados após a morte de São Francisco

O poder dos estigmas

Alguns mortos que ressuscitaram

Alguns que São Francisco salvou do perigo da morte

Náufragos socorridos

Prisioneiros e encarcerados postos em liberdade

Mulheres socorridas na hora do parto

Cegos que recobram a vista

Acréscimo posterior

Enfermos curados de várias doenças

Os que não quiseram honrar o santo respeitando sua festa como dia santo de guarda

Outros milagres diversos

Acréscimo posterior